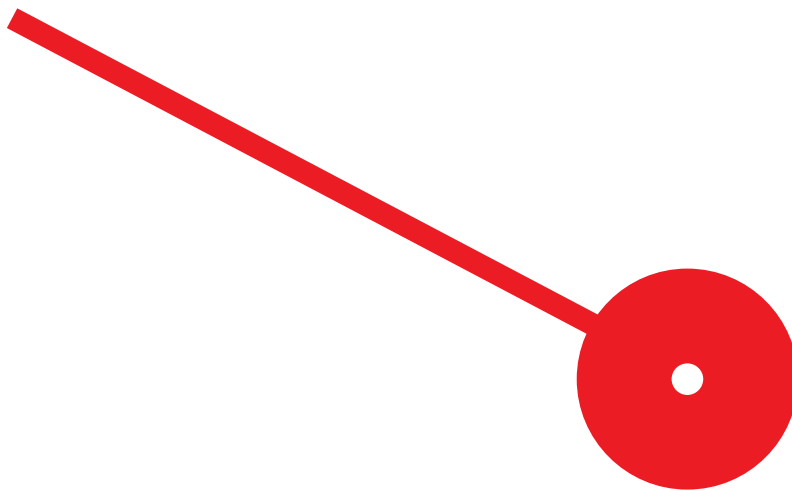


Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas

Tradução Comentada do romance juvenil *Wenn das Glück kommt, muss man ein Stuhl hinstellen*, de Mirjam Pressler

Eliana Maria dos Santos Pereira

10-2019



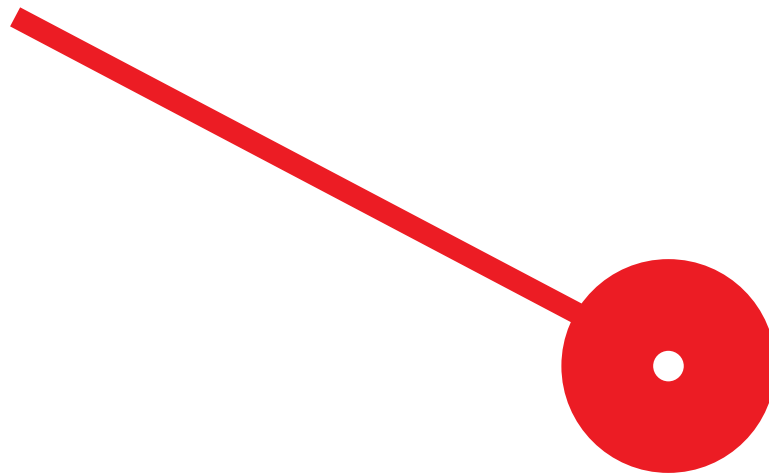
Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas

Tradução Comentada do romance juvenil *Wenn das Glück kommt, muss man ein Stuhl hinstellen*, de Mirjam Pressler

Eliana Maria dos Santos Pereira

10-2019

Trabalho projeto apresentado ao Instituto de Contabilidade e Administração do Porto para a obtenção de grau de Mestre em Tradução e Interpretação Especializadas, sob orientação da Doutora Maria Manuela Ribeiro Veloso



Versão final – esta versão contém as críticas e sugestões dos elementos do júri

Resumo:

Este trabalho projeto tem como propósito principal apresentar uma proposta de tradução para a língua portuguesa dos seis primeiros capítulos do romance juvenil da autora Mirjam Pressler *Wenn das Glück kommt, muss man ihm einen Stuhl hinstellen*.

Esta autora alemã foi selecionada porque tem uma vasta obra literária premiada na vertente de literatura infanto-juvenil. Seria interessante traduzir Mirjam Pressler para português, dando assim a conhecer aos jovens portugueses a obra literária desta autora que traz muitos ensinamentos de carácter social e histórico no contexto do Holocausto e pós guerra.

Esta obra foi escolhida em particular por possuir um carácter muito autobiográfico e por ser um livro apaixonante em que a personagem central, Halinka, apesar de viver uma infância e adolescência difíceis consegue construir a sua identidade a partir de pedaços quebrados e encontrar um modo de vida.

Este romance juvenil em particular foi escolhido porque os jovens devem ser incentivados para a leitura, permitindo assim o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo, mas também o seu desenvolvimento pessoal e social.

Ao longo deste trabalho projeto serão identificadas algumas dificuldades tradutivas do alemão para o português.

Palavras chave: tradução literária de língua alemã; romance juvenil; Mirjam Pressler; problemas tradução.

Abstract:

This project report pretends to present a proposed translation into Portuguese of the first six chapters of the youth novel by Mirjam Pressler *Wenn das Glück kommt, muss man ein Stuhl hinstellen*.

This German author was selected because she has a vast literary work awarded in the area of children's literature. It would be interesting to translate Mirjam Pressler into Portuguese, thus by making her literary work known to the young Portuguese people the literary work of this author that brings many social and historical teachings in the context of Holocaust and post war.

This work was chosen in particular because it has a very autobiographical character and is a passionate book in which the central character, Halinka, despite living a difficult childhood and adolescence manages to build her identity from broken pieces and find a way of life.

This particular youth novel was chosen because young people should be encouraged to read, thus enabling their linguistic and cognitive development, but also their personal and social development.

Throughout this project some translation difficulties will be identified from German to Portuguese.

Key words: literary translation from German; youth romance; Mirjam Pressler; translation problems.

Agradecimentos

À minha orientadora, Doutora Maria Manuela Ribeiro Veloso, pela orientação científica neste trabalho assim como o imenso carinho, apoio e compreensão que sempre demonstrou por mim ao longo deste desafio.

Queria deixar um carinho especial ao Doutor Marco Mendes Furtado que despoletou em mim o desejo de concluir este Mestrado.

Não posso deixar de agradecer o incentivo fundamental da Doutora Sandra Ribeiro.

Agradeço a todos os professores do Iscap do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas os ensinamentos fundamentais nesta área do saber.

À minha querida amiga Marta Fabela quero agradecer todo o apoio dado ao longo destes anos e amizade forte que construímos.

Quero ainda agradecer todo o apoio da minha amiga Andreia Colaço e Lisette Marques.

Tenho que agradecer aos meus pais, António e Armanda Pereira que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões ao longo de toda a minha Vida. Estiveram sempre presentes nos momentos mais difíceis e nos mais felizes, foram de facto um suporte fundamental durante a minha Vida.

Aos meus dois queridos filhos: Diogo Miranda e Sara Miranda. Foram eles que ao longo destes anos me ajudaram a autoconstruir-me e a autoconhecer-me e me levaram a conquistar um amor incondicional pela Vida.

Tenho de homenagear o nome da minha querida Professora e já falecida Doutora Dalila Lopes que há uns anos me incentivou a iniciar este trabalho projeto.

Índice geral

Capítulo - Introdução	1
Capítulo I – Wenn das Glück kommt, muss man ihm einen Stuhl hinstellen	3
1.1 A autora: Mirjam Pressler	4
1.2 A obra: <i>Wenn das Glück kommt, muss man ihm einen Stuhl hinstellen</i>	6
Capítulo II – Conceito Literatura Infanto-Juvenil	9
2.1 Breve reflexão sobre o Conceito de Literatura Infanto-Juvenil	10
2.2 Breve reflexão sobre as características do Romance Juvenil	13
Capítulo III – Tradução Comentada	16
3.1 Tradução em português comentada dos seis primeiros capítulos.....	17
3.2 Questões tradutivas.....	56
Capítulo IV – Conclusão	60
Referências Bibliográficas	65
Anexo	69

Introdução

Este relatório de trabalho projeto tem como objectivo principal apresentar uma proposta de tradução do alemão para o português do romance alemão de literatura juvenil da autora Mirjam Pressler que se intitula *Wenn das Glück kommt, muss man ihm einen Stuhl hinstellen*, que traduzido para português significa: *Quando a sorte aparece, devemos puxar-lhe uma cadeira*.

A proposta de tradução deste romance limita-se aos seis primeiros capítulos num universo de dezassete capítulos. O objectivo final será a tradução integral do romance com o intuito de ser publicado em português.

No primeiro capítulo é realizada a apresentação da biografia da autora Mirjam Pressler, assim como as temáticas abordadas nos seus livros. Procede-se também à elaboração de um pequeno resumo da história da obra aqui traduzida, para desta forma se compreender melhor o estilo e características deste romance de Mirjam Pressler.

Na minha opinião este romance juvenil é apaixonante e possui ensinamentos importantes a um nível histórico, sociológico e filosófico que merecem ser divulgados através da sua tradução para português.

No segundo capítulo procede-se a uma breve reflexão sobre o conceito de literatura infanto-juvenil e sobre algumas características gerais que o romance juvenil apresenta, apresentando alguns exemplos da obra aqui traduzida.

No terceiro capítulo apresenta-se a proposta de tradução de forma comentada dos seis primeiros capítulos do romance e realiza-se algumas reflexões sobre os problemas de tradução que esta obra suscitou e a maneira como foram solucionados.

No quarto e último capítulo procede-se a uma reflexão sobre a importância de traduzir um romance juvenil, em particular este romance juvenil de Mirjam Pressler.

Capítulo I – Wenn das Glück kommt, muss man ihm einen Stuhl hinstellen

11 A Autora: Mirjam Pressler

Mirjam Pressler foi uma autora de livros infantis e juvenis de maior sucesso na Alemanha, escreveu mais de quarenta livros¹, incluindo uma biografia de Anne Frank. Nasceu em 18 junho de 1940 na cidade alemã Darmstadt e faleceu em 16 de janeiro deste ano, 2019. Além do seu trabalho como escritora de renome na área de literatura infanto-juvenil ficou também conhecida como tradutora. Traduziu mais de quatrocentos títulos de holandês, inglês, hebraico e africâner para alemão. Mirjam Pressler traduziu grandes autores como Amos Oz e Sheiva Zalev. A tradução dos diários de Anne Frank foi de grande importância pessoal para Mirjam Pressler.

Era filha ilegítima de uma judia e na sua infância foi educada por pais adotivos. Por isso, escapou da perseguição nazista. Mirjam Pressler só soube da sua origem judia aos 11 anos, quando frequentou um colégio interno.

O seu percurso académico foi realizado na Academia de Artes em Frankfurt durante seis semestres e mais tarde estudou línguas em Munique.

As suas raízes judaicas suscitaram-lhe o interesse de voltar a Israel em 1962. Lá trabalhou num kibutz² que é uma forma de coletividade comunitária israelita. Combinando o socialismo com o sionismo trabalhista, o kibutz é uma experiência única israelita e faz parte de um dos maiores movimentos comunais seculares na história.

Dois anos depois, em 1964, Mirjam Pressler casou com um israelita. Teve três filhas entre 1966 e 1969. Divorciou-se em 1970 e nesse ano voltou para a Alemanha com as suas três filhas.

Em Munique Mirjam Pressler abre uma loja de jeans. Passados oito anos teve de encerrar esta actividade comercial e passou a trabalhar num escritório em tempo parcial.

Mirjam Pressler começou a escrever quando tinha quarenta anos, no final dos anos setenta, como forma de ganhar algum dinheiro extra.

¹ Para ver produção literária de Mirjam Pressler consultar [<https://www.mirjampressler.de/werk/>], acessado em 1 outubro 2019.

² Para saber sobre esta forma de coletividade comunitária consultar: [<https://www.coisasjudaicas.com/2012/11/o-que-e-kibutz.html>], acessado em 1 outubro 2019

Em 1980 publica o seu primeiro romance juvenil *Bitterschokolade* [Chocolate Negro] que recebeu logo nesse ano o prémio de Literatura Infantil e Juvenil de Oldenburg³. De realçar que em 2001 Mirjam Pressler recebeu como prémio a Medalha Carl-Zuckmayer pelos seus méritos em favor da língua alemã e recebeu em 2010 o prémio alemão de literatura juvenil por toda a sua obra literária produzida.

De assinalar ainda que o romance juvenil aqui tratado *Wenn das Glück kommt, muss man ein Stuhl hinstellen* foi publicado em 1994 e recebeu o prémio de literatura juvenil alemã em 1995 assim como o prémio “La vache qui lit” da cidade de Zurique.

Mirjam Pressler conta histórias nos seus livros de literatura infanto-juvenil que geralmente retratam uma infância e adolescência desditosa. A temática recorrente na escrita de Mirjam Pressler passa por problemas sociais ligados a crianças negligenciadas ou pessoas que não tiveram muita sorte na Vida. Mas também o Holocausto e a vida judaica na Alemanha são temas importantes para uma filha ilegítima de uma mãe judia.

Ao lermos a obra literária de Mirjam Pressler percebe-se que a autora concebe a existência humana como algo muito complexo e problemático, isto é, reconhece a dificuldade do Ser Humano em entender o mundo, os outros e a si mesmo. Mirjam Pressler reconhece que a Vida é muito complexa, especialmente quando se é criança. Na infância está-se mais desamparado, depende-se mais dos outros e por consequência tem-se menos liberdade de escolha. Mirjam Pressler entende as necessidades e medos das crianças e adolescentes. As histórias desta autora transmitem tudo menos um Mundo saudável. É de salientar que a sua escrita é muito autobiográfica e Mirjam Pressler nasceu e cresceu no contexto da Segunda Guerra Mundial, com muita pobreza e escassez.

A escrita de Mirjam Pressler reflete sobre uma Alemanha pobre, descreve famílias que vivem numa grande escassez, retrata pessoas que por um motivo ou outro vivem fora da sociedade.

Como Mirjam Pressler afirma: “Não tenho ilusão que os livros possam mudar o Mundo, mas para uma certa pessoa um determinado livro pode adquirir um significado importante e histórico.”

³ Para ver todos os prémios de Mirjam Pressler consultar:
[\[https://www.inhaltsangabe.de/autoren/pressler/\]](https://www.inhaltsangabe.de/autoren/pressler/), acedido em 1 outubro 2019.

12 A Obra: *Wenn das Glück kommt, muss man ein Stuhl hinstellen*

Mirjam Pressler publica em 1994 o romance juvenil *Wenn das Glück kommt, muss man ein Stuhl hinstellen* que tem como personagem principal uma menina de doze anos chamada Halinka que é narradora na primeira pessoa. Halinka é uma menina judia de origem polonesa que vive num orfanato em 1952 perto de Schwetzingen na Alemanha.

O livro tem dezassete capítulos e narra o quotidiano no orfanato desta menina reservada e desconfiada, abordando o sofrimento e o destino das crianças refugiadas da Alemanha do pós-guerra. Neste livro Mirjam Pressler descreve como Halinka, com apenas doze anos, já era uma menina forte e moldada para a Vida que nunca desistia. E que com perseverança se pode sair de qualquer situação difícil, mesmo não sendo um caminho fácil, não é um caminho impossível.

Halinka vive neste orfanato há dois anos porque como não era fácil cuidar das famílias no período pós-guerra, a sua mãe tomou a decisão de a deixar no orfanato. Mesmo a tia Lou, irmã da mãe de Halinka, uma personagem fundamental neste romance pois ensina tudo a Halinka, não conseguia cuidar de Halinka devido à pressão financeira que tinha na época.

O orfanato é descrito como um sítio solitário e repleto de sofrimento. Também Halinka se sente assim: o seu coração vive na solidão e no sofrimento. Halinka não se consegue defender das outras meninas que vivem no orfanato. Ela não tem namorada e muitas vezes fica com fome. Possui apenas uma colcha colorida e um canivete que a tia Lou lhe ofereceu. As outras meninas também têm seus tesouros, muito mais agradáveis. Halinka inveja muito as outras meninas pelos seus pertences. Como Halinka não tem amigas no lar, a solidão é para ela bela e libertadora. Assim criou um esconderijo secreto atrás da sala de trabalhos manuais, no depósito das malas. Lá, Halinka esconde o seu livro de pensamentos e faz muitas anotações à luz das velas enquanto cheira a sua cola favorita.

No seu livro de pensamentos encontramos reflexões importantes e passagens apaixonantes como por exemplo no primeiro capítulo: “Nunca devemos rir-nos à frente de alguém que nunca tenha sequer esboçado um sorriso.”

Outra reflexão que Halinka escreve é: “Nunca se deve esperar por milagres, a não ser que possamos ter a confiança que de facto venham a acontecer.”

No seu esconderijo Halinka também pode ler frequentemente o seu livro favorito: *As aventuras de Huckleberry Finn* e durante a sua leitura Halinka sonha constantemente com uma vida livre tal e qual a do Huckleberry Finn.

A certa altura a diretora do orfanato, a Sra. Urban, lança um desafio a todas as meninas que lá vivem: quem conseguir angariar mais dinheiro para uma instituição que apoia mães com poucos recursos financeiros ganha um prémio. Halinka estava determinada a ganhar o prémio e lutou bastante para o conseguir. No final a sua caixa de coleta estava muito mais pesada que a da Elisabeth e como Halinka já não recebia a visita da Tia Lou há nove semanas, decide abrir a sua caixa e retira de lá dez euros. Fica aterrorizada que alguém descubra o seu roubo, vendo que a sua caixa de coleta foi aberta.

Na noite a seguir ao último dia da coleta, Renate chora mais uma vez e Halinka para a consolar decide levá-la para o seu esconderijo secreto. Durante a noite as duas envolvem-se em carícias e de manhã as duas meninas evitam-se. Mas quando a Elisabeth começa a ofender a Renate, Halinka ataca Elisabeth e deste modo as duas envolvem-se numa luta em que chegam a precisar de tratamento médico.

Na enfermaria a Renate oferece uma boneca a Halinka como forma de agradecimento. Halinka é punida pelo seu comportamento com duas semanas de serviço na cozinha, então Renate oferece-se para ajudar Halinka a cumprir o castigo e as duas apresentam-se na cozinha à Sra. Schmuck para descascarem as batatas. Começa assim uma bela amizade entre as duas.

Halinka consegue angariar mais dinheiro e ganha o prémio que consiste numa visita ao palácio de Schwetzingen. Halinka preferia um livro, mas um prémio é sempre bem vindo.

Na sua visita ao palácio de Schwetzingen, Halinka fica emocionada a ponto de chorar quando percebe a beleza de uma estátua que está no jardim deste palácio.

Na vinda da visita ao palácio, a Sra. Urban confronta Halinka se abriu a sua caixa de coleta, Halinka nega tudo.

Depois de um dia tão intenso, Halinka recebe outra surpresa quando chega ao orfanato: uma carta da Tia Lou com dez euros para ela comprar o bilhete de comboio e a ir visitar.

Halinka lembra-se que tem dinheiro para dois bilhetes de comboio e pede permissão à tia Lou para levar Renate consigo, e assim acontece.

Este romance juvenil pretende através de uma linguagem simples, sensível e apropriada mostrar aos jovens leitores como foram as muitas vidas de muitas crianças refugiadas na Alemanha do pós-guerra. Halinka com doze anos, retrata a infância e adolescência difícil de muitas crianças e jovens desta altura histórica alemã, mas deixa a esperança que existem sempre formas de lidar com os problemas e adversidades, neste caso a amizade profunda que nasce entre as duas meninas é de facto um símbolo de esperança e fé num Mundo melhor.

Em 1995 este romance juvenil recebeu o prémio alemão da Literatura Juvenil e o prémio “La Vache qui lit” da cidade de Zurique.

Capítulo II – Conceito Literatura infanto- juvenil

2.1 Breve Reflexão sobre o Conceito de Literatura infanto - juvenil

Se se refletir sobre o conceito de Literatura infanto-juvenil facilmente se compreende que a Literatura infanto-juvenil compreende obras ficcionais que têm como público-alvo crianças e jovens. Mas este conceito é muito abrangente e não reúne consenso quanto à sua definição. Mesmo os conceitos de Infância, Adolescência e Literatura Infanto-Juvenil não reúnem consenso entre os estudiosos (Oittinen, 2000:4).

A definição de Literatura infanto-juvenil depende também muito do momento histórico, da cultura e dos conceitos de criança e jovem que cada sociedade apresenta em certa época histórica. Por isso é um conceito que está sujeito a redefinições.

A Literatura Infanto-Juvenil é definida de forma abrangente como diz Reynolds (2011:2)

A literatura infanto-juvenil engloba todos os gêneros, formatos e meios de comunicação; todos os períodos, movimentos e tipos de escrita de qualquer parte do mundo...

Este tipo de literatura constitui uma área de publicação que se pretende distinguir de literatura geral ou para adultos. Nelly Coelho apresenta uma distinção entre literatura infanto-juvenil e literatura para adultos, afirmando que o que vai definir se uma obra é considerada infanto-juvenil ou adulta é para quem tal obra foi escrita, ou seja, o público-alvo da obra. Como afirma Nelly Coelho (2006:29):

[...] em essência, sua natureza [a da literatura infanto-juvenil] é a mesma que se destina aos adultos. As diferenças que as singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança.

Refletindo ainda sobre o conceito de literatura infanto-juvenil na perspectiva de Nelly Coelho e entendendo que a literatura de adultos e a literatura infanto-juvenil possuem conteúdos semelhantes, mas a literatura infanto-juvenil utiliza linguagem e estrutura de concepção mais simplificada. De acordo com Nelly Coelho (2006:70):

A obra literária para crianças é essencialmente a mesma obra de arte para o adulto. Difere apenas na complexidade de concepção: a obra será mais simples em seus recursos, mas não menos valiosa.

Ainda se nota uma certa escassez em termos de estudos acadêmicos sobre este tipo de literatura, ocupando assim um lugar periférico os textos infanto-juvenis.

A Literatura infanto - juvenil é um tipo específico de expressão literária, destinada a um público de crianças ou jovens adolescentes, isto é, dirige-se a um público com idade inferior aos doze anos no caso da literatura infantil e superior aos doze anos no caso da literatura juvenil.

A literatura juvenil, na minha opinião, tem de ter um papel fundamental, pois é na fase da adolescência que os jovens entram numa nova fase de cognição e interpretação do Mundo diferente, começam a interpretar a Realidade que os circunda com um certo distanciamento e de forma mais crítica.

Quando se tem como objectivo produzir um texto para crianças e jovens adolescentes deve-se ter em conta o estágio de desenvolvimento destas crianças e jovens adolescentes no que respeita ao nível de vocabulário, de leitura e compreensão de textos escritos, das suas capacidades cognitivas, em relação ao conhecimento da sua cultura e de outras para que o discurso lhe seja compreensível. O discurso deste tipo de literatura deve ser apelativo no que respeita à linguagem utilizada e aos interesses das crianças e jovens de forma a que estes jovens leitores se identifiquem com a história, as personagens e assuntos abordados na obra.

A literatura juvenil define-se geralmente pela presença permanente de um diálogo entre o autor e o leitor. Como afirma Gunther Kress (1985):

observa-se uma inversão da situação usual em que há um poderoso autor/escritor e produtor de sentido, dominando um leitor/consumidor de sentido, consideravelmente menos poderoso.

Então o autor de literatura juvenil tem em conta o leitor adolescente no que diz respeito aos seus interesses e gostos e adequa a sua escrita a este jovem leitor.

Esta desigualdade acentuada entre o jovem leitor e o adulto produtor deste tipo de texto em termos de comunicação, competências linguísticas e cognitivas, experiências, conhecimento enciclopédico e mundividência, faz com que qualquer autor de obras infanto-juvenis tenha sempre em conta os interesses e capacidades do público-leitor e isto só é possível através de suposições que o autor ou escritor faz ao observar e estando em contacto directo com a faixa etária a que se destina a obra.

Os jovens ao aproximarem-se da adolescência entram numa fase de crescimento e de alargamento do seu mundo cognitivo. Nesta fase exploram factos e acontecimentos do

mundo em geral e racionalizam, criticam e selecionam as experiências vividas. No que concerne à Literatura esta serve como uma porta de entrada para novas aprendizagens.

2.2 Breve reflexão sobre as características do Romance Juvenil

O romance é uma forma literária do género narrativo, geralmente a experiência humana nas suas várias vertentes é minuciosamente descrita, através da ficção, neste tipo de forma literária.

Segundo Vitor Manuel de Aguiar e Silva “[...] o romance, transformou-se no decorrer dos últimos séculos, mas sobretudo a partir do século XIX, na mais importante e mais complexa forma de expressão literária dos tempos modernos.” (Silva, 1997:671)

As características do romance incluem uma narrativa longa, habitualmente dividida em capítulos com personagens principais e secundárias em torno das quais a história principal acontece, assim como podem acontecer histórias paralelas à principal num determinado tempo e espaço.

O romance constitui a obra privilegiada onde através de uma narrativa em prosa, habitualmente longa com factos ficcionados e relacionados a personagens que vivem diferentes conflitos e situações dramáticas numa sequência de tempo relativamente ampla.

Um romance pode conter diversos tipos de história e podemos assim caracterizar em romance policial, romance de aventuras, romance urbano, romance histórico, romance regional, romance indianista...

Se pensarmos na sua estrutura, o romance apresenta estes elementos: narrador, personagens, enredo e tempo.

O narrador é o que conta o que aconteceu na história, faz parte da narrativa é um elemento da estrutura e não deve ser confundido com o autor. Pode acontecer o narrador ser uma das personagens e relacionar-se com as outras. Nesse caso é um narrador em primeira pessoa. É o que se passa neste romance, como adiante veremos.

As personagens constituem os elementos do texto que praticam as ações e desencadeiam o desenvolvimento da história.

O enredo ou evento é o nome que se dá à sequência dos factos da narrativa. O enredo ou evento apresenta situações de conflito e a partir dele se chega ao tema, que é o motivo central do texto.

Ao refletirmos sobre o elemento tempo percebemos que as acções das personagens acontecem no tempo. Num romance pode existir o tempo cronológico ou psicológico. Entende-se por tempo cronológico o tempo exterior marcado pela passagem das horas, dos

dias, etc...

Os acontecimentos do enredo podem ser organizados numa sequência de antes e depois, numa sucessão temporal.

O tempo psicológico é o tempo interior que acontece dentro da personagem. É o tempo subjetivo, não pode ser calculado. É o tempo da memória e das reflexões.

Pelas suas inúmeras possibilidades de criação e significação concordo com Vitor Manuel de Aguiar e Silva quando afirma “o romance permanece a forma literária mais importante do nosso tempo, pelas possibilidades expressivas que oferece ao autor e pela difusão e influência que alcança entre o público.” (Silva,1997:684)

O romance juvenil tem a estrutura acima enunciada, mas terá uma estrutura narrativa mais simples.

Neste romance juvenil de Mirjam Pressler apresentado neste trabalho, verificamos que a Halinka é a personagem principal e narradora na primeira pessoa. Outra personagem principal é a tia Lou que tem uma importância fundamental para a personagem principal. As meninas do lar e pessoas que lá trabalham e estão ligadas ao orfanato são personagens secundárias neste romance com maior ou menor importância para o desenvolvimento da história.

Este romance juvenil apresenta uma particularidade importante: os seus capítulos abrem em tom de epígrafe.

Uma epígrafe numa obra literária consiste num título ou frase curta, que, colocado no início de uma obra, ou imediatamente antes de um capítulo serve como tema ou assunto para resumir ou introduzir a mesma. Constitui uma escrita introdutória a outra. Uma epígrafe tanto pode ser uma divisa que resume uma certa ideologia assumida pelo autor como pode servir de introdução etimológica, por exemplo, a uma obra cujo título é enigmático ou ambíguo.

Neste romance ao analisar o título do primeiro capítulo: *Wenn man nicht beißen kann, soll man die Zähne nicht zeigen/Quando não se pode morder, não se deve mostrar os dentes*, percebemos que resume a ideia que a autora quer transmitir e veicular uma certa indicação de caminho a seguir na Vida em certas situações: quando estamos numa posição mais submissa ou subalterna não devemos reclamar muito. Neste caso a Duro, menina que vive no lar, é muito mais forte e apresenta um comportamento violento que mais vale Halinka não revidar. Percebe-se no desenrolar do primeiro capítulo que é uma frase enunciada pela

tia Lou.

O título do segundo capítulo *Fünf Minuten im Garten Eden sind besser als ein ganzes Leben in der Hölle/Mais vale cinco minutos Paraíso que a Vida inteira no Inferno*, mais uma vez enunciado pela tia Lou, transmite a ideia que quando sofremos bastante, neste caso tem que ver com a fome que Halinka passa no orfanato, por vezes preferimos um pouco de prazer a todo o custo e de forma intensa sem pensarmos muito, tal como o acto de Halinka devorar rapidamente a chouriça que a senhora do talho lhe oferece.

Podemos verificar que ao longo deste romance juvenil os seis primeiros capítulos em tom de epígrafe são um bom exemplo da presença permanente de um diálogo entre autor e leitor neste tipo de literatura.

De notar que algumas temáticas abordadas neste romance juvenil como a relação de amizade entre Halinka e Renate, assim como o tema da sexualidade entre as duas, o livro de pensamentos da Halinka e todas as relações de amizade ou inimizade que ocorrem entre as meninas do orfanato, constituem temas que vão de encontro aos interesses e gostos dos jovens leitores que tendem a identificar-se com as personagens e com a história.

Tendo em conta que o leitor do romance juvenil apresenta uma certa inexperiência cognitiva-intelectual, nota-se neste romance juvenil a preferência da autora por determinadas estruturas gramaticais: como o uso de frases curtas ou não frases como podemos logo verificar no primeiro capítulo na pág. 17: “Sobram ainda duas batatas”, “Ou as duas.”

O uso de descrição em trechos curtos, um exemplo de descrição curta está na pág. 18: “Mas pensar na tia Lou é sempre agradável. É como se no meio de uma tempestade o céu se abrisse para se vislumbrar um pedaço de céu azul.”

Nota-se ao longo do romance juvenil o uso de muitos diálogos e o uso de uma linguagem corrente com a ilusão da oralidade, logo no primeiro capítulo verificamos o uso recorrente do diálogo e frases como na pág. 18 “Que estupor de vaca!” , “Cala a boca!”, “ Hoje de manhã o raio do cordão rebentou.”

O uso de tempos verbais simples como o presente e passado do Indicativo é uma outra recorrência, reveladora da intencional parcimónia discursiva.

Fazendo uma breve análise deste romance juvenil pode-se concluir que esta forma de expressão literária tem a estrutura do romance, mas é concebida de forma menos complexa e apresenta assim recursos mais simples, não sendo, portanto menos valiosa na perspectiva de Nelly Coelho.

Capítulo III – Tradução Comentada

1. Quando não se pode morder, não se deve mostrar os dentes (Ver pág. 70 do Anexo)

Sobram ainda duas batatas. São quase brancas e transparentes e têm pintas escuras, mesmo assim gostaria de comer outra batata. Ou as duas. Com cuidado estendo a mão. Logo sinto um pontapé contra a canela e por um longo período fico sem ver. Não porque doa muito, mas por raiva. Mas contendo-me e recolho rapidamente a mão.

– Quando não se pode morder, não se deve mostrar os dentes – diz sempre a tia Lou. A Duro é muito grande em relação a mim, por isso morder-lhe não faz sentido. Ela já tem catorze anos e na próxima Páscoa vai-se embora. Disse que quer tirar um curso de costura logo que saia do lar. Pega na travessa, deixa as duas batatas deslizarem para o seu prato e entorna o resto do molho de mostarda sobre as batatas. A Inge, do outro lado da mesa, percebeu tudo. Levanta as sobrancelhas e encolhe levemente os ombros.

Na mesa ao lado a Sr.^a Urban levanta-se e toca a campainha que fica sempre ao lado do seu prato. É uma campainha de latão de cor amarela pouco viva, cinzelada com desenhos de flores e um cabo de madeira preto. A nossa mesa fica imediatamente em silêncio porque nós não podemos fingir não ouvir o toque da campainha. Uma mesa atrás da outra fica calma até que as últimas ficam em silêncio no refeitório.

– Oçam todas – diz a Sr.^a Urban. – As meninas do quinto e sexto vêm à uma e meia para a sala de trabalhos manuais. Todas!

A Renate, a única do nosso quarto, que se senta comigo na mesa e que está no sexto, abaixa-se ao meu lado. De repente parece muito pequena, como se a Duro também lhe tivesse dado um pontapé na canela. Mas a Renate nunca se atreveria a tirar a última batata.

– Não precisas de ter medo – disse-lhe baixinho. – A sala de trabalhos manuais não é grave. Lá ela quer simplesmente discutir alguma coisa com todas. Talvez façamos uma viagem de turma à América, um passeio de jangada no Mississípi.

A Renate não achou graça e não riu. Talvez nunca tenha lido *Huckleberry Finn*⁴. Encolheu ainda mais a cabeça entre os ombros e eu irritei-me por lhe ter dito alguma coisa. E irritei-me com ela. É que eu não lhe queria fazer nada, logo eu!

Por mim, ela pode estar calada o tempo que quiser. Eu não me imponho a ninguém. Nunca. Uma frase importante que está no meu livro de pensamentos é: “Nunca devemos rir-nos à frente de alguém, que nunca tenha sequer esboçado um sorriso.”

Hoje não tenho de fazer serviço de mesa nem de lavar a loiça, por isso antes da uma hora já estou no nosso quarto. Sento-me na cama e toco com o dedo cuidadosamente no inchaço que cresce na minha canela. De certeza que em breve vou ter uma nódoa negra. Que estupor de vaca! Tiro os sapatos e claro que não consigo tirar o sapato do pé direito! Hoje de manhã o raio do cordão rebentou, pela terceira vez, e eu apertei-o com um nó. Agora o nó não passa pelo buraco e tenho de desatá-lo outra vez. Enfio a ponta quebrada no sapato, depois deito-me na cama.

Aperto com força a minha cara na minha linda colcha castanha avermelhada e penso na tia Lou. Eu penso sempre na tia Lou. Em quem mais havia de pensar? Existem pensamentos que magoam e que me fazem sentir mal. Não quero esses pensamentos, afasto-os rapidamente. Mas pensar na tia Lou é sempre agradável. É como se no meio de uma tempestade o céu se abrisse para se vislumbrar um pedaço de céu azul. Uma vez quando estávamos em Taunus⁵, a tia Lou e eu vimos um arco-íris. A tia Lou ficou radiante e cantou-me uma canção, em polaco. Eu não compreendi tudo, mas era bonita. Em surdina, apenas na minha cabeça, canto baixinho para mim mesma a melodia.

À uma e meia diz a Elisabeth: – Vamos, temos de ir. Eu acaricio uma vez mais de forma discreta a minha colcha, levanto-me e vou para a sala de trabalhos manuais. Levo o cordão rebentado na mão.

A sala está cheia, estão lá todas as meninas do quinto e do sexto. Mais de trinta. Estão sentadas nas cadeiras, nas mesas e mesmo nos peitoris das janelas. Está muito barulho. Encima de uma mesa encostada à parede, ao lado da porta para o depósito das malas,

⁴ Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), escritor americano que usou o pseudónimo literário Mark Twain, publicou em 1884 um romance intitulado *The Adventures of Huckleberry Finn*, que depressa se tornou imensamente popular e se encontra traduzido em várias línguas.

⁵ O Taunus é uma cordilheira na Alemanha que se localiza em Hessen na Renânia-Palatinado, tendo a sua elevação mais alta no Grande Feldberg.

está a Inge de cócoras. Acena para mim e indica com a outra mão um lugar vago ao seu lado.

Sobre a grande placa de corte estão três cartolinas. A Sr.^a Urban colocou as suas mãos sobre as cartolinas e esperou que todas estivessem em silêncio.

– Talvez tenhamos recebido pacotes de ajuda da CARE⁶ da América – sussurrou a Inge.

– Imagina Halinka, pacotes de ajuda com chocolates e manteiga de amendoim.

– Já não existem pacotes de ajuda da CARE – disse-lhe baixinho. – Há muito tempo que não existe.

A Inge encolheu os ombros. – Talvez haja um milagre, quem sabe.

No meu livro de pensamentos está escrito: “Nunca se deve esperar por milagres, a não ser que possamos ter a confiança que de facto venham a acontecer.” Esta frase foi escrita noutra altura quando a tia Lou tentou ser minha tutora pela segunda vez e depois não ficou comigo novamente. Nessa altura, ela estava confiante dessa decisão porque tinha encontrado um emprego estável.

A Sr.^a Urban levanta a mão. – Silêncio – grita. – Oçam todas! Eu tenho uma proposta fantástica para vocês! A Inge aproximou-se e disse baixinho: – Deve ser mesmo fantástica! Quando esta tem uma proposta só pode ser uma estupidez.

A Inge não suporta a Sr.^a Urban. Eu acho que ela ainda tem saudades da Sr.^a Maurer, a diretora do lar de Hildegardis, onde estivemos as duas antes de vir para aqui. Eu gosto mais da Sr.^a Urban, se é que se pode falar de gostar. Ao menos não está constantemente a perguntar a nossa opinião, a agarrar no nosso braço e a dar-nos beijos.

A Sr.^a Urban bate agora palmas duas vezes e todas ficam em silêncio. Ela fala-nos acerca de uma instituição chamada “instituição de convalescença para mães”⁷ que foi

⁶-A CARE é uma organização global, com mais de 65 anos de experiência, que trabalha de diferentes formas para combater a pobreza no mundo. Fundada em 1946, após a Segunda Guerra Mundial, a CARE – sigla que significava *Cooperative for American Remittances to Europe*, nasceu da união de 22 organizações americanas que prestaram ajuda humanitária à Europa devastada pela guerra. No dia 11 de maio de 1946, o porto da cidade francesa de Le Havre recebeu o primeiro carregamento de CARE Packages, pacotes de suprimentos doados por americanos. Esta data marca o início das ações da CARE pelo mundo. O primeiro CARE Package continha carne enlatada, bacon, margarina, frutas em conserva, mel, chocolate, açúcar, ovos em pó, banha, uvas passas, leite em pó e café. O envio desses suprimentos tinha como objetivo aliviar a fome e a pobreza no continente europeu após a Segunda Guerra Mundial – disponível em [<https://www.care-international.org/who-we-are-1/cares-history>] acessado em 24-03-2019

fundada pela Sr.^a Elly Heuss-Knapp, que é a esposa do nosso Presidente da República Federal⁸. Em 1950, portanto há dois anos. Eu nunca ouvi falar desta senhora, embora me seja familiar o nome Theodor Heuss, talvez tenha ouvido na rádio, mas o que é um Presidente da República Federal também não sei bem. A Sr.^a Urban diz que esta senhora Heuss-Knapp é uma senhora bondosa, inteligente e caridosa. Nós devíamos angariar dinheiro para esta instituição, diz ela, para que as mães que são pobres possam convalescer e para que a senhora Heuss-Knapp fique contente.

-O que significa convalescer?-, pergunta a Inge.

A Sr.^a Urban explica-lhe o que significa, na verdade é recuperar novamente a saúde. Eu sei o que é, pois já estive assim num lar. Também se chama sanatório e lá dão-nos todos os dias pão com muita manteiga e muito leite para beber, depois do almoço devemos ficar cá fora ao ar livre bem agasalhados numa espreguiçadeira durante horas, mesmo que esteja frio. Eu não gostei de estar no sanatório porque não conhecia ninguém a não ser a Hannelore, mas ela morreu passado pouco tempo. Apesar disso, eu recuperei a saúde novamente. Não admira, com tanta manteiga! E para além disso a tia Lou ia verme uma vez por mês. Estive lá quase meio ano. E há dois anos, quando a Sr.^a Heuss-Knapp - como é que ela tem dois sobrenomes? - fundou esta coisa, estava eu a entrar para o lar. Não para este, mas para o lar de Hildegardis para os pequenos. Para este, só vim no ano passado, nas férias da Páscoa, juntamente com um grupo inteiro do outro lar. Não sei quanto tempo ainda vou ficar, ninguém sabe. Se tiver sorte, a tia Lou arranja um marido. Caso contrário pode ainda levar anos. Eu prefiro não pensar nisso. Não posso imaginar tal coisa e nem quero imaginar.

Olho para a janela por cima da cabeça da Susanne, da Claudia e da menina nova do quinto, cujas caras quase não consigo reconhecer por causa da claridade, vejo apenas manchas escuras e vagas. Atrás delas vê-se o céu azul com algumas nuvens brancas e apenas a copa do grande castanheiro que está no pátio da escola.

⁷ No original está *Müttergenesungswerk* que é uma instituição de caridade alemã fundada em 1950 pela Sr.^a Elly Heuss – Knapp, que tem como objectivo apoiar a saúde e reabilitação das mulheres que são mães – disponível em [<https://www.muettergenesungswerk.de/wer-wir-sind.html>], acedido em 24 março 2019

⁸ De notar que o sistema político alemão difere de outros regimes parlamentaristas. O presidente federal que exerce a função de chefe de Estado tem um papel muito simbólico – disponível em [<https://www.dw.com/pt-br/parlamentarismo-com-presidente-simb%C3%B3lico/a-900686>], acedido em 1 outubro 2019

– As mães devem ir sozinhas para o lar de convalescença – diz a Sr.^a Urban, – sem os filhos para que não tenham responsabilidades, pois as mães com muitos filhos estão muito sobrecarregadas e têm de trabalhar muito.

– Para as nossas mães nunca fundaram eles um lar assim – diz a menina nova do quinto.

– Não para as nossas mães.

– Cala a boca – grita a Susanne. Ela não tem mãe.

– As vossas mães são um bocadinho diferentes – diz a Sr.^a Urban. – Mas imaginem por exemplo uma mãe com cinco filhos pequenos, atarefada de manhã à noite, que ande numa azáfama a cozinhar para os filhos e a lavar roupa, estas mães precisam de descanso, senão vão-se abaixo.

Não consigo imaginar nenhuma mãe que lave e cozinhe o dia inteiro, muito menos que de manhã à noite ande numa azáfama, ou o que quer que isso signifique. Não conheço dessas mães. Na verdade não conheço muitas mães, só a minha, e para dizer a verdade, preferia não a ter conhecido. – Cala a boca – repreende a tia Lou, sempre que falo assim. – A tua mãe sofreu muito e simplesmente não aguentou. Mas ela nunca explica que sofrimento foi esse. – Porque é que se comporta desta maneira, sabendo perfeitamente que está a ser indecente? – perguntei-lhe certa vez. A tia Lou sentou-me no seu colo, acariciou-me e chorou um pouco também. Depois disse: – a tua mãe tem uma alma doente. A violência não deixa só marcas por fora, Halinka, também deixa marcas por dentro, afeta também a alma. Quando alguém é vítima da maldade e da crueldade, não se torna automaticamente uma pessoa melhor por causa disso. Pode dar-se o caso de se tornar igualmente uma pessoa má e cruel. E não quis dizer mais nada.

Refleti durante muito tempo sobre esse tema. Não tenho a certeza se a tia Lou tem razão. Pode ser. Afinal de contas ela é adulta e eu ainda não. Mesmo assim posso pensar pela minha cabeça. Quando penso neste assunto, acho exatamente o contrário: quando alguém já sentiu que a violência também afeta a alma, então por essa razão não deve ser violento com ninguém.

– Se uma pessoa arranja cinco filhos, então que assuma as responsabilidades, – diz a Inge furiosa. – Eu não quero ter filhos.

Eu não sei se quero ter filhos e se decidir que sim, só quero dois. A minha mãe só me teve a mim e nunca andou numa azáfama o dia todo. Não sei o que faz agora. Também não quero saber. Agora já não. Cozinhou para mim poucas vezes, quando estava com ela. A senhora da Segurança Social disse o mesmo. – Ela não se preocupa com a filha, – disse ela – temos de lhe tirar a guarda da criança. A criança é negligenciada.

Existem palavras que me provocam dores de barriga e quase me obrigam a chorar. Seja em que contexto for. A palavra “negligenciar” é uma delas. Levo discretamente a mão à boca e mordo com força na palma da mão. Ajuda sempre, quando quero pensar rapidamente noutra coisa.

A Sr.^a Urban continua a falar. – Na verdade, é uma ótima obra, – diz ela – e vale a pena comprometermo-nos neste projeto. Por isso, se possível, muitas de vocês deviam voluntariar-se para a angariação de dinheiro. Então quem quer participar?

A tia Lou não tem filhos. Talvez possa vir a ter agora que tem o tio Sam Silver. Não, espero que não. Não quero que tenha filhos biológicos. Depois poderia não ter mais tempo para pensar em mim, se tivesse de andar numa azáfama o dia todo.

Está muito barulho, todas falam ao mesmo tempo. – A minha mãe não precisa de nenhum lar de convalescença, – diz-me a Inge. – Fica na cama até ao meio-dia, aliás sempre foi assim. E a tua?

Já não consigo lembrar-me até quando é que a minha mãe ficava a dormir de manhã. Sei apenas que tinha sempre de esperar muito tempo à noite até que ela adormecesse. Depois não me podia acontecer mais nada. Mas isto não interessa à Inge nem a ninguém.

Não percebo a Inge. Diz sempre aquilo que lhe vem à cabeça, sem nenhum cuidado. E uma vez quando a Duro disse: – A tua mãe é uma prostituta, – então ela respondeu: – É verdade e que culpa tenho disso? Achas que isso me agrada? A Inge é uma rapariga estranha aqui no lar. Nunca sei se a devo admirar ou considerá-la parva. Simplesmente não lhe respondo.

Não quero pensar na minha mãe, prefiro pensar na tia Lou. E caso a tia Lou algum dia tenha cinco filhos e seja obrigada a trabalhar muito, então eu gostava que ela tivesse

algun descanso. Claro que gostava. Por isso sou a primeira a voluntariar-me. – Eu quero angariar dinheiro.

– Claro, – sussurra alto a Elisabete para que todas possam ouvir. – Já todas sabem que mendigar é com os ciganos.

Algumas raparigas riem baixinho. A Sr.^a Urban arqueia as sobrancelhas, mas age como se não tivesse ouvido nada. Finjo que não ouvi nada. É o melhor a fazer. Devo dizer que não somos ciganos mas sim judeus? É melhor não. Eu acho que os judeus são piores que os ciganos. Abaixo-me e aperto de forma firme o cordão com a ponta quebrada. Não é assim tão fácil. Tenho de atar juntamente as duas pontas num buraco para poder descalçar o sapato mais logo. Ao menos agora não é preciso dar um laço, chega apenas um nó.

– Quem angariar mais dinheiro, recebe um prémio, – diz a Sr.^a Urban.

– Mas que prémio? – pergunta a Inge.

– É surpresa. A presidente local da instituição das mães em convalescença ofereceu um prémio. Resultou, agora voluntariam-se outras raparigas.

Apesar disso a Inge não gosta de angariar dinheiro, mesmo havendo um prémio. – Eu não deixo que me mandem mendigar, – diz com cara de má. – Por isso é que eu vim para o lar para que a minha mãe nunca mais me mandasse ir mendigar.

– Não se trata de mendigar, – diz a Sr.^a Urban – trata-se de angariar dinheiro para uma boa causa. E além disso não és obrigada a participar. Trata-se de uma ação de voluntariado. Mas se não participares, também não tens direito a prémio.

Continua a falar durante algum tempo sobre a Sr.^a Heuss-Knapp e a sua instituição e o quão benéfico e louvável é este projeto e por fim diz: - Quem se voluntariar para a angariação de dinheiro, fica aqui por favor. As outras podem ir para o quarto, mas sem fazer muito barulho, afinal de contas estamos na hora de descanso.

Ficam quinze raparigas, do nosso quarto fico eu e a Elisabeth como era de esperar. A Renate quase não fala e diz apenas o estritamente necessário. A Dorothea quase nunca sai porque não quer que pessoas estranhas a observem, a Rosemarie é muito preguiçosa para fazer o que quer que seja, a Jutta detesta fazer qualquer tipo de coisa que envolva

mais que duas pessoas e a Susanne nunca na vida iria fazer um favor aos “outros”, mesmo que recebesse alguma coisa em troca. Para ela os “outros” são todos os adultos e crianças que não vivem em lares. Odeia-os, diz ela. Eles raramente nos fazem um favor. Não sei porque é que ela é assim. Talvez tenha os seus motivos. Ela não é verdadeiramente má. Se a deixarmos em paz, ela também não se mete connosco. Susanne já viveu comigo em Hildergardis, mas aí não estávamos no mesmo quarto. Ela ainda tem lá uma irmã mais nova que pode visitar todos os meses.

Agora a Sr.^a Urban abre os caixotes de papelão e lá dentro estão as caixas para angariação de dinheiro. Cada uma de nós recebe uma. Sobra um caixote porque se voluntariaram menos raparigas do que a Sr.^a Urban estava à espera.

As caixas são de metal, têm uma alça e na tampa uma ranhura para se poder colocar o dinheiro. A tampa curva está selada para não se poder abrir. Claro, quem é que dá a raparigas de um lar caixas abertas para angariar dinheiro? Eu teria colocado um cadeado também. As caixas têm uma cor vermelha intensa e têm escrito em cima em letras maiúsculas pretas “**INSTITUIÇÃO PARA AS MÃES EM CONVALESCENÇA**”.

–Hoje e amanhã vamos angariar dinheiro, – diz a Sr.^a Urban. – No sábado de manhã as caixas são recolhidas. Para isto têm dois dias, podem sair entre as duas e meia e as cinco horas, o Sr. Breitkopf já está informado disso. A propósito podem pedir dinheiro em todo o lado, em casas ou na rua, onde queiram. Desejo-vos muito sucesso. E portem-se bem! Não quero que me cheguem queixas!

2. Mais vale cinco minutos no Paraíso do que a Vida inteira no Inferno (ver pág. 78 do Anexo)

Eu vou sozinha, os outros vão em grupos de dois ou de três. De qualquer maneira teria ido sozinha, mas também ninguém me perguntou nada.

O Sr. Breitkopf⁹, o porteiro, abriu-nos o portão. O seu nome não é apropriado. Ele é pequeno, sobretudo para homem, e a sua cabeça é tão pequena que os olhos por falta de espaço ficam muito perto um do outro. Mas tem ombros largos. Não só é o porteiro do lar e da escola, mas também o treinador do clube de ginástica. Às terças-feiras à noite eles treinam no nosso ginásio, algumas raparigas do nosso lar vão lá regularmente. Eu também já lá estive porque o Sr. Sauer, o nosso professor de ginástica, disse que talvez me divertisse. Mas isso não aconteceu. Primeiro não gosto muito de aparelhos de ginástica e depois o Sr. Breitkopf era muito bizarro com o apito. Ele e a esposa moram na cave. A Sr.^a Breitkopf é responsável pela lavagem da loiça, portanto não nos podemos queixar a ela. Lavar a loiça é o pior serviço no lar.

O sol brilha e, duas casas à frente, um cão ladra. Nunca o vi, só o ouço. Às vezes ladra pela noite dentro, quando nós já estamos na cama. Também desta vez não o vejo, ele ladra atrás da porta da casa que está trancada. Imagino um cão grande, preto e um pouco assustador porque ele tem um ladrar alto e profundo.

Eu gostaria de ter um cão. Não um cão que ladre muito como o da senhoria da tia Lou e que ladra a todos que vêm a casa, mas sim um cão grande, selvagem, preto e assustador que ficasse com olhos brilhantes e o pelo eriçado quando alguém me quisesse bater. Eu teria apenas de dizer: “Agarra!” e logo ele morderia. Podia existir um cão assim, mais rápido que *O pau que sai do saco*¹⁰. Gosto muito deste conto, mesmo assim. Na verdade, não consigo imaginar um burro de ouro¹¹ assim, tudo o resto sim. Às vezes desejo uma mesa mágica que fica cheia de comida quando pedimos e outras vezes um

⁹ Convém aqui esclarecer o conteúdo semântico deste nome: Breitkopf em que breit significa grande, amplo e Kopf significa cabeça.

¹⁰ Aqui faz-se referência a um dos contos dos Irmãos Grimm que se intitula: *Tischchen deck dich, Goldesel und Knüppel aus dem Sack* que em português tem a seguinte tradução: *Põe-te mesa, burro de ouro e pau que sai do saco*. Pode ler-se o conto em [https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_mesa_o_burro_e_o_cacete], acedido em 8 maio de 2019.

¹¹ Aqui faz-se novamente referência ao conto dos Irmãos Grimm descrito na nota de rodapé anterior.

pau que sai do saco. Saberá de muitos em quem iria soltar o meu pau. Naturalmente na Duro e sobretudo na Elisabeth. Talvez o pau lhe batesse tanto que ela acabaria por morrer. Mas não devemos ter destes pensamentos, senão ficamos com a alma doente. A tia Lou diz que devemos ter cuidado com o nosso coração e com a nossa alma porque são o mais importante. Falou certo.

Um homem velho vem na minha direção. Estendo-lhe a minha caixa.

– O que é isto? – pergunta ele.

– É para a instituição das mães em convalescença, – digo e explico-lhe tudo sobre as mães que são pobres que precisam mesmo de descansar e que a senhora Elly Heuss-Knapp, a esposa do nosso presidente, as vai ajudar com esta instituição. Mas para isso é necessário que pessoas com bom coração queiram ajudar. Depois as mães vão para lares especiais sem a preocupação de cuidar dos seus filhos. Falava devagar e claramente sem hesitar, apesar de dizê-lo pela primeira vez.

– Mas eu trabalhei sempre, – diz o homem amuado. – E descansei apenas uma única vez no hospital quando fui operado a uma hérnia. Deixa-me em paz com isso.

Deixei-o em paz, mas após alguns passos, viro-me e grito-lhe: – Pense um pouco na sua própria mãe! A que sempre lavou e cozinhou para si! Mesmo com certeza sendo o senhor uma criança repugnante!

Ele levanta o punho com um ar ameaçador. Eu pressiono a caixa firmemente em mim e corro o caminho todo até à estação de caminho de ferro. Não estão muitas pessoas lá, como eu pensava. Mas de momento é-me indiferente. Entro na estação e paro em frente ao painel dos horários das partidas dos comboios. Sei de cor os horários dos comboios ao sábado para ir à tia Lou. Às 14:27 h e às 19:48 h. Existe outro às 17:15 h, mas esse há apenas em dias úteis, não aos sábados.

Quando saio do edifício da estação, já o céu se cobriu de nuvens. Mais à frente a Claudia e a rapariga nova do quinto viram a esquina. Ambas abanam as suas caixas de coleta. Ao lado delas vai a Susanne sem caixa. Como é que ela conseguiu sair do lar, sem se ter voluntariado para angariar dinheiro? E porque é que vai com elas? Provavelmente aproveitou o momento oportuno para uma saída extra. Quando for apanhada, tem de passar outra vez o controlo do porteiro. Pois, mas não é nada comigo.

Encontrar-me com elas é que não quero. Por isso, desço rapidamente a rua Wilhelm até ao cruzamento. Lá há algumas lojas. De um lado da rua uma padaria e um talho em frente, numa casa meio bombardeada uma loja de roupa. Em frente ao talho cheira a chouriça de forma tentadora. Estou perto da entrada e coloco a minha caixa de coleta mesmo perto das pessoas. – Para a instituição das mães em convalescença, – digo. – Para as muitas mães que necessitam urgentemente de se restabelecer e simplesmente não têm dinheiro para o fazer. Que não podem dar-se ao luxo de tirar férias. Pensem nas vossas próprias mães.

Uma senhora diz: – Basta pensar em mim, não me posso dar ao luxo de tirar férias. Mesmo assim, sacou do seu porta-moedas e colocou um cêntimo na minha caixa. A moeda tiniu alto. A minha primeira moeda! Digo amigavelmente: – Obrigada, – o melhor que sei. Ela não teria de certeza direito a estar nesta instituição, é demasiado velha para ter filhos pequenos.

Fico mal disposta por causa do cheiro a chouriça. Mal disposta por causa da fome. Porque é que a Duro deve ficar sempre com as últimas batatas? Ela é muita mais gorda que eu. Encosto-me à parede da casa e tento imaginar que não cheira a chouriça mas sim a sopa de batata esturricada. Na verdade não consigo suportar tal sopa. Estranhamente não me ocorre neste momento a que cheira sopa de batata esturricada. Felizmente a Inge gosta desta sopa e troca sempre a minha concha de sopa por uma pequena porção de margarina para o pequeno-almoço do outro dia.

Na verdade devia ir embora e procurar outro lugar, mas não posso. O cheiro a chouriça agarra-me como se tivesse mãos. Por vezes lê-se nos livros que alguém teria sido agarrado por alguma coisa. Eu – fui agarrada pelo cheiro de chouriça. Dentro do talho, oiço a voz da vendedora: – O que vai ser hoje? – Ela tem uma voz desagradável, mesmo estridente e aguda. Só se ouve a voz dela, não percebo as respostas dos clientes, oiço apenas murmúrios. – O que vai ser hoje?

Costoletas de porco, diria e na verdade grandes e grossas. Só comi uma vez na minha vida. E nessa altura não consegui saborear devidamente, na verdade foi na ida do sanatório para o lar de crianças de Hildegardis com a senhora da Segurança Social.

Tinha tanto medo do lar que quase não comi nada. Mas memorizei o nome do prato. Será que os meninos que não vivem em lares comem muitas vezes costeletas de porco? Não faço ideia, não sei como vivem. – A criança desconhece qualquer relação familiar normal, – disse a senhora da Segurança Social ao juiz.

Caem moedas na minha caixa. Pouco a pouco, o tilintar das moedas vai desaparecendo, o fundo da caixa já deve estar repleto de dinheiro. Muitos dão-me algum dinheiro. Entretanto aprendi o truque. Sorrio ligeiramente, arregalo os olhos e levanto mais os ombros. Devemos ter uma aparência de pobre e miserável para que as pessoas tenham pena de nós. Assim dão mais qualquer coisa. Sobretudo as mães com filhos bem vestidos deitam prontamente uma ou duas moedas na minha caixa, depois afastam os seus filhos de mim, como se eu os pudesse infetar com algo contagioso. No passado também mendiguei, quando tinha fome, mas nessa situação as pessoas normalmente afugentavam-me. Agora ninguém me faz isso, pois tenho a caixa de coleta na mão. Pratico uma boa ação. Vejam, vocês outros! Eu sirvo de exemplo para vocês!

O sítio perto do talho é bom, porque muita gente compra carne e enchidos. Estou constantemente a ouvir a senhora atrás do balcão a perguntar: – O que vai ser? Mais alguma coisa?

No lar só comemos carne ao domingo, a maior parte das vezes na sopa e muito raramente grelhada com molho. Duas a três vezes na semana há um ensopado, repolho, lentilhas ou feijão com alguns pedaços de bacon, quando temos sorte às quartas-feiras ao jantar três rodelinhas de chouriça para cada uma, geralmente chouriço; uma vez por semana há para o almoço ovos cozidos com molho de mostarda, geralmente às quintas e sextas-feiras é quase sempre apenas batatas, papa de arroz, papa de batata ou massa. Muitas no lar dizem que a Sr.^a Schmuck, a nossa cozinheira, devia comer toda a carne que era para nós. Pode ser, ela é realmente muito forte e grande parte de nós é magra. Mas não acredito, a Sr.^a Schmuck é muito simpática e quando temos de lavar a loiça, porque alguém aprontou alguma, dá-nos sempre alguma coisa para comer.

- Um donativo para a instituição das mães em convalescença, – digo alto e levanto a caixa de coleta.

Mais uma vez uma senhora mete dinheiro na ranhura, antes de entrar para o talho. Mesmo assim amanhã vou procurar um outro lugar porque este cheiro está a dar comigo em doida.

Como a casa do outro lado da rua faz uma grande sombra, tão grande, que alcança a borda do passeio que está à minha frente, pergunto a um senhor, que já colocou alguma coisa na minha caixa, que horas são. – Passa pouco das quatro e meia, – diz ele.

Entro no talho. O chão é em azulejo e alterna entre tons de vermelho e tons de amarelo. A senhora com a voz alta e estridente é forte e com cabelo grisalho e tem uma verruga na narina esquerda. O seu avental branco por cima do vestido azul às riscas tem manchas vermelhas em ambos os lados, onde ela limpa sempre as mãos. – O que vai ser? – pergunta. Da mesma forma que já ouvi esta pergunta no mínimo umas cem vezes. Mas desta vez a pergunta era para mim.

Estendi-lhe a caixa e disse a minha ladainha. Enquanto o fazia não consegui tirar os olhos da vitrina do balcão. Chouriça de carne, salame, chouriça de fígado e de sangue, linguça, chouriço e outras chouriças, cujos nomes mal conheço. Chouriças, chouriças, chouriças. E mesmo presunto.

A senhora inclinou-se sobre o balcão e meteu alguma coisa na minha caixa. – Queres um pouco de chouriça? – pergunta ela. Só consigo dizer que sim com a cabeça, não me sai nenhuma palavra. – Qual é que tu preferes? – pergunta ela. Fico assustada. O que é isso? Porque é que não me dá simplesmente um bocado? Quer pregar-me uma partida? Não está a falar a sério sobre a chouriça? Reparo que me vêm as lágrimas aos olhos.

– Deixa para lá, miúda, – diz ela e a sua voz fica imediatamente mais grave e suave. Oferece-me um grande bocado de chouriça de carne, com dez centímetros de comprimento no mínimo. – Toma, – diz ela. – De onde é que tu és? Do lar? – A sua voz fica cada vez mais suave.

Digo que sim com a cabeça e guardo a chouriça. De repente tenho tanta saliva na minha boca que quase não consigo dizer “Obrigada”. A senhora olhava para mim de forma amigável. – Passa por aqui outra vez amanhã, – diz ela com esta outra voz, a segunda. E depois consigo finalmente dizer “Obrigada” e “Adeus”.

A caminho do lar sugo muito lentamente a chouriça de carne por fora da pele. Tão lentamente que tenho ainda de fazer um desvio, na estação de mercadorias, que não é longe do nosso ginásio. – Mais vale cinco minutos no Paraíso que a Vida inteira no Inferno,- – diz a tia Lou, quando come alguma coisa particularmente saborosa. E depois, mesmo antes do nosso portão, meto a chouriça na boca com pele e tudo na boca, mastigo-a por completo e engulo-a, antes de tocar na campainha.

Coloco a caixa na minha mesinha de cabeceira, perto do meu livro favorito “As Aventuras de Huckleberry Finn”. Requisito este livro todas as vezes, muitas vezes não o leio, mas gosto de o ter perto da minha cama. Talvez diga à senhora da biblioteca que o perdi. Provavelmente acontece um milagre e ela diz:- Não é muito grave menina, compramos um novo. E se tiver de pagar o livro, então posso fazer de conta que o encontrei de repente. Logo se vê.

Sento-me na mesa e começo a fazer os trabalhos de casa.

A Elisabeth passa por mim em direção à minha mesinha de cabeceira e levanta, sem perguntar, a minha caixa. Franze ciumenta a cara, enquanto abana a mão de um lado para o outro de forma examinadora. – O teu está mais pesado, – diz ela – Não é de admirar!

Desta vez não diz nada sobre ciganos. Embora agora não me incomodasse tanto. Afinal de contas tenho no estômago um grande bocado de chouriça de carne. Claro que não digo uma palavra sobre isso. Não sou parva! Para que a Elisabeth amanhã também apareça na senhora do talho?

Na verdade também posso experimentar a padaria. Quem sabe se não recebo um pão com chouriço. Até pode ser.

3. Quem é pobre não precisa de ter medo dos ladrões (Ver pág. 84 do Anexo)

Já tinha tocado há muito tempo para ir dormir. Levo a minha colcha. É minha. Ao menos alguma coisa me pertence. Só tenho a minha mochila velha de outro tempo que já está tão gasta que se consegue ver em muitos sítios o cartão do forro e o canivete que o Arnulf me ofereceu. – Não deites nada fora,– diria a tia Lou. – Quem é pobre, não precisa de ter medo dos ladrões. Penso que não é verdade. Mesmo uma pessoa pobre deve ter medo que o pouco que tem lhe possa ser roubado. Para uma pessoa rica é indiferente que lhe roubem alguma coisa, pois tem coisas supérfluas. Um rico só precisa de estalar os dedos e num instante tem tudo o que deseja. Eu ficaria muito triste se alguém levasse a minha colcha. Um rico tem provavelmente só uma, mas a qualquer altura poderia comprar uma nova. Eu não. Eu não tenho dinheiro.

Noutra altura também não foi fácil para a tia Lou pagar a minha colcha. Na altura em que cheguei ao lar, em Hildegardis. Logo na primeira vez quando eu tive autorização para a visitar, ela disse: – Eu compro-te uma colcha linda para a tua cama ficar bonita e tu não me esqueceres. Naturalmente que não estava a falar a sério em relação ao segundo motivo. Nunca poderia esquecer a tia Lou, ou quereria esquecer, ela sabe disso perfeitamente.

Fomos à loja chamada Herrlings e a vendedora disse que estas colchas se chamavam cobertas. A minha é castanha avermelhada com flores minúsculas. – Um padrão escuro, – disse a tia Lou,- assim não se vê tanto a sujidade. Havia também uma colcha amarela, com flores dentes de leão amarelas de que eu gostava mais. Mas não havia nada a fazer, a tia Lou é que pagava a colcha. O mais forte tem sempre razão, isso já eu sabia nessa altura, apesar de ser ainda muito estúpida.

Por isso é que a minha colcha é castanha avermelhada com pequenas flores de cor ocre e folhinhas minúsculas verdes, que por serem tão pequenas quase não se vê a cor verde. O padrão é realmente escuro. Mas eu tenho sempre cuidado e nunca me deito com os sapatos na cama. Nunca mesmo. Preferiria tirar a saia para não sujar a minha colcha, apesar de nunca estar suficientemente quente para fazer isso. E para além disso, as minhas calças de ginástica estão sempre mais sujas do que a minha saia. Dobro a coberta direitinha e penduro-a nas costas da minha cadeira.

A Dorothea, que dorme ao meu lado, vasculha no seu guarda-joias. É uma caixa de madeira onde guarda as suas coisas secretas. Ninguém sabe exatamente o que está lá dentro, exceto talvez a Elisabeth, a sua amiga. Dorothea mostra-nos de vez em quando o que lá tem, por exemplo uma bola de âmbar, um selo postal ou um anel, depois coloca rapidamente o objecto dentro da caixa outra vez. E ir lá ver em segredo não dá. O guarda-joias tem um aloquete e a Dorothea traz sempre a chave num fio ao pescoço.

– Achas que vais ganhar o prémio? – pergunta ela – Eu gostaria de saber que prémio é.

Encolho os ombros. Espero ganhar o prémio, esforcei-me bastante para isso. Mas nunca diria isso alto. Posso imaginar como me gozariam caso não houvesse prémio. Não, não digo nada. Mas quero receber o prémio, mesmo sem saber o que é. Talvez chocolate? Um livro? Ou aguarelas? Talvez uma bola mágica de lã. A Jutta recebeu uma da avó. É uma bola de lã feita com agulhas de tricô, e quando se gasta o novelo todo a tricotar aparece lá dentro uma surpresa. Jutta não tricotou nada, apenas dobou o novelo. Tinha lá dentro uma nota de cinco euros. Ela ficou muito contente e nesse domingo foi ao cinema ver o filme “As Gémeas”¹². Depois ela contou-nos a história toda do filme. As meninas, que eram as personagens principais do filme, eram gémeas. - E uma delas também se chama Jutta, disse orgulhosa a Jutta.

Dorothea fecha o seu baú e põe-lhe o aloquete. Depois levanta a minha caixa e abana-a. Faz muito barulho.

- Silêncio, grita Elisabeth. Ela está deitada na sua cama junto da janela, com um livro na mão e com a sua boneca parva no braço. Nunca ninguém pode tocar nesta boneca, pois Elisabeth está sempre atenta. Eu acho que nunca tive uma boneca, em todo o caso não me lembro de ter tido alguma. Ao lado dela, no meio da mesinha de cabeceira, está a sua caixa de coleta vermelha.

De repente lembrei-me de uma coisa. Eu não quero ser desconfiada, mas nunca se sabe. Tiro o meu canivete da mochila, tiro a caixa de coleta da mão da Dorothea e gravo com cuidado um “H” na cor vermelha. Pequeno e em baixo, mas visível. – Para que não seja trocada por engano, – digo bem alto, tão alto que de certeza que Elisabeth ouviu.

¹² O filme em alemão chama-se “Das doppelte Lottchen”, realizado em 1950 por Josef von Baky. De notar que este filme é baseado no livro de literatura infantil escrito em 1949 pelo autor Erich Kästner. Para saber mais sobre sua vida e obra consultar online: <https://www.inhaltsangabe.de/autoren/kaestner/>], acedido em 22 setembro 2019

– Afinal todas as caixas de coleta parecem iguais.

– Às vezes és muito esperta, – diz a Susanne da sua cama perto da porta e eu entrego outra vez a caixa à Dorothea.

Pode ser que a tia Lou tenha razão sobre os ricos que têm medo de ser roubados. Mas a caixa não é minha, pertence à associação para as mães em convalescença. Ou ao presidente, que instituiu o prémio. Acho que o prémio é chocolate.

A Dorothea coloca outra vez a caixa na minha mesinha de cabeceira e leva o seu baú para o armário. Antes de ir para a cama, agita mais uma vez a minha caixa.

– Silêncio, – grita agora a Elisabeth tão alto, que interrompe o sono da Jutta: – Estejam caladas, quero acabar de ler o meu capítulo!

A Jutta já dorme, como de costume. Ela é sempre a primeira a ir para a cama e adormece tão rápido que nós há muito que não reparamos nela. Na verdade nós nunca reparamos nela e no caso da Jutta não há nenhuma razão para o fazermos. Ela não é nada forte. É mais pequena que eu, mas não é tão magra.

Dispo-me e enfio-me na minha camisa de dormir.

A porta abre-se. – Ainda não estão todas na cama, – diz a senhora Urban, – e já tocou há dez minutos. Despachem-se, se não querem um castigo. Salto para a cama e puxo o cobertor até ao queixo.

– Já te lavaste ou vieste assim para a cama? – pergunta a senhora Urban. – Sei com quem lido.¹³

– Já estive na casa de banho, – disse baixinho. E não fiquei corada ao dizê-lo.

– Então está bem, – disse ela. – Elisabeth, pousa o livro. Boa noite, meninas.

A luz apaga-se. Primeiro está totalmente escuro no quarto, depois os olhos habituam-se a isso e a escuridão transforma-se num cinzento-escuro. Na verdade, as janelas não têm portadas, apenas cortinas beges, e quando é lua cheia o quarto fica tão claro que consigo identificar perfeitamente as outras nas suas camas.

¹³ No original está –Pappenheimer!, convém esclarecer que aqui a autora faz referência a uma família julgada e executada por bruxaria na Baviera, Alemanha no século XVI – disponível em [<https://historiauniversal.forumeiros.com/t939-os-pappenheimer>], acedido em 30 maio 2019.

– Sempre no momento mais excitante, – rosnou Elisabeth na escuridão. – Não percebo mesmo porque é que não temos nenhum candeeiro.

Ninguém diz nada. Também o que é que se deve responder a esta observação estúpida? Porque é que alguém nos havia de comprar candeeiros? Para além disso a eletricidade custa dinheiro. Estou deitada na cama e olho fixamente para o teto do quarto, como faço todas as noites. Na verdade só consigo adormecer quando todas as outras já estão a dormir, também não sei, porque é que isto me acontece. É assim desde o início e ainda não mudou.

Penso no filme que Jutta viu. Duas raparigas encontram-se numa colónia de férias. Tem algum jeito? Quem vai de livre vontade para um lar nas férias? A Jutta disse que era muito diferente do nosso lar e todas as raparigas estavam muito bem vestidas. Pode ser, é um filme. As duas raparigas eram iguais e então deduz-se que fossem gémeas. Uma vivia com o pai e a outra com a mãe, naturalmente tudo acaba bem, no final juntam-se os quatro, as gémeas e os pais. Imagino se eu tivesse uma irmã gémea que fosse igualzinha a mim. Mas ela não vivia com um pai qualquer, mas com pessoas muito ricas e amorosas. De repente fico com tanta raiva dela, que podia ganir. Vejo-a com um vestido com flores dentes de leão amarelas e um laço no cabelo. Ela ri. Ri de mim. A raiva sobe-me à cabeça e pressiona-me os meus olhos. Odeio-a, a minha irmã, porque ela tem tudo.

A Jutta tosse a dormir e de repente dá-me vontade de rir. Não tenho nenhuma irmã!

A Susanne está a adormecer, vira-se o tempo todo de um lado para o outro. Primeiro a cabeça e os ombros, depois só a cabeça. Por vezes dura uma eternidade, outras vezes é rápido. Passado pouco tempo, oiço Elisabeth a rressonar baixinho. O rressonar dela enerva-me. Ela não tem culpa, tem adenóides grandes. Não se ouve nenhum barulho na cama de Rosemarie, nem um sussurro.

Depois começa a Renate a chorar. Isto é o pior de cada noite porque sou obrigada a pensar rapidamente em algo bonito, senão começo a chorar também. A Renate chora baixinho, quase não se ouve, mas quanto mais chora, mais alto me parece. E assim é mais difícil para mim pensar noutra coisa. Preferia lembrar-me da chouriça, mas depois não consigo adormecer logo porque fico com fome. Pensar em comida à noite antes de adormecer é realmente o mais idiota que se pode fazer, eu conheço-me bem.

Então penso em orquídeas. Como elas são, não sei, só as vi em livros. Mas devem ser lindas porque a palavra soa muito bem. Orquídeas. Or-quí-de-as. Imagino que todos que as vêem fiquem encantados. De certeza que têm botões grandes e suaves. Não brilhantes e altas como as flores que crescem nalguns jardins, como por exemplo as tulipas. Não, devem ser muito suaves. Violeta, carmim, roxo. Perguntei à senhora Urban, o que era carmim e ela mostrou-me a cor num livro de pintura com muitas imagens. Carmim é um vermelho escuro, muito quente. O carmim no livro era brilhante, pode ter sido do papel. As orquídeas com certeza não são brilhantes. São suaves, macias e tão sensíveis que ficam com manchas escuras quando lhes tocamos. Devem ser como os narcisos, mas muito maiores e mais fantásticas. Mas imagino-as poucas vezes. Elas crescem nos trópicos. Onde são exatamente os trópicos, também não sei, em todo caso ficam longe.

A Elfriede esteve no último verão em Itália. A sua mãe tinha no ano passado um namorado que tinha carro. Em Itália crescem palmeiras, contou a Elfriede. Nunca vi uma palmeira. A tia Lou disse que quando um dia ganhasse muito dinheiro, também íamos a Itália, as duas. E depois ela descreveu-me com pormenor como é o país. O mar é azul e verde até ao horizonte, a praia tem areia fina e quase branca com palmeiras altas e finas debaixo de um céu azul estrondoso. E depois as noites! Milhões de estrelas num céu de veludo escuro. Ela descreveu tudo, como se tivesse crescido em Itália. Mas ela nunca esteve lá. Mas sabia bem, como era, disse ela, e algum dia...

A Renate parou de chorar, já está a dormir. Não se ouve nada no quarto, nenhum ruído, somente o respirar e o ressonar leve da Elisabeth. Se eu soubesse se a Rosemarie está a dormir. Mas com ela nunca se sabe. Ela tem a cama à minha frente, por isso também não a consigo ver. Paro de respirar e tento ouvir a respiração dela. Parece estar a dormir. Mas talvez esteja a fingir que está a dormir. Prefiro esperar mais um pouco.

Depois começo a contar. Às vezes ainda sei na manhã seguinte até que número contei antes de adormecer, mas na maior parte das vezes esqueço-me.

4. Quem sonha com palácios, perde o seu lugar na cabana (Ver pág. 90 do Anexo)

Conto e continuo a contar, mas não adianta. Não consigo adormecer. Os serões e as noites no lar são particularmente maus. Sobretudo quando se tem dificuldades em adormecer. E quanto mais me esforço, mais acordada fico. Por isso, decido ir um pouco para o meu sítio secreto. Logo a seguir sinto-me melhor. Mas espero mais uns minutos, para ter a certeza, que todas estão a dormir.

No meu sítio secreto escondi o meu livro de pensamentos onde escrevo todos os pensamentos importantes que me ocorrem. Não sou estúpida e não deixo o livro aqui no quarto para que alguém o encontre. Por exemplo a Elisabeth. Consigo imaginar perfeitamente o que aconteceria depois. Iria ler alto os meus pensamentos e rir-se até não poder mais. – Oiçam todas: o rato só vai espreitar o queijo, e logo é apanhado na ratoeira. Ahahah, a cigana acha que é uma poetisa! Ela acredita mesmo que é uma pessoa inteligente! Ahahah!

Naturalmente a Elisabeth não iria nunca perceber nada do que lá estava escrito. Felizmente, iria somente rir ainda mais alto. Eu escrevi aquela frase há algum tempo atrás quando numa aula ela deixou ficar de propósito debaixo da sua mesa uma moeda de cinquenta cêntimos. Ela é mesmo má. A senhora Urban descobriu o dinheiro na minha mochila. Não serviu de nada que tivesse dito que tinha encontrado na rua, a Elisabeth tinha feito antes uma marca na borda e a Dorothea estava presente. Porque é que não notei? A marca dever-me-ia ter chamado a atenção, eu estou sempre atenta. Tive como castigo lavar a loiça durante duas semanas e a Elisabeth disse alto: – Vê-se mais uma vez que todos os ciganos roubam.

Desde então sou mais cuidadosa, muito mais cuidadosa. E por isso é que o meu livro de pensamentos fica, onde ele está, ainda que às vezes gostasse de o ter comigo para escrever alguma coisa ou para apenas o folhear um pouco.

Encontraria o caminho para o meu sítio secreto mesmo a dormir, pois já fui para lá muitas vezes. Por vezes levo comigo um livro, papel e um lápis para escrever uma carta

à tia Lou. Geralmente escrevo-lhe cartas à noite, enviá-las é que raramente as envio. Não quero que se preocupe ainda mais por minha causa. Não adianta nada, de qualquer maneira ela não pode mudar nada. Só se se casar. Mas prefiro não pensar nisso, pois já me enganei uma vez. No inverno passado a tia Lou conheceu um homem, um engenheiro, e disse que ele poderia ser o homem certo. Mas após ter ido dançar com ele três vezes, acabou tudo. Porquê, não sei, ela nunca me contou e eu não perguntei.

Agora dormem todas de certeza, também a Rosemarie. Desço devagarinho da cama. Por precaução levo comigo um lápis e o meu caderno de matemática. Comecei a escrever nele há pouco tempo, por isso poderia arrancar facilmente as duas páginas do meio, caso resolva escrever à tia Lou. No corredor vou mesmo junto à parede, pois no meio há muitos sítios onde as tábuas rangem. Ouve-se muito, principalmente à noite. No relógio grande são quase dez horas. Em frente no hall, que é separado do nosso corredor por uma porta de vidro, está aceso um candeeiro durante toda a noite, para não termos de acender nenhuma luz quando vamos à casa de banho. Os passos dados no hall iluminado até ao pequeno corredor que conduz à sala de trabalhos manuais são a parte mais perigosa do caminho porque a senhora Urban poderia vir de repente dos seus aposentos. A senhora Urban mora connosco no lar. Ela não tem família, apenas uma amiga que a visita muitas vezes.

Esta amiga anda sempre vestida de cinza e roxo e com os cabelos apanhados através de um carrapito bem apertado na nuca.

No lar ela tem a alcunha de — Oh meu Deus o cinza-roxo! e todas se riem dela porque ela tem uma maneira estranha de falar. Como se estivesse a cantar ou a declamar um poema. A Duro imita muitas vezes nas refeições o seu —Oh meu Deus!, sobretudo quando a Inge traz vestido a sua camisola roxa. — Oh meu Deus, Inge tu hoje estás muito elegante.

Já passei o hall e dobrei a esquina para o corredor e fecho devagar a porta da sala dos trabalhos manuais. Já está. Ou quase.

As cortinas da sala de trabalhos manuais nunca estão fechadas e entra alguma luz pela janela vinda dos candeeiros da rua atrás do pátio. Por isso, não preciso de ter medo de ir contra uma cadeira ou mesa por descuido. Na verdade, agora não há perigo. Atravesso a sala e estou à frente da porta para a sala de depósito das malas. Está fechada como

sempre, mas sei, onde está a chave. Mesmo em cima na prateleira, está uma caixa de papelão, onde estão as cartolinas com as tesouras, agulhas de tricô e o kit de costura e a chave. Se subir a uma cadeira, facilmente chego lá.

A fechadura e a dobradiça faziam muito barulho, por isso há alguns meses atrás pus-lhes óleo. Estava num frasco pequeno com um grande bico. No final do bico havia uma pequena tampa para fechar. Fui buscar a garrafa à noite à oficina do Sr. Breitkopf e levei-a lá novamente no outro dia ao meio-dia. Ele não reparou, acho eu, em todo o caso não houve problemas. Desde que pus óleo na porta, ela nunca mais fez barulho e abre e fecha facilmente.

Entro e logo fecho a porta à chave. Na verdade não quero ser apanhada. Depois já não teria um lugar secreto.

Aqui no sítio do depósito das malas é escuro, pois o teto enorme tem apenas duas pequenas janelas de alçapão. Servem para arejar, mas de qualquer maneira isso é desnecessário, pois já entra muito ar pelas fendas do telhado. Durante o dia entra um pouco de luz, mesmo assim a Sr.^a Urban leva sempre uma lanterna quando vai buscar uma mala para uma de nós. Já resolvi o meu problema com a escuridão. Toco com as mãos ao longo da parede do meu lado direito até encontrar o pilar, atrás do qual está escondido o meu tesouro debaixo de jornais velhos. Muitas velas, vinte e sete exatamente, grandes e pequenas, finas e grossas, a maior parte só têm os tocos e duas caixas de fósforos.

Roubei as velas de arranjos e árvores de Natal no último inverno, das salas de aula, da Sr.^a Urban e da nossa árvore de Natal, e os fósforos tirei à Sr.^a Breitkopf que tem sempre alguns no seu bolso do avental para acender o fogão a gás na cozinha. Depois do trabalho ela tira sempre o avental e pendura-o numa cadeira, enquanto penteia o cabelo em frente ao espelho que está sobre o lavatório. Só se tem de saber o que se quer, e depois descobre-se também a oportunidade de o conseguir. Nem sempre, às vezes. Eu até tenho uma lanterna. Está na escola no peitoril da janela do corredor, coloquei-a lá simplesmente. Mas infelizmente as pilhas estão descarregadas há muito tempo e não tenho dinheiro para umas novas, por isso agora a lanterna não me serve para nada.

Acendo uma vela, uma das grossas. Agora já posso fazer barulho, aqui quase ninguém me ouve. No máximo os ratos, mas esses não me fazem nada, ouço-os só às vezes a fazer uns barulhinhos.

Mesmo atrás, debaixo da parte inclinada do telhado construí um sítio para mim. Coloquei um par de malas, umas em cima das outras, sem muita ordem, para que no geral pareça acidental e não feito de propósito para esconder alguma coisa. Atrás das malas está uma coberta de lã com duas listas castanhas na ponta. A tia Lou também tem uma assim, mas sem buracos queimados e ela chama-lhe edredon. Eu cubro-me com o edredon da tia Lou quando durmo lá. Encontrei o meu edredon na lavanderia. É provável que ninguém o tenha querido porque é muito velho e tem alguns buracos queimados. Tanto me faz. Quando está calor, posso sentar-me no meu edredon, e quando está frio posso enrolar-me nele. É um lugar bonito, especialmente quando uma vela está acesa. Então sento-me como se estivesse numa pequena caverna. Só se vê o pilar de madeira e a parte de trás das malas.

O depósito das malas é um esconderijo maravilhoso. Desde que tive esta ideia de me instalar aqui, sinto-me melhor no lar, ao menos à noite quando a luz se apaga. É pena que durante o dia não possa vir aqui, mas se viesse iria com certeza chamar a atenção de alguém. Para além disso, esta sala parece uma lixeira durante o dia.

Coloco a vela sobre o edredon e tiro o meu livro de pensamentos do esconderijo que fica debaixo de um par de tijolos antigos. O meu livro é na verdade um álbum de poesia. A tia Lou ofereceu-me o ano passado no meu aniversário e disse-me: – Deixa que as tuas amigas escrevam aqui, Halinka. Mais tarde, quando fores adulta vais gostar de o folhear e lembrar-te dessas amigas.

Estranho. Como é que ela se lembrou que eu poderia ter amigas? Nunca tive uma amiga. Também não quero nenhuma. Quando olhamos para a Elisabeth e para a Dorothea, que supostamente são amigas, então perde-se logo a vontade de ter amigos. A Elisabeth faz sempre de Dorothea a sua empregada, para lhe limpar o quarto, arrumar o armário, fazer de porteira, tudo. Só não lava a loiça. Na verdade a Dorothea tem uma corcunda. Na realidade diz-se protuberância disforme nas costas. Em todo o caso, ela não pode lavar a loiça, pois a lavar a loiça tem de se estar muito tempo curvada, por vezes mais do que uma hora, e a mim depois dói-me mesmo as costas. Uma vez a

Elisabeth tentou persuadir-me a lavar a loiça na vez dela. Ofereceu-me rebuçados do pacote que ela recebe de casa a cada duas semanas. Desde então percebi porque é que a Dorothea faz tudo à Elisabeth. Eu não, eu cuspi-lhe à frente dos seus pés. Com muito desprezo, conforme li em algum lado.

Não, não quero nenhuma amiga para mais tarde recordar, certamente que não quero. Quero esquecê-la. Não gosto de muitas pessoas, e pessoas que gostem de mim são muito poucas, acho eu. Acho a Renate muito simpática, apesar de falar pouco, apenas coisas normais como “Que horas são?” ou “Que comida é hoje ao almoço?” ou “Na casa de banho fundiu uma lâmpada”. Desde que a Renate está aqui, penso muitas vezes em orquídeas. Não sei porquê. Talvez porque ela é morena e suave. Ela tem cabelos e olhos castanhos-claros e a pele da mesma cor. Mas não percebo bem, pois as orquídeas são da cor violeta, roxo e carmim.

Agarro na minha lata de cheiro secreta, uma lata de cola *Pelikanol*¹⁴. Esta cola é relativamente nova, eu consegui-a já há duas semanas atrás e depois deitei fora a lata velha, que quase já não cheirava a nada. Lentamente abro a tampa e chego a lata ao meu nariz. Fico mesmo com uma moça ao cheirar *Pelikanol*. Mas que cheiro! Cheira a uma mistura de maçapão, de desconhecido e de misterioso. Quando cheiro *Pelikanol*, esqueço o lar e tudo o resto. Dantes não sabia que havia um aroma tão espetacular até à senhora Urban ter feito connosco umas construções antes do Natal. Às vezes espalhava um bocadinho de *Pelikanol* na palma da mão com o pincel que estava na lata antes de ir para a cama. Depois podia cheirar enquanto contava.

Não, eu não quero, que a Renate seja minha amiga. Porque é que devo tornar a minha vida difícil desnecessariamente? Para que serve uma amiga que não é forte? Claramente alguém assim só nos pode prejudicar.

Como irmã mais nova aceitá-la-ia imediatamente. Depois talvez a pudesse ensinar a deixar de chorar. Tenho mais experiência do que ela, também sou meio ano mais velha do que ela. A Renate é das mais novas da nossa turma.

Chora todas as noites na cama! Quem faz uma coisa dessas? Apesar de às vezes suspeitar que ela só chora quando acha que todas as outras estão a dormir. Até podia ser

¹⁴ Marca de cola que surgiu em 1904 para colar papel, neste momento já não existe. De notar que esta cola tinha um aroma de amêndoa amarga.

Para mais informação consultar online [<https://www.chemie.de/lexikon/Pelikanol.html>]

bom, na verdade ninguém repara que ainda estou acordada. Eu consigo estar totalmente em silêncio e respirar suavemente, já treinei durante muito tempo. A Rosemarie consegue fazer o mesmo tão bem como eu.

A Rosemarie seria uma amiga útil. É muito grande e forte. E não tolera nada. Mesmo a Elisabeth não se atreve a fazer-lhe o que quer que seja. Ela é bonita. Mas é burra, acho eu. Na escola é sempre muito má. Isso não tem importância para ela, mais tarde ela herda o Café e para isso não precisa de boas notas, diz ela. A mãe dela tem um Café, que está aberto a noite toda, por isso é que a Rosemarie está aqui no lar. Ela diz que é um Café e a Elisabeth diz que é um bordel. Um bordel é um sítio onde os homens vão para fazer amor com mulheres. A Elisabeth diz fornicar. Não sei o que isso significa. Ou não sei exatamente, só mais ou menos. A tia Lou disse que fornicar era uma palavra feia e que eu não deveria dizer. Deveria dizer que um homem e uma mulher fazem amor. Às vezes a tia Lou é como uma criança e existem coisas que ela simplesmente não percebe. A mim ninguém me engana tão rapidamente e mais tarde, quando for adulta, vou tomar conta da tia Lou para que ninguém lhe faça mal.

A Rosemarie tem caracóis ruivos e uma pele muito branca, ela não fica morena no verão. Eu acho que ela é a rapariga mais bonita do lar. Ela sabe que é bonita. Em casa, no Café da sua mãe, todos os homens andam atrás dela, diz ela. Ela já tem peito. Eu ainda não, apesar de os meus mamilos terem ficado maiores nos últimos tempos. Mas são cor-de-rosa claros e não muito maiores que a minha unha mais pequena e os da Rosemarie são muito grandes e castanhos escuros.

A Rosemarie é um problema para mim. Um problema maior que a Elisabeth. A Elisabeth é simplesmente má e de um lobo não se espera nada a não ser que uive. A Rosemarie não é má, verdadeiramente má. Ela é indiferente.

Às vezes ela espera à noite até que todas adormeçam e depois põe-se de repente ao pé da minha cama. Eu sinto-a, antes de a ver. Sem dizer nada, senta-se na minha cama, empurra a coberta para o lado deita-se ao meu lado. Sei perfeitamente o que ela quer, ainda que não me consiga lembrar se alguma vez me disse. Eu já não sei quando foi a primeira vez. Mas sei perfeitamente o que ela quer.

Deita-se de bruços, com a camisa de dormir puxada para cima até ao pescoço e eu acaricio-lhe as costas. Não com a mão toda, mas com as pontas dos dedos. De forma

muito macia e suave. É assim que ela gosta. Ela não diz nada, mas percebo pela forma como ela se mexe quando lhe passo os dedos que o faço da forma correta. Que lhe agrada. A pele dela é macia, quente e maravilhosa. Ela não é gorda, na verdade é magra, mas nada nela é ossudo, nem mesmo os joelhos. E mesmo as suas omoplatas são macias. Quando me aproximo das suas axilas, ela empurra a parte superior do braço para o lado. Eu já sei, é sempre assim. Percorro com as pontas dos dedos até ao ponto que fica entre as omoplatas e as axilas, onde ela tem cabelos encaracolados muito pequenos. E depois um pouco mais abaixo. Exatamente aí, em volta onde o peito lhe está a crescer. Ela não diz nada. Fica muito quieta. Eu nunca sei em que está a pensar. Talvez nem pense em nada. A Rosemarie, a Burra. Por vezes fico com tanta raiva que preferia bater-lhe, mas claro que não faço isso. Talvez ela não seja tão burra, talvez seja só o seu stratagema de dominar os outros.

Mas se quer alguma coisa de mim, porque não diz nada? Ela nunca diz nada. Nunca, nunca, nunca. Por vezes abraça-me e fica agarrada a mim de forma firme. E ficamos assim muito tempo. Mas na manhã seguinte reage sempre como se nada tivesse acontecido. Como se não se tivesse deitado ao meu lado. E quando a Elisabeth faz uma observação parva sobre ciganos, a Rosemarie também ri.

Por vezes gosto muito dela porque ela é muito bonita, em todo o caso gosto de olhar para ela. E talvez pudesse ser minha amiga, se não se esquecesse de tudo na manhã seguinte.

Ela nunca me acaricia. Mas parece-me justo. Tenho medo que ela possa perguntar porque tenho cicatrizes. Mas por sorte ela nunca perguntou. Ela vai para a cama dela novamente e fico sozinha outra vez. Nas noites em que ela esteve comigo debaixo da coberta, sentia-me depois realmente muito sozinha. Então desejava uma amiga. Mas não por muito tempo. De manhã, ao levantar, não olho para a cama dela, mas quando oiço a voz dela começo a tremer. Isto dura pelo menos meio dia. Ela nunca me disse nada de especial. Ela não fala muito. Mas como é que ela percebeu que eu sou uma pessoa com quem se pode fazer isso? – Ciganas, – diz a Elisabeth, – são todas prostitutas. Qualquer homem as pode comprar, desde que pague o necessário.

A Rosemarie nunca me olha durante o dia. Durante o dia sou um zero para ela. Por vezes, quando não vem ter comigo uma semana ou duas, pergunto-me se terá ido ter

com alguém. Apesar de saber perfeitamente que sou sempre a última a adormecer, olho então para as outras raparigas no quarto e penso: com elas não. Tenho a certeza. Ela não vai ter com elas. Mas também há muito tempo que não vem ter comigo.

Ontem via-a com a Duro. Estiveram sentadas juntas no jardim e conversaram uma com a outra fervorosamente. Logo a Duro, essa vaca gorda! Tanto me faz.

Coloco a lata de Pelikanol de lado, pego no meu livro de pensamentos e escrevo lá algo muito importante: “Nunca se deve desejar algo impossível. Quem sonha com palácios, perde o seu lugar na cabana.” Depois pego outra vez na minha lata. Cheiro mais um bocadinho, antes de ir para a cama.

5. Quem quer um ganso gordo, primeiro tem de o alimentar bem (Ver pág. 98 do Anexo)

Na manhã seguinte não consigo concentrar-me na escola, estou constantemente a pensar na coleta. Na coleta e no prémio. Tenho de alguma maneira conseguir convencer as pessoas a colocar mais dinheiro na minha lata do que nas outras.

– Quem quer matar um ganso gordo, primeiro tem de o alimentar bem, – diz a tia Lou. E eu quero matar um ganso gordo, eu quero o prémio! Incondicionalmente! Talvez o prémio seja um livro? Ou uma caixa grande de aguarelas como a da Rosemarie? Lá dentro tem vinte e quatro cores diferentes.

Nesse momento surge-me uma ideia magnífica.

No intervalo esgueiro-me à sala de trabalhos manuais e roubo da gaveta um pedaço de carvão. Com o carvão pintarei olheiras escuras, assim serei mais digna de compaixão. Desta forma as mães com os filhos bem vestidos devem colocar ainda mais dinheiro na minha lata. Ah! Dinheiro bem empregue. A razão também desconheço, mas é bem empregue. Não consigo suportar mães com filhos bem vestidos.

Na quinta aula recebemos o ditado que escrevemos semana passada. Tenho um Satisfaz pouco¹⁵, que pena. Mas já devia estar a contar com isso. Sou má em ditados. Deve ser porque quando fui para a escola fui para a Polónia e só depois aprendi alemão. Ou talvez seja muito burra para os ditados. No resto sou muito boa na escola, especialmente nas composições e no cálculo matemático. Também me esforço porque a tia Lou também assim o quer.

Antes do almoço distribuem o correio. A senhora Urban tem as cartas em cima da mesa e vai chamando uma a uma. Desta vez existe de facto uma carta para mim, a carta que estava à espera há muito tempo. Da tia Lou, naturalmente, de quem mais haveria de ser? Um envelope castanho comprido. Faço uma cara indiferente quando recebo a carta, mas a minha mão treme.

As outras abrem logo as suas cartas e começam logo a lê-las enquanto caminham. Isso nunca faria. A minha carta pertence-me, só a mim. Ninguém deve sequer ver como me

¹⁵ No original está *Vier*, que corresponde a um Satisfaz Pouco nas escolas portuguesas. Para mais informações consultar [<https://www.estudar-na-alemanha.org/sistema-de-classificacao-alemao/>], acedido em 30 maio 2019.

alegro. Seguro o envelope durante um bocadinho em frente à janela. Mas o papel é muito grosso, não consigo ver o que tem lá dentro.

– Então Halinka, não queres abrir e ler a tua carta? – pergunta a Sra. Urban.

Não lhe respondo. Enfio o envelope por baixo da minha camisa vermelha que a tia Lou me comprou nas férias da Páscoa, e sento-me rapidamente no meu lugar. Ajo como se não fosse nada de extraordinário, mas dentro de mim entoa apenas uma coisa, Tia Lou, tia Lou, tia Lou! Esperei tanto tempo por esta carta.

A Inge recebeu uma encomenda. – Da minha mãe, – diz ela e coloca-a ao lado do prato.

A Duro pergunta-lhe porque é que ela então não a abre imediatamente, mas a Inge não é assim tão estúpida. Para ter de dar alguma coisa à Duro ? Ela abana apenas a cabeça.

Ninguém sabe o que está dentro da encomenda. Com certeza bombons, em todas as encomendas existem bombons. Por vezes também chocolate ou um livro ou roupa. A Elisabeth recebeu recentemente um casaco castanho e também um lenço verde.

A carta da tia Lou range debaixo da minha blusa, mas muito baixinho que só eu é que oiço. As cartas da tia Lou são bonitas. Ela não iria escrever cartas longas, nas quais estivesse algo original, uma história ou algo parecido. Ela não faz isso porque na verdade não sabe escrever bem alemão e eu já esqueci o polaco. Mas, em primeiro lugar, a tia Lou é a única que me escreve, não tenho mais ninguém e para além disso tem alguma coisa juntamente com a sua carta. Quase sempre. Muitas vezes uma nota de cinco euros e às vezes uma nota de dez, que é para o bilhete de comboio. Desta vez é uma nota de dez euros, tenho a certeza. E depois vou ter com ela no fim de semana. Também já passou tanto tempo, não aguento mais. A cada quatro semanas devemos ir a casa e eu já não vejo a tia Lou há tanto tempo. Nas férias da Páscoa não foi possível porque a senhoria da Tia Lou recebeu como visitas o filho e a nora com os seus filhos. A casa estava cheia, por isso ela não me autorizou a ir.

A tia Lou visitou-me no domingo de Páscoa e passeamos durante muito tempo. Atravessamos o bosque até chegar ao bar do miradouro. Lá bebemos limonada e depois regressamos. Ao final da tarde a Tia Lou foi-se embora e fiquei novamente sozinha

aquí. Há quase nove semanas seguidas que estou aquí no lar, no próximo fim de semana será a nona semana.

Após o almoço vou logo à casa de banho, tranco a porta e rasgo o envelope. Não tem nenhuma nota de dez euros, nem mesmo de cinco euros. Sem dinheiro nenhum, apenas uma pequena carta.

Ela não pode trabalhar durante duas semanas porque esteve constipada, por isso não consegue enviar nenhum dinheiro. Agora já está boa. “Tens de ter mais um bocadinho de paciência”, escreve ela. Mas ela adora-me e envia muitos beijos e o tio Sam Silver também envia beijinhos.

Uma carta bonita, apesar de curta. Sou obrigada a chorar um bocadinho. De alegria ou de desilusão, não sei bem. Gostava tanto de me encontrar com a tia Lou.

Da parte de fora alguém bate com força na porta da casa de banho. Não ligo durante um tempo, detesto quando tenho de me apressar. E o que mais odeio é que alguém perceba que estive a chorar. Lentamente dobro a folha, coloco-a no envelope e meto o envelope na minha camisa. É um sítio seguro porque a minha saia tem a cintura bem justa e assim o envelope não cai. Está fresquinho e arranha-me um bocadinho.

Batem novamente na porta, ou melhor descrito, martelam. Só pode ser uma vaca estúpida. Podia ir ao fundo do corredor, lá existem duas casas de banho, uma ao lado da outra.

“Gosto muito de ti”, escreveu a tia Lou. Mesmo no início, quando cheguei ao lar, ela escrevia “Gst”, sem o “o”. Gosto escreve-se com o “o” disse-lhe e ela voltou a reescrever e iria tomar nota.”Gosto” é uma palavra importante, não se poderia escrever mal.

Bateram outra vez e alguém gritou:

– Sai de uma vez!

Claro que reconheço imediatamente a voz. É a Elfriede. Se eu soubesse! Nunca me meteria com ela, ela é muito grande e o mais importante bate muito rápido nas pessoas. Porque que raio não disse logo que era ela? Por vezes esqueço-me que aquí existem muitas

miúdas que são maiores e mais fortes que eu. Em Hildergardis acontecia o contrário, eu era das maiores.

Agora despacho-me mesmo. À medida que abro a porta baixo a cabeça coloco as mãos à frente da cara. Por isso é que a Elfriede me acertou apenas uma vez na bochecha esquerda, disso não tenho dúvida.

– Da próxima vez sais imediatamente, quando alguém quer ir à casa de banho, entendido? Entrou na casa de banho e nem trancou a porta de tanta pressa que tinha.

Por sorte ela não olhou muito para mim de tanta raiva que tinha. De certeza que não reparou nos meus olhos vermelhos de choro.

Vou ao lavatório e olho-me ao espelho. Os meus olhos estão vermelhos, mas ninguém iria reparar porque a minha bochecha está mais vermelha e inchada. Os dedos parecem linhas brancas desenhadas na minha cara. Mais tarde, passado uma hora já tinham desaparecido, já sei que é assim. Em mim cada pancada ou arranhão nota-se muito mais que nas outras pessoas.

– É uma reação alérgica – disse o médico do sanatório. – A tua pele reage de forma muito sensível a uma irritação.

A tia Lou que estava presente acariciou a minha mão e disse: – A sua alma também.

O médico olhou para ela como se ela fosse louca.

Para mim foi constrangedor. É sempre um bocadinho constrangedor para mim quando a tia Lou diz alguma coisa em frente a pessoas estranhas. Mas quando estamos sozinhas, oiço-a com atenção. Ela diz coisas tão bonitas.

Por vezes uma reação alérgica é muito conveniente. No ano passado um professor substituto, que não me conhecia, deu-me uma bofetada, já nem me lembro por que razão. Em todo o caso a minha bochecha inchou e ficou vermelha e via-se bem todos os dedos. Ele ficou horrorizado a olhar para mim, depois levou-me para o hospital do lar e disse que eu devia deitar-me e descansar. Claro que descansei a manhã toda, seria parva se não o fizesse. Ao meio-dia a enfermeira trouxe-me alguma coisa para comer, por isso fiquei deitada até ao anoitecer e a ler.

Antes do jantar a senhora Urban chegou e obrigou-me a ir para a sala de jantar. Ela já sabia sobre a minha reação alérgica e não levou muito a sério. Compreendo-a bem.

Lavo os olhos com água fria até que não se perceba que estive a chorar, depois vou para o nosso quarto. Só a Elizabeth, a Susanne e a Renate estão lá. A Elizabeth está em cima da cama e muda novamente a sua boneca. A Renate olha para mim assustada e a Susanne pergunta quem me tinha feito aquilo.

– A Elfriede – disse e deitou-me na minha cama. A minha bochecha arde, os meus olhos ardem e a minha barriga dói-me. Talvez esteja doente.

Estou muitas vezes doente. Na opinião do Dr. Zuleger, o médico do nosso lar, tenho uma doença qualquer que ele não sabe o nome. Disse ele uma vez. Tenho de me deitar, dói-me a barriga, a cabeça, tudo. E estou tão cansada que durmo constantemente. Durmo e choro.

Depois de dois ou três dias ter dormido e chorado o suficiente volta tudo ao normal. Dantes, em Hildegardis, era bem pior que aqui.

– Quando fores mais velha – disse o doutor – de alguma forma tudo vai passar. E de alguma forma ele tem razão.

Pressiono a minha cara na minha colcha. A próxima vez, quando estiver com a tia Lou, vou pedir-lhe que me traga um pouco do seu perfume e depois coloco um pouco sobre a minha colcha para que ela possa sentir.

– Tens um nariz como uma raposa e olhos como uma águia, – disse-me uma vez a tia Lou.

– Vais ter sucesso. – Tinha muito orgulho quando ela me dizia isso.

Mas é verdade que tenho um excelente nariz. De resto é curioso. Tudo o que se vê ou sente, consegue-se recordar facilmente, mas os cheiros não. Só quando se cheira novamente é que nos recordamos imediatamente que já tínhamos sentido aquele cheiro e se percebe como nunca o esquecemos.

Quando oiço que a Elisabeth pega na sua bolsa e vai para a porta, sei que devem ser quase duas horas e meia, na verdade a Elisabeth tem o seu próprio relógio de bolso. Espero que ela feche a porta e depois levanto-me. Com o pedaço de carvão que roubei

vou outra vez para a casa de banho, para o espelho. Já não se nota nada sobre a bofetada. Desenho novamente círculos escuros em baixo dos olhos. Depois com a minha saia apago um bocadinho porque os círculos ficaram um bocadinho escuros. Agora tenho listas escuras na bochecha direita. Apago e desenho, desenho e apago até ficar satisfeita. Quando coloco a cara bem perto do espelho, vejo naturalmente os dois traços de carvão mas quando recuo dois ou três passos, parece mesmo verdadeiro. Uma pobre criança com grandes olheiras. Só tenho de me lembrar de baixar a cabeça quando alguém estiver mesmo ao meu lado. Mas ao longe não se nota nada.

Depois pego na minha caixa e corro. A porta da sala está aberta. Ao passar percebo que o Sr. Sauer hoje está de supervisão. Ele nunca se ocupa com nada.

– O importante é que não façam asneiras – diz sempre – tudo o resto é-me indiferente. E ele também se comporta assim. Quando alguma de nós tem algo em mente – fugir secretamente quando na verdade não existe nenhuma saída – então esperamos que o Sr. Sauer esteja de serviço.

Todos os professores devem fazer serviço de supervisão à tarde de forma alternada. A pior de todas é a senhora Knieser. Qualquer uma de nós foge quando é a vez dela, pois ela não sai do corredor e está sempre à espera de nos apanhar a fazer algo proibido. Mas a senhora Knieser está poucas vezes de supervisão porque tem a mãe doente em casa e tem de tratar dela. Talvez ela diga isso para não ter que nos supervisionar. Ninguém deveria confiar em nós, diz ela. Melhor tomar conta de um saco de pulgas.

Eu também não gostava de fazer serviço no lar. Tudo menos isso. Eu preferia nunca entrar num lar de forma voluntária.

6. Quando a sorte aparece, devemos puxar-lhe uma cadeira (ver pág. 104 do Anexo)

O Sr. Breitkopf fecha-me a porta.

– Estás atrasada, – diz ele – as outras já saíram todas.

Que é que ele tem a ver com isso? Ele deve preocupar-se com as suas próprias coisas. Aqui alguém tem sempre que reclamar e não se pode fazer nada, sem que alguém diga alguma coisa sobre o assunto. Irrito-me tanto que estou a ponto de lhe dar uma resposta insolente. Para mais agora que me lembro dos meus riscos de carvão e passo por ele de mansinho em silêncio, com a cabeça baixa. Tenho mesmo de ter cuidado. Por sorte o céu hoje está encoberto, com sol é mais fácil descobrir o meu truque.

Fico perplexa em frente à vedação duas casas mais abaixo. Pela primeira vez, o cão está cá fora. Não entendo. Ele não é muito grande, nem preto nem sequer assustador. Pelo contrário. Dá-me no máximo pelo joelho e é castanho claro. Como a gente se engana. Se eu dissesse “ataca”, ele não atacaria ninguém. Ninguém teria medo dele. Será que estas pessoas têm dois cães? Este cãozinho e um verdadeiro? Ele vem até à vedação e abana a cauda de forma amigável. Estendo-lhe a minha mão e ele lambe-a com a sua língua grande e molhada. Um cãozinho de colo, e nada mais. Apesar disso, prossigo desiludida.

O meu lugar à frente do talho está livre. A voz estridente vem da loja:

– Então o que vai ser? – Inclino-me na parede perto da entrada.

O meu truque com a aparência deplorável resulta. Funciona melhor que o esperado. Logo a senhora em segundo lugar diz: – Espera aí – e vasculha no seu saco de compras. Mantenho a cabeça baixa para que ela não perceba os traços de carvão. Ela pressiona alguma coisa entre os meus dedos e a caixa de coleta. Na verdade esta está agora tão pesada que não consigo segurar na alça. Uma tablete de chocolate. Uma tablete inteira de chocolate de leite! Eu faço um grande esforço para continuar indiferente. O melhor seria saltar no ar de alegria. O melhor seria abraçar a senhora. Uma tablete inteira de chocolate! Isto é quase como um prémio! E depois ela coloca mais dinheiro na minha caixa de coleta.

Observo a senhora. É muito gorda e traz vestida uma saia castanha e uma blusa branca. A blusa está esticada sobre as costas e vê-se perfeitamente, como sobressai o sutiã. Tem mamilos grandes. Ela vira-se uma vez mais para mim. Agora está tão distante, que de certeza não consegue perceber os riscos do carvão por baixo dos meus olhos. Pressiono com a mão esquerda a caixa de coleta contra a barriga, com a direita, na qual seguro o chocolate, aceno-lhe e grito: – Deus a abençoe – como dizem as senhoras com uma certa idade. Ela ri e acena de volta.

Coloco rapidamente a tablete de chocolate no bolso do meu impermeável verde e olho para a minha próxima vítima.

As pessoas são elas próprias culpadas, quando são assim tão estúpidas. A ideia dos riscos de carvão teria agradado a *Huckleberry Finn*, tenho a certeza disso, mas essa ideia não lhe teria ocorrido. Ele também nunca teria realizado uma coleta, encontraria um tesouro verdadeiro. E haveria de esconder o dinheiro de forma inteligente do seu pai. Se não ele teria gasto tudo em bebida.

Uma senhora idosa sai da padaria, já não está lá dentro nenhuma cliente. É uma boa oportunidade para obter um pão.

Bato a porta com rapidez. Uma senhora muito simpática e nova está sentada numa cadeira atrás do balcão. Parece confortável. Tem o braço apoiado e à frente dela, mesmo ao lado da caixa está uma taça grande com waffles. Os recheios são cor de rosa, amarelo e verde claro, tal e qual na padaria atrás da casa, onde a minha mãe vive. Ou viveu. Talvez já se tenha mudado, não sei. Do outro lado do balcão está uma grande taça com bolos de café amontoados e também bolos em forma de caracóis e corninhos. Têm uma cobertura branca de açúcar e na borda, onde a cobertura de açúcar se torna mais fina, consigo perceber montinhos escuros. Passas de uva.

Cheira muito bem a pão e a bolos na loja. Lá fora não tinha reparado. É que em primeiro lugar a porta está sempre fechada, em contraste com o talho ao lado, e em segundo lugar o cheiro forte de fumeiro da chouriça sobrepõe-se ao cheiro muito mais suave do pão. Pelo menos no meu nariz é assim, nada se sobrepõe ao cheiro da chouriça.

– Que queres tu? – pergunta a senhora atrás do balcão e levanta-se.

Mostro-lhe a caixa de coleta. Ela diz que não com a cabeça. – Ontem já alguém nos veio pedir à porta e eu não dou duas vezes.

Pela sua voz reparo que me enganei. Ela não é bondosa. Mas não desisto à primeira. Fico parada e olho para as prateleiras na parede traseira da loja. Pães de todos os tamanhos, e uma prateleira com pães normais, pães de água e pãezinhos de leite que estão no meio.

A senhora segue o meu olhar e torce a cara de raiva. – Mais alguma coisa? – pergunta ela.

– Agora vai. Não quero que recolhas dinheiro na minha loja e incomodes os meus clientes.

Interiormente, sussurro uma maldição, não me atrevo a dizer nada alto. Depois volto a sair. Sem pãezinhos nem bolachas. Sem pães normais e sem um waffle partido. Ao menos gostava de ter tido bolinhos de café com uvas passas e cobertura branca de açúcar. Mas não adianta nada. Quem tem um coração frio, prefere colocar a mão no bolso, do que dar alguma coisa. Que sufoque na sua avareza!

Mas a minha desilusão não dura muito tempo. Como poderia durar. Eu tenho uma tablete inteira de chocolate no bolso e para além disso estou em frente do talho da senhora com duas vozes. – Mas passa aqui amanhã outra vez – disse ela e parecia estar a ser honesta.

Com o chocolate no bolso o cheiro da chouriça é quase suportável. Contudo não consigo esperar tanto como ontem, não seria também muito sensato. – Quando a sorte aparece, devemos puxar-lhe uma cadeira – diz sempre a tia Lou. Quando a sombra da casa em frente chega precisamente até ao meio da rua, espero até não haver mais clientes na loja, depois

entro.

Estendo a minha caixa de coleta, tal como ontem, e baixo a cabeça por prevenção. O balcão não é muito largo e eu não sei se ela percebe ou não os riscos de carvão por debaixo dos meus olhos. Para além disso uma cabeça descaída comove toda a gente e as pessoas preferem crianças humildes a atrevidas. – Estás cá outra vez – diz ela, desta vez logo com a sua segunda voz, a suave, e estende-me algo. Uma salsicha de Viena. Seguro-a ao olhar de esguelha para cima. Não duas.

Agarro-as tão rapidamente quanto é possível com a cabeça baixa. Hoje já consigo dizer logo "Obrigada". Habitúamo-nos a tudo, principalmente ao que é bom. Novamente aparece a sua mão, desta vez com uma moeda, um euro que ela coloca na ranhura da minha caixa de coleta. Um euro! Eu desejo-lhe do fundo do coração uma Vida longa e saudável, ela deve ser uma pessoa realmente bondosa.

Depois estou novamente em frente à loja. Entre um dador benevolente e o próximo às vezes dou uma pequena dentada numa salsicha. Já comi quase uma inteira, está a ser tão rápido, tenho de poupar a salsicha. Tenho de esperar o tilintar de moedas duas vezes até dar uma outra dentada.

Isto é como um jogo e divirto-me. Mas que belo dia.

Na casa em frente, no piso por cima da loja de roupa, uma senhora idosa sentou-se atrás de uma janela aberta. Apoia-se com o cotovelo no peitoril da janela e olha para mim deste lado. Tem um rosto cavado, já não tem dentes com certeza. Faz-me lembrar que tenho de encolher as bochechas. Mais um motivo, para não morder na salsicha, vou esperar quatro doadores para cada dentada.

A primeira é uma senhora com um chapéu na cabeça, com uma pequena coisa branca com uma pena azul esverdeada brilhante. Uma senhora tem unhas pintadas de vermelho vivo. Coloca três moedas na caixa de coleta. Não a vi, mas acredito, que tenham sido apenas cêntimos porque não tilintaram muito alto.

O segundo é um homem com uma grande barriga e duplo queixo. Primeiro tenho de lhe contar toda a história da Sra. Heuss-Knapp, a senhora amorosa, caridosa e generosa do nosso Presidente que fundou a "instituição de convalescença para as mães". Ele ouve tudo e ainda coloca questões.

– Os norte-americanos estão envolvidos?

Não faço ideia se os americanos participam, mas da maneira que ele pronunciou a palavra "norte-americanos", disse logo: – Não.

– Os Comunistas? – pergunta ele e o seu duplo queixo treme quando fala. – Será que tem alguma coisa a ver com os comunistas?

– Não – digo-lhe – apesar de não ter ideia, quem possa ter alguma coisa a ver a não ser a senhora Heuss-Knapp. É uma coisa só alemã.

Agora seria bom, se eu tivesse tranças loiras e não madeixas escuras. Mas ele não se deixa perturbar por causa disso. Coloca duas moedas na caixa de coleta e imagino o som de moedas de prata. Moedas grandes têm um som diferente dos cêntimos, eu sei isso perfeitamente mesmo quando as pessoas colocam dinheiro e na maioria das vezes não consigo ver o que lá inserem. É pena que a caixa de coleta não seja de vidro. Isso seria mais emocionante. Para além disso, poder-se-ia deixar cair a caixa sem querer. Não na rua, naturalmente, onde depois todos poderiam apanhar o dinheiro.

A terceira é outra vez uma senhora com uma criança muito bem vestida, um menino. Apesar de não ser muito mais pequeno que eu, ela leva-o pela mão. Isso deixa-me possessa. Eu não quero de todo que alguém me leve pela mão, na rua, quero dizer, e apesar disso choro de raiva sempre que vejo isso. É particularmente mau, quando se trata de uma criança que vai com a mãe e o pai de mão dada pelos dois. Era capaz de matar essas crianças. Ou as mães ou os pais, não sei bem. Sei apenas que me deixa sem cor.

Sem se notar passo a mão sobre a minha blusa. A carta faz um ligeiro barulho, e quando me mexo, consigo senti-la na minha pele. Depois fecho os olhos por um momento e imagino a cara da tia Lou. A raiva desaparece. Quando penso na tia Lou, não consigo ficar com raiva. Mas não posso pensar muito tempo nela, senão....

Fecho novamente os olhos. Ainda ardem um bocadinho, mas isso pode ser do sol, que aparece entre duas nuvens e me cega.

Por sorte, a próxima doadora não é nenhuma senhora com uma criança, mas uma com duas sacas de compras que carrega de forma paciente. Naturalmente dá-me alguma coisa. Hoje pareço tão miserável que ninguém consegue dizer-me que não. Não quero lamentar-me, hoje recebo tudo que quero. Só não recebo 10 euros para ir ter com a tia Lou.

De repente a tablete de chocolate não é tão importante. “Quando o coração está azedo, não adianta ter açúcar na boca”. Este também é um ditado da tia Lou.

Obrigo-me a não pensar nela, apenas na coleta. Também não quero pensar na obra para as mães em convalescença. Porque é que ando a recolher fundos para mães que não conheço? Para mim trata-se do prémio, quero tê-lo. Dou uma grande dentada na segunda salsicha. Mas não me sabe tão bem como a anterior. E o sol escondeu-se novamente atrás das nuvens.

Por volta das cinco horas a minha caixa de coleta está mesmo muito pesada. Deve estar realmente cheia. Quando a abano, faz um barulho abafado, e se alguém coloca uma moeda lá dentro já não se ouve o chocalhar das moedas há muito tempo. Com certeza tem muito dinheiro lá dentro. Não devo sequer começar a imaginar o que poderia fazer com tanto dinheiro. Prefiro pensar no prémio. Penso que é meu com certeza. Mas entretanto pergunto-me se o quero verdadeiramente, mesmo que seja um livro. Com certeza é um livro, que mais poderia ser? Aqui as meninas que tiram a melhores notas na primária recebem sempre um livro, disse a Duro. A maior parte das vezes um dicionário enciclopédico ou as sagas da Antiguidade Clássica. Um livro não era mau.

Mas não consigo esquecer o dito da tia Lou sobre o ganso gordo. Penso nisso constantemente, mesmo que não queira. Estou tão absorvida com os meus pensamentos que não vi o lar. De repente estou em frente ao portão.

Lá em cima vou logo à casa de banho e lavo os riscos de carvão. Não quero mesmo que outra menina perceba o meu truque. A coleta já terminou, mas quem sabe se terei de utilizar novamente este truque noutra altura.

3.2 Questões tradutivas

Ao longo da tradução destes seis capítulos surgiram algumas questões de tradução sobre as quais gostaria de realizar uma breve reflexão.

Ao traduzir este romance juvenil de Mirjam Pressler tinha como objectivo tornar esta obra acessível ao público juvenil de expressão portuguesa, isto é, com idades compreendidas entre os doze e os quinze anos. Ao traduzir tentei manter algumas marcas culturais do texto de partida, de forma que estas marcas contribuíssem para a formação intercultural do jovem leitor. Optei por não traduzir os nomes próprios, nomes de ruas ou de lugares, optei por realizar uma simples Transferência.

Em relação aos nomes próprios percebi aqui nesta obra que à exceção do nome “Breitkopf”, a maior parte dos nomes próprios não tinham conteúdo semântico, funcionam como designadores e os nomes próprios constituem uma “associação única e arbitrária entre o nome próprio e o seu portador” (Lyons,1980:176).

Em certos nomes próprios como *Renate, Elisabeth, Susanne, Claudia, Rosemarie*, poderia ter optado por equivalentes em português, mas no final causaria uma certa incoerência textual ao não traduzir todos os nomes para português, na medida em que muitos não teriam equivalente em português, como por exemplo: *Sauer, Hannelore, Zuleger, Knieser, Inge, Lou, Duro, Jutta*.

Ao longo da tradução foram introduzidas muitas notas de rodapé, com notas explicativas e comentários, para que o jovem leitor consiga compreender certas aspetos culturais do texto de partida que foi escrito numa outra época e que pertence a uma cultura diferente, podendo assim ampliar o seu conhecimento intercultural. Através destas notas de rodapé consegue-se explicitar informação que se considera relevante, são elementos paratextuais que ajudam o jovem leitor a interpretar melhor o texto. Penso que no caso de uma obra de literatura juvenil o tradutor tem mais necessidade de aumentar o número de explicações, de conceitos e expressões, pois a mundividência e conhecimento do jovem leitor ainda é bastante limitado; as notas que introduzi têm uma função explicativa e informativa necessária para a compreensão total do romance.

Penso que as notas de rodapé que foram introduzidas neste trabalho foram sempre relativamente breves e concisas, não interferindo com o desenrolar natural da história.

As notas de rodapé como afirma Laura Tallone (2013: 83) quando diz ser necessário este e outros recursos “[...] nomeadamente notas introdutórias, mapas, glossários, e esclarecimentos histórico-sociais torna-se especialmente evidente quando a obra deve ser recontextualizada para leitores que desconhecem a tradição cultural e literária do original [...]”

De notar que estas notas são constituídas por afirmações explícitas e diretas através das quais a voz do tradutor se distingue da voz do autor (Buendía, 2013:150).

No que concerne a pratos gastronómicos típicos alemães optei pela técnica de tradução da adaptação que segundo Jean –Paul Vinay (1995:39) “[...] é usada naqueles casos onde o tipo de situação referenciada na mensagem do texto de partida é desconhecido na cultura do texto de chegada.”

No segundo capítulo da tradução comentada optei por traduzir *Wurst* (pág. 23) por chouriça em vez da tradução literal que é salsicha por uma questão cultural, assim como não traduzi *Grieß* (pág.23) como sêmola como seria a tradução literal e sim por batata (sopa de batata). De referir ainda que o prato típico gastronómico *Kasseler Ripchen* também não foi traduzido de forma literal, optou-se por costeletas de porco mais uma vez por uma questão cultural, a sua tradução literal seria, costelas de carne de porco salgada e levemente fumada.

As diferenças relativamente às unidades monetárias constituem também uma questão sobre a qual é necessário reflectir. Nesta obra traduzi a unidade monetária *Pfennig* para cêntimo e *Mark* para euro, não tendo o cuidado de verificar a conversão monetária exata desta moeda já em desuso, visto que não era muito importante. Nos capítulos 3 e 5 quando se fala do dinheiro que a tia Lou envia à Halinka ou nas moedas que caem na caixa de coleta da Halinka, o propósito original é entender que esse dinheiro que é enviado à Halinka é o necessário para a viagem de comboio. No caso desta tradução literária penso que não é importante a conversão exata da moeda monetária, mas noutro tipo de textos pode ser necessária essa exatidão.

Gostava ainda de referir que ao longo da tradução destes primeiros seis capítulos verifica-se o uso do artigo definido na língua portuguesa precedendo os nomes próprios de pessoas ao contrário do que acontece na língua alemã, abaixo apresento um exemplo que ocorre no primeiro capítulo da tradução comentada, (pág.14) :

“Renate, die Einzige aus unserem Zimmer, [...]” A Renate, a única do nosso quarto, [...]

“Renate findet das nicht komisch, [...]” / A Renate não acha graça [...]

Verificou-se ao longo destes seis capítulos que normalmente não se traduziu a maior parte dos artigos possessivos. Constata-se que a língua portuguesa usa menos artigos possessivos que a língua alemã, conforme o exemplo que apresento a seguir que ocorre no quarto capítulo da tradução comentada:

“Nach der Arbeit zieht sie immer ihre Schürze aus und hängt sie über einen Stuhl [...]” / “Depois do trabalho ela tira sempre o avental e pendura-o numa cadeira [...]”

Para finalizar gostava de referir a recorrência de abertura dos capítulos com enunciados em tom de epígrafe, que pela sua estrutura e ritmo remetem para a possibilidade de se tratar de provérbios ou axiomas. Procedeu-se então a uma averiguação desta ocorrência e conclui-se que, de facto, os referidos enunciados de abertura dos capítulos não são provérbios da língua alemã. Assim, não se usaram provérbios equivalentes na língua de chegada. Teve-se a preocupação em manter a estrutura proverbial e o ritmo, sendo que, ainda assim, tenham sido aplicadas algumas técnicas tradutivas, no sentido de se obter um translato mais fluído e que melhor veiculasse a intenção narrativa deste romance, a saber:

Wenn man nicht beißen kann, soll man die Zähne zeigen

Quando não se pode morder, não se deve mostrar os dentes¹

Fünf Minuten im Garten Eden sind besser als ein ganzes Leben in der Hölle

Mais vale² cinco minutos no Paraíso do que a Vida Inteira no Inferno

Wer arm ist, braucht keine Angst vor Dieben zu haben

Quem é pobre³ não precisa de ter medo dos ladrões

¹ Tradução literal

² Transposição que segundo Jean-Paul Vinay (1995:36) consiste na modificação ao nível morfosintático, sem alteração de sentido

³ Omissão da vírgula, não se separa o sujeito do predicado em português

Wer von Palästen träumt, verliert seinen Platz in der Hütte

Quem sonha com palácios, perde o seu lugar na cabana⁴

Wer eine fette Gans schlachten will, muss sie erst mal füttern

Quem quer⁵ um ganso gordo, primeiro tem de o alimentar bem

Wenn das Glück kommt, muss man ihm einen Stuhl hinstellen

Quando a sorte aparece, devemos puxar-lhe⁶ uma cadeira

De salientar que destes enunciados em tom de epígrafe só dois redundam em traduções literais, tendo sido nos restantes utilizada a técnica da Transposição, da tradução de pontuação, da Omissão ou Elipse e da Equivalência Cultural, mantendo-se a normatividade inerente aos provérbios, por ser óbvia a semelhança estrutural destes enunciados epigráficos que anunciam a particularidade temática de cada capítulo, bem assim como as lições a tirar de cada experiência.

⁴ Tradução literal

⁵ Omissão ou Elipse “ter” em vez de “abater”. Optou-se por esta via para se obter o ritmo desejado. Pode dizer-se que é uma Colocação ou até Equivalência Cultural.

⁶ Equivalência cultural: “colocar uma cadeira” causaria estranhamento na língua de chegada.

Capítulo IV - Conclusão

A tradução destes seis primeiros capítulos do romance juvenil *Wenn das Glück kommt, muss man ein Stuhl hinstellen* de Mirjam Pressler suscitaram em mim uma reflexão pertinente sobre o conceito de literatura infanto-juvenil, sobre as obras e autores deste tipo de literatura.

Sinto que são obras como este romance juvenil que podem ajudar os jovens adolescentes a refletir sobre a miséria que a Guerra pode provocar, os sofrimentos profundos que o abandono de figuras tutelares nas nossas vidas, como os pais podem trazer. Mas apesar de todos os temas mais sombrios que podem ser refletidos neste romance, percebemos que Mirjam Pressler nos deixa uma mensagem de esperança através dos ensinamentos e amor da tia Lou pela personagem principal, Halinka.

Concordo com Maria do Céu Pontes (2008: 5) quando afirma que:

A leitura pressupõe uma compreensão de signos mas constitui, antes de mais, uma relação de ordem afetiva que convoca a sensibilidade. Através dela, as crianças – e todos nós – podem pensar e questionar as próprias ações e sentimentos e conhecer-se melhor.

Espero que todos os escritores de literatura infanto-juvenil tenham a capacidade de se apoderarem da matéria-prima das palavras e possam formar a mente das crianças e adolescentes como as mães moldam o crescimento dos bebês no seu útero.

Que tenham a capacidade de escrever obras de literatura infanto-juvenil que apelem à Esperança, ao Amor e à Construção de um Mundo Melhor, refeito de novos valores éticos e morais.

Que a literatura infanto-juvenil ajude também a refletir e a repensar a atitude dos adultos, que possam fazer nascer em suas mentes concepções diferentes para um novo Mundo emergir. Um Mundo com adultos que emergiram a partir das consequências, comportamentos, atitudes e modelos dos adultos que os precederam.

A educação, a cultura e a inteligência só servem ao serviço do Amor. Uma palavra composta por poucas letras, repleta de sentido e significado infinito em qualquer língua.

As ausências dos livros, das palavras, das presenças deixam marcas que só poderão ser sanadas com novas presenças, novos afetos e novas partilhas num outro tempo.

Os sentimentos nascem na infância, fortalecem-se e solidificam-se na adolescência e enraízam-se no ser adulto. Penso que este romance juvenil pode ser um diálogo muito cativante entre a autora Mirjam Pressler e o jovem leitor português, por isso tentarei que este seja publicado em português após a sua tradução integral.

Não esquecendo que este romance juvenil é de carácter autobiográfico, penso que será enriquecedor os jovens portugueses perceberem melhor as memórias de Mirjam Pressler que em criança sofreu as consequências de uma Guerra com ideologia nazi.

Abaixo transcrevo a primeira parte de um livro infantil, de Bertolt Brecht (2014) que se intitula A Cruzada das Crianças que pretende dar voz às crianças separadas das famílias durante a segunda Guerra Mundial, sobre os horrores da Guerra:

No ano de trinta e novembro

A Polónia verteu sangue;

Suas vilas pereceram

Sob o fogo de falanges.

A criança ficou órfã,

Faleceu o irmão querido, a cidade era só chamas,

A mulher perdeu o marido.

Do país nada chegava,

Só rumores sem valia, mas em terras lá no leste

Estranha história se ouvia

Estou de acordo com a visão de Mirjam Pressler quando afirma⁷:

Ohne Bücher bleibt die Welt eng, die Möglichkeiten dessen, was man für denkbar und daher auch für machbar hält, begrenzt.

Wir brauchen viele Bücher, viele, viele, verschiedene Bücher. Viele kleine Gucklöcher in der Wand, die zwischen uns und der oft so unverständlichen Welt steht.

Bücher können einen Ausblick geben. Keines kann die ganze Welt zeigen. [...] Ich gebe mich nicht der Illusion hin, Bücher könnten die Welt verändern, aber für einzelne Menschen kann ein bestimmtes Buch eine wichtige, Welt bewegende Bedeutung erlangen.

[Sem livros, o Mundo fica limitado e as possibilidades que considerávamos possíveis e por isso mesmo exequíveis ficam reduzidas.

Precisamos de muitos livros e muitos livros diferentes. Precisamos de muitos orifícios visionários na parede que habitualmente se ergue entre nós e o Mundo tantas vezes incompreensível.

Os livros oferecem uma determinada perspectiva. Nenhum livro consegue mostrar o Mundo inteiro [...] Eu não tenho a ilusão que os livros possam mudar o Mundo, mas um determinado livro pode adquirir uma importância emocionante para uma certa pessoa.”
[tradução minha]

Que os escritores de literatura infanto-juvenil e educadores moldem na gentileza das palavras os comportamentos são nos jovens leitores e, conseqüentemente, na posteridade.

Das palavras indiferentes sempre nasce a revolta e a incompreensão. Do discurso violento sempre espreita a rebeldia. Do apelo ao ódio sempre eclodirá a guerra. Mas do texto amoroso sempre irromperá a Luz e sempre brotará a Compaixão e um Império repleto de Fraternidade cultivará os inúmeros descampados do Coração. Que as obras de Literatura infanto-juvenil possam vincular valores, atitudes e modos de consciência cada vez mais

⁷ Citação retirada da página oficial da Mirjam Pressler na Internet: [<https://www.mirjampressler.de/>], acessido a 1 outubro 2019

salutares nos nossos pequenos leitores e possamos, assim, todos nós, como sociedade, como um Todo, renascer. Traduzir faz renascer.

Referências Bibliográficas

Livros

- Brecht, Bertolt (2014). *A Cruzada das Criações*. (Trad. Tércio Redondo). Pulo do Gato
- Clemens, Samuel Langhorne (1961). *Adventures of Huckleberry Finn*. W. W. Norton & Company, Inc.,
- Kress, Gunther (1985). *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*. Deakin University
- Jean-Paul Vinay, Jean Darbelnet (1995). *Comparative Stylistics of French and English, A Methodology for Translation*. (Trad. Juan C Sager. M.-J. Hamel). Jonh Benjamins B.V
- Lyons, John (1980). *Semântica I*. Lisboa: Presença
- Oittinen, Riita (2000). *Translating for children*. New York & London: Garland Publishing Inc.
- Newmark, Peter (1998). *A Textbook of Translating*. Hertfordshire: Phoenix ELT
- Pressler, Mirjam (1994). *Wenn das Glück kommt, muss man ihm einen Stuhl hinstellen*. Berlin: Beltz & Geldberg
- Reynolds, Kimberley (2011). *Children's Literature: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press
- Silva, Vitor Aguiã e (1997). *Teoria da Literatura* (8.ª Ed.). Coimbra: Livraria Almedina
- Tallone, Laura (2013). "A nota de rodapé e a nota do tradutor: Apontamentos à margem", *Entre Margens e Centros: Textos e Práticas das Novas Interculturas*, coord

.Clara Sarmiento. Edições Afrontamento, (pp. 79-85)

Dicionários

Coelho, Nelly (2006). *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. São Paulo: Nacional

Jornais

Buendía, Carmen Toledano. (2013) *Listening to the voice of the translator: A description of translator's notes as paratextual elements*. *The International Journal for Translation & Interpreting Research*, vol. 5, n.º 2: 149-162.

Artigos Online

As Aventuras de Huckleberry Finn. *Infopedia.pt*.

[[https://www.infopedia.pt/\\$as-aventuras-de-huckleberry-finn](https://www.infopedia.pt/$as-aventuras-de-huckleberry-finn)], acessido em 24 de março 2019

Care's History. *Care International.org*.

[<https://www.care-international.org/who-we-are-1/cares-history>], acessido em 24 março 2019

Comida típica alemã. *Brazilian.hostelworld.com*.

[<https://www.brazilian.hostelworld.com/blog/comida-tipica-alema/>], acessido em 22 setembro 2019

Pontes, Maria Céu (2008) *Da infância para o Mundo: as leituras que educam para os valores e formam o carácter*

[<https://core.ac.uk/download/pdf/47135959.pdf>], acessido em 2 janeiro 2019

Elly Heuss-Knapp Stiftung Müttergenesungswerk . *Muettergenesungswerk.de*.

[<https://www.muettergenesungswerk.de/wer-wir-sind.html>], acessido em 24 março 2019

Erich Kästner. *Inhaltsangabe.de*.

[<https://www.inhaltsangabe.de/autoren/kaestner/>], acessido em 22 setembro 2019

Grimm's Märchen . *Grimmstories.com*.

[https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_mesa_o_burro_e_o_cacete/],
acedido em 8 maio 2019.

Kibutz. *Coisasjudaicas.com*.

[<https://www.coisasjudaicas.com/2012/11/o-que-e-kibutz.html>],
acedido em 1 outubro 2019.

Mirjam Pressler . *Mirjam Pressler.de*.

[<https://www.mirjampressler.de/werk/>],
acedido em 1 outubro 2019.

Os Pappenheimer . *Historiauniversa.forumeiros.com*.

[<https://historiauniversal.forumeiros.com/t939-os-pappenheimer>],
acedido em 30 maio 2019.

-Pelikanol. *Chemie.de*

[<https://www.chemie.de/lexikon/Pelikanol.html>],
acedido em 30 maio 2019.

Sistema de classificação alemão. *Estudarnaalemanha.org*.

[<https://www.estudar-na-alemanha.org/sistema-de-classificacao-alemao/>],
acedido em 30 maio 2019.

Filmes

Das doppelte Lottchen (1950). Realizado por Josef von Baky. Munique: Carlton Film Bavaria Film.

Anexo

1. Wenn man nicht beißen kann, soll man die Zähne nicht zeigen

Zwei Kartoffeln sind noch übrig. Sie sind fast weiß und glasig und haben schwärzliche Stellen, trotzdem hätte ich gern noch eine. Oder alle beide. Vorsichtig strecke ich die Hand aus. Da spüre ich auch schon den Tritt gegen mein Schienbein, und einen Moment lang wird mir schwarz vor den Augen. Nicht weil es so weh tut, sondern vor Wut. Aber ich reiße mich zusammen und ziehe die Hand schnell zurück.

»Wenn man nicht beißen kann, soll man die Zähne nicht zeigen«, sagt Tante Lou immer. Duro ist nun mal zu groß für mich, da hat Beißen keinen Sinn. Sie ist schon vierzehn, nächste Ostern geht sie weg. Sie will nach dem Heim eine Lehre als Schneiderin anfangen, hat sie gesagt. Sie nimmt die Schüssel, läßt die beiden Kartoffeln auf ihren Teller rutschen und kippt dann den Rest Senfsoße darüber. Inge, am anderen Tischende, hat alles mitgekriegt. Sie zieht die Augenbrauen hoch und zuckt ganz leicht mit den Schultern.

Am Tisch nebenan steht Fräulein Urban auf und schwingt die Glocke, die immer neben ihrem Teller steht. Eine stumpfgelbe Messingglocke mit ziseliertem Blumenmuster und einem schwarzen Holzgriff. Unser Tisch ist sofort still, weil wir das Klingeln nicht überhören können. Ein Tisch nach dem anderen wird ruhig, bis auch die letzten im Speisesaal den Mund halten.

»Alle herhören«, sagt Fräulein Urban. »Die Mädchen der Fünften und Sechsten kommen um halb zwei in den Handarbeitssaal. Alle!«

Renate, die einzige aus unserem Zimmer, die bei mir am Tisch sitzt und auch in die Sechste geht, duckt sich neben mir. Ganz klein sieht sie plötzlich aus, als hätte Duro sie ebenfalls ans Schienbein getreten. Aber Renate würde nie den Versuch wagen, sich an den letzten Kartoffeln zu vergreifen.

»Du brauchst keine Angst zu haben«, flüstere ich ihr zu. »Handarbeitssaal ist nicht schlimm. Da will sie nur mit allen etwas besprechen. Vielleicht machen wir ja einen Klassenausflug nach Amerika, eine Floßfahrt auf dem Mississippi.«

Renate findet das nicht komisch, sie lacht auch nicht. Vielleicht hat sie ja nie »Huckleberry Finn« gelesen. Sie zieht den Kopf noch tiefer zwischen die Schultern, und ich ärgere mich, daß ich überhaupt etwas zu ihr gesagt habe. Und ich ärgere mich auch über sie. Ich habe ihr doch nichts tun wollen, ich doch nicht!

Von mir aus soll sie den Mund halten, so lange sie will. Ich dränge mich niemandem auf. Nie. Ein wichtiger Satz in meinem Gedankenbuch heißt: »Man sollte nie jemand anlachen, der vorher nicht wenigstens gelächelt hat.«

Ich habe heute weder Tischdienst noch Spüldienst, deshalb bin ich schon kurz vor eins in unserem Zimmer. Ich setze mich aufs Bett und fahre vorsichtig mit dem Finger über die Beule, die an meinem Schienbein wächst. Bestimmt habe ich bald einen blauen Fleck. Diese fette Kuh! Ich ziehe mir die Schuhe aus. Natürlich kriege ich den rechten Schuh nicht vom Fuß. Heute morgen ist der blöde Schnürsenkel gerissen, zum dritten Mal, und ich habe ihn verknotet. Jetzt geht der Knoten nicht durch die Öse, und ich muß ihn wieder aufnesteln. Das abgerissene Ende schiebe ich in den Schuh, dann lege ich mich aufs Bett.

Ganz fest drücke ich das Gesicht in meine schöne, rotbraune Tagesdecke und denke an Tante Lou. Ich denke immer nur an Tante Lou. An wen denn sonst? Es gibt Gedanken, die weh tun, bei denen mir übel wird. Solche Gedanken will ich nicht, die schiebe ich schnell weg. Gedanken an Tante Lou aber sind schön. Als würde mitten in einem Unwetter der Himmel aufreißen, so daß man einen Streifen blauen Himmel sieht. Einmal, als wir im Taunus waren, Tante Lou und ich, haben wir einen Regenbogen gesehen. Tante Lou ist ganz feierlich geworden und hat mir ein Lied vorgesungen, auf Polnisch. Ich habe nicht alles verstanden, aber es war schön. Unhörbar, nur in meinem Kopf, summe ich die Melodie vor mich hin.

Um halb zwei sagt Elisabeth: »Los, wir müssen gehen.«

Ich streichle noch einmal unauffällig über meine Tagesdecke, dann stehe ich auf und gehe in den Handarbeitssaal. Den abgerissenen Schnürsenkel halte ich in der Hand.

Im Handarbeitssaal ist es voll. Alle sind da, alle Mädchen aus der Fünften und der Sechsten. Über dreißig. Sie sitzen auf Stühlen, Tischen und sogar auf den Fensterbänken. Es ist ziemlich laut. Auf einem Tisch an der Wand, neben der Tür zum

Kofferspeicher, hockt Inge. Sie winkt mir zu und klopft mit der anderen Hand neben sich. Da ist noch ein Platz frei.

Auf der großen Platte zum Zuschneiden stehen drei Pappkartons. Fräulein Urban hat die Hände darauf gelegt und wartet, daß endlich alle still sind.

»Vielleicht haben wir Care-Pakete aus Amerika bekommen«, flüstert Inge. »Stell dir vor, Halinka, Care-Pakete mit Schokolade und Erdnußbutter.«

»Es gibt keine Care-Pakete mehr«, flüstere ich zurück. »Schon lang nicht mehr.«

Inge zuckt mit den Schultern. »Vielleicht passiert ja ein Wunder, wer weiß.«

In meinem Gedankenbuch steht: »Man sollte nie auf Wunder hoffen, es sei denn, man kann sich drauf verlassen, daß sie wirklich eintreten.« Diesen Satz habe ich damals aufgeschrieben, als Tante Lou zum zweiten Mal zu meinem Vormund gegangen ist und mich wieder nicht gekriegt hat. Dabei war sie so sicher gewesen, weil sie doch eine feste Arbeitsstelle gefunden hatte.

Fräulein Urban hebt eine Hand. »Ruhe!« ruft sie. »Hört mal alle her! Ich habe einen tollen Vorschlag für euch!«

Inge rutscht etwas näher zu mir und sagt leise: »Von wegen toll! Wenn die einen Vorschlag hat, kann er nur saublöd sein.«

Inge kann Fräulein Urban nicht leiden. Ich glaube, sie trauert immer noch Frau Maurer nach, der Leiterin vom Kinderheim Hildegardis, in dem wir beide früher gewesen sind. Mir gefällt Fräulein Urban besser, wenn man da überhaupt von gefallen sprechen kann. Zumindest fragt sie nicht dauernd, was man denkt, und sie will einen auch nicht ständig in den Arm nehmen und küssen.

Fräulein Urban klatscht jetzt ein paarmal in die Hände, und alle werden still. Sie erzählt uns von einem Verein, der »Müttergenesungswerk« heißt. Den hat Frau Elly Heuss-Knapp gegründet, die Frau unseres Bundespräsidenten. 1950, also vor zwei Jahren. Von dieser Frau Heuss-Knapp habe ich nie gehört, doch der Name Theodor Heuss kommt mir bekannt vor, wahrscheinlich vom Radio, aber was genau ein Bundespräsident ist, weiß ich nicht. Fräulein Urban sagt, diese Frau Heuss-Knapp sei eine gute Frau und

klug und mildtätig. Und wir sollten für das Müttergenesungswerk Geld sammeln, sagt sie, damit die armen Mütter genesen können und damit Frau Heuss-Knapp sich freut.

»Was heißt das, genesen?« fragt Inge.

Fräulein Urban erklärt ihr, was das heißt, nämlich gesund werden. Ich weiß das, denn ich war schon mal in so einem Heim. Das nennt man auch Sanatorium, und dort bekommt man jeden Tag dick Butter aufs Brot und viel Milch zu trinken, und nach dem Mittagessen muß man stundenlang gut eingepackt in einem Liegestuhl im Freien liegen, sogar wenn's kalt ist. Mir hat es in dem Heim nicht gefallen, weil ich niemanden gekannt habe, außer Hannelore, aber die ist bald gestorben. Genesen bin ich trotzdem. Kein Wunder bei so viel Butter! Und außerdem hat mich Tante Lou einmal im Monat besucht. Fast ein halbes Jahr war ich dort. Und vor zwei Jahren, als Frau Heuss-Knapp — wieso hat sie eigentlich zwei Nachnamen? — dieses Dingsbums gegründet hat, bin ich gerade ins Heim gekommen. Nicht in dieses, sondern ins Kinderheim Hildegardis, zu den Kleinen. In dieses hier bin ich erst letztes Jahr nach den Osterferien gekommen, zusammen mit einer ganzen Gruppe aus dem früheren. Wie lange ich noch bleiben muß, weiß niemand. Wenn ich Glück habe, findet Tante Lou einen Mann zum Heiraten. Sonst kann es noch Jahre dauern. Daran will ich lieber nicht denken. Das kann ich mir nicht vorstellen, und das will ich mir auch nicht vorstellen.

Ich schaue aus dem Fenster, über die Köpfe von Susanne, Claudia und der Neuen aus der Fünften hinweg, deren Gesichter ich gegen die Helligkeit draußen kaum erkennen kann, nur dunkle, verschwommene Flecken. Der Himmel hinter ihnen ist blau mit ein paar weißen Wolken, und nur noch der Wipfel der großen Kastanie im Schulhof ist zu sehen.

»Die Mütter sollen allein in ihr Genesungsheim fahren«, sagt Fräulein Urban, »ohne Kinder, damit sie die Verantwortung einmal los sind. Denn Mütter mit mehreren Kindern sind alle überlastet und müssen viel zuviel arbeiten.«

»Für unsere Mütter hat sie dieses Dingsheim da aber nicht gegründet«, sagt die Neue aus der Fünften. »Für unsere Mütter nicht.«

»Halt den Mund«, sagt Susanne laut. Sie hat keine Mutter mehr.

»Eure Mütter sind etwas anderes«, sagt Fräulein Urban. »Aber stellt euch zum Beispiel mal eine Mutter mit fünf kleinen Kindern vor, die von morgens bis abends rennt und macht und tut und für ihre Kinder kocht und wäscht, die braucht dann doch mal Erholung, damit sie nicht zusammenbricht.«

Ich kann mir keine Mutter vorstellen, die den ganzen Tag kocht und wäscht, geschweige denn, daß sie von morgens bis abends macht und tut, was immer das heißen mag. Solche Mütter kenne ich nicht. Eigentlich kenne ich überhaupt nicht viele Mütter, nur meine, und die würde ich, um die Wahrheit zu sagen, lieber nicht kennen. »Halt den Mund«, schimpft Tante Lou, wenn ich so etwas sage. »Deine Mutter hat viel Schweres mitgemacht und es einfach nicht verkraftet.« Was das Schwere ist, sagt sie aber nie. »Warum benimmt sie sich dann so gemein, wenn sie doch genau weiß, wie das ist?« habe ich einmal gefragt. Tante Lou hat mich auf ihren Schoß gezogen und mich gestreichelt, und geweint hat sie auch ein bißchen. Dann hat sie gesagt: »Deine Mutter hat eine kranke Seele. Schläge treffen nicht nur von außen, Halinkale, die gehen tiefer, die treffen auch die Seele. Wenn jemand Schlimmes und Grausames erlebt, dann wird er dadurch nicht automatisch ein besserer Mensch. Genausogut kann es sein, daß er selbst schlimm und grausam wird.« Mehr hat sie aber nicht sagen wollen.

Ich habe lange darüber nachgedacht. Ich bin mir nicht sicher, ob Tante Lou recht hat. Es könnte sein. Schließlich ist sie erwachsen, und ich nicht. Trotzdem kann ich mir jetzt schon meine eigenen Gedanken machen. Und wenn ich es mir genau überlege, finde ich es umgekehrt richtiger: Wenn jemand selbst erlebt hat, daß Schläge auch die Seele treffen, dann darf er andere erst recht nicht schlagen.

»Wer sich fünf Kinder anschafft, ist selber schuld«, sagt Inge giftig. »Ich will überhaupt keine Kinder.«

Ich weiß nicht, ob ich Kinder will, und wenn, dann nur zwei. Meine Mutter hat bloß mich, und sie hat nie den ganzen Tag getan und gemacht. Was sie jetzt so tut, weiß ich nicht. Geht mich ja auch nichts an. Jetzt nicht mehr. Für mich gekocht hat sie jedenfalls selten, als ich noch bei ihr war. Das hat auch die Frau von der Fürsorge gesagt. »Sie kümmert sich nicht um das Kind«, hat sie gesagt, »man muß ihr das Sorgerecht nehmen. Sie läßt das Kind verwahrlosen.«

Es gibt Wörter, bei denen ich Bauchweh kriege und fast weinen muß. Einfach so. Egal, um was es wirklich geht. Das Wort »verwahrlosen« gehört dazu. Ich hebe unauffällig die Hand zum Mund und beiße mir fest in den Daumenballen. Das hilft immer, wenn ich schnell an etwas anderes denken will.

Fräulein Urban redet weiter. »Es ist in der Tat ein gutes Werk«, sagt sie, »und es lohnt sich, wenn man sich dafür einsetzt. Deswegen sollten sich möglichst viele von euch freiwillig zum Sammeln melden. Also, wer will mitmachen?«

Tante Lou hat keine Kinder. Vielleicht kriegt sie noch welche, jetzt, wo sie Uncle Sam Silver hat. Nein, hoffentlich nicht. Ich will nicht, daß sie eigene Kinder hat. Es könnte ja sein, daß sie dann keine Zeit mehr hat, an mich zu denken, wenn sie den ganzen Tag tun und machen muß.

Es wird laut, alle reden durcheinander. »Meine Mutter braucht kein Müttergenesungswerk«, sagt Inge zu mir. »Die liegt jeden Tag bis mittags im Bett, jedenfalls hat sie das früher immer gemacht. Und deine?«

Ich kann mich nicht mehr erinnern, bis wann meine Mutter morgens im Bett gelegen hat. Ich weiß nur, daß ich abends immer lange warten mußte, bis sie endlich eingeschlafen war. Dann konnte mir nichts mehr passieren. Aber das geht Inge nichts an. Das geht keinen was an.

Ich verstehe Inge nicht. Sie sagt immer, was ihr gerade einfällt. Einfach so, ohne jede Vorsicht. Und einmal, als Duro gesagt hat: »Deine Mutter ist eine Amihure«, da hat sie geantwortet: »Stimmt, aber was kann ich dafür? Glaubst du etwa, daß mir das gefällt?« Inge gehört wirklich zu den eigenartigsten Mädchen im Heim. Bei ihr weiß ich nie, ob ich sie gut finden soll oder blöd.

Ich gebe ihr jedenfalls keine Antwort.

Ich will nicht an meine Mutter denken, lieber an Tante Lou. Und falls die jemals fünf Kinder hat und viel arbeiten muß, dann möchte ich schon, daß sie sich erholt. Natürlich möchte ich das. Deswegen melde ich mich dann doch. Als erste. »Ich will sammeln.«

»Klar«, flüstert Elisabeth so laut, daß alle es hören können. »Den Zigeunern liegt das Betteln im Blut, das weiß doch jeder.«

Ein paar Mädchen kichern. Fräulein Urban bekommt eine Falte zwischen den Augenbrauen, aber sie tut, als hätte sie nichts gehört. Ich lasse mir auch nicht anmerken, daß ich es gehört habe. Das ist das beste. Soll ich etwa sagen, daß wir gar keine Zigeuner sind, sondern Juden? Lieber nicht. Ich glaube, Juden sind noch schlimmer als Zigeuner. Ich senke den Kopf und knote den abgerissenen Schnürsenkel wieder fest. Das ist gar nicht so einfach. Ich muß die beiden Enden eine Öse tiefer zusammenknuten, damit ich den Schuh später wieder ausziehen kann. Jetzt läßt sich allerdings keine Schleife mehr binden, es reicht nur noch zu einem Knoten.

»Wer hinterher am meisten Geld in der Büchse hat, bekommt einen Preis«, sagt Fräulein Urban.

»Was für einen Preis?« fragt Inge.

»Eine Überraschung. Die Ortsvorsitzende des Müttergenesungswerks hat einen Preis gestiftet.«

Das wirkt. Jetzt melden sich auch andere Freiwillige.

Inge mag trotzdem nicht sammeln, auch nicht für einen Preis. »Ich laß mich nicht zum Betteln schicken«, sagt sie mit bösem Gesicht. »Deswegen bin ich schließlich ins Heim gekommen, damit mich meine Mutter nicht mehr zum Betteln schicken kann.«

»Das hier ist kein Betteln«, sagt Fräulein Urban, »das ist Spendensammeln. Für einen guten Zweck. Und außerdem mußt du ja nicht mitmachen. Es handelt sich um eine freiwillige Aktion. Aber wenn du nicht sammelst, kannst du natürlich auch keinen Preis gewinnen.«

Sie redet noch eine ganze Weile über Frau Heuss-Knapp und das Müttergenesungswerk und was für eine gute und löbliche Sache das sei, und dann sagt sie endlich: »Wer sich zum Sammeln gemeldet hat, bleibt bitte hier. Die anderen können in ihr Zimmer gehen. Aber nicht zuviel Lärm machen, schließlich ist noch Mittagsruhe.«

Fünfzehn Mädchen bleiben übrig. Aus unserem Zimmer nur ich und Elisabeth. Natürlich. Renate ist beinahe stumm und sagt nur das Allernötigste, Dorothea geht fast nie raus, weil sie sich nicht von fremden Leuten anstarren lassen will, Rosemarie ist zu faul für alles, Jutta haßt jede Art von Unternehmungen mit mehr als zwei Leuten, und Susanne würde »anderen« nie im Leben einen Gefallen tun, auch wenn sie was dafür

bekäme. »Andere« sind für sie alle Erwachsenen und Nichtheimkinder. Auf die hat sie einen Haß, sagt sie. Uns tut sie allerdings auch nur selten einen Gefallen. Warum sie so ist, weiß ich nicht. Wahrscheinlich hat sie ihre Gründe dafür. Richtig gemein ist sie aber nicht. Wenn man sie in Ruhe läßt, läßt sie einen auch in Ruhe. Susanne war schon mit mir im Hildegardis, aber damals waren wir nicht im selben Zimmer. Sie hat noch eine kleine Schwester dort, die sie alle vier Wochen besuchen darf.

Jetzt macht Fräulein Urban die Pappkartons auf. Sammelbüchsen sind darin. Jede von uns bekommt eine. Weil sich weniger Mädchen gemeldet haben, als Fräulein Urban erwartet hat, bleibt einer der Kartons zu.

Die Büchsen sind aus Metall, haben einen Griff und im Deckel einen Schlitz, in den man das Geld werfen kann. Der gewölbte Deckel ist verplombt, damit man ihn nicht aufmachen kann. Klar, wer gibt schon Mädchen aus dem Heim offene Sammelbüchsen? Ich hätte die Dinger sogar mit einem Vorhängeschloß gesichert. Die Büchsen sind knallrot, und mit schwarzen Buchstaben steht »Müttergenesungswerk« darauf.

»Gesammelt wird heute und morgen«, sagt Fräulein Urban. »Am Samstag morgen werden die Büchsen abgeholt. Ihr habt für diese zwei Tage von halb drei bis fünf Ausgang, Herr Breitkopf weiß Bescheid. Übrigens, ihr könnt überall sammeln, in Häusern oder auf der Straße, wo ihr wollt. Ich wünsche euch viel Erfolg. Und daß ihr euch ordentlich benehmt! Daß mir keine Klagen kommen!«

2. Fünf Minuten im Garten Eden sind besser als ein ganzes Leben in der Hölle

Ich ziehe allein los, die anderen gehen zu zweit oder zu dritt. Ich wäre sowieso mit keiner gegangen, aber es hat mich auch niemand gefragt.

Herr Breitkopf, der Hausmeister, hat uns das Tor aufgeschlossen. Sein Name paßt überhaupt nicht zu ihm. Er ist klein, jedenfalls für einen Mann, und sein Kopf ist so schmal, daß die Augen aus lauter Platzmangel ganz eng zusammenstehen. Aber seine Schultern sind breit. Er ist nicht nur der Hausmeister vom Heim und von der Schule, sondern auch der Sportwart des Hallenturnvereins. Dienstags abends trainieren sie immer in unserer Halle, ein paar Mädchen aus dem Heim gehen regelmäßig hin. Ich war auch mal dort, weil Herr Sauer, unser Turnlehrer, gesagt hat, es würde mir vielleicht Spaß machen. Hat es aber nicht. Erstens mag ich Geräteturnen nicht so gern, und zweitens war Herr Breitkopf viel zu zackig, mit Trillerpfeife und so. Herr Breitkopf und seine Frau haben eine Wohnung im Souterrain. Frau Breitkopf ist für den Spüldienst zuständig, deshalb können wir sie alle nicht leiden. Spüldienst ist der schlimmste Dienst im Heim.

Die Sonne scheint, und zwei Häuser weiter bellt ein Hund. Ich habe ihn noch nie gesehen, immer nur gehört. Manchmal bellt er sogar noch spät abends, wenn wir schon im Bett liegen. Auch diesmal sehe ich ihn nicht, er kläfft hinter der verschlossenen Haustür. Groß und schwarz und ein bißchen unheimlich stelle ich mir den Hund vor, weil er eine laute, tiefe Stimme hat.

Ich hätte gerne einen Hund. Nicht so einen kleinen Kläffer wie der Hund von Tante Lous Hauswirtin, der jeden anbellt, der in die Wohnung kommt, sondern einen großen, wilden, schwarzen, unheimlichen Hund, der glühende Augen und ein gestäubtes Fell bekommt, wenn mich jemand schlagen will. Ich müßte nur »Faß!« sagen, und schon würde er zubeißen. So einen Hund könnte es wirklich geben, jedenfalls eher als den Knüppel-aus-dem-Sack. Dieses Märchen gefällt mir trotzdem sehr gut. Einen Esel-streck-dich kann ich mir zwar nicht vorstellen, alles andere aber sehr gut. Manchmal wünsche ich mir ein Tischlein-deck-dich, und manchmal den Knüppel-aus-dem-Sack. Ich wüßte viele, auf die ich meinen Knüppel loslassen würde. Auf Duro natürlich, aber vor allem gegen Elisabeth. Vielleicht müßte der Knüppel sie sogar so lange schlagen,

bis sie tot wäre. Aber so was darf man noch nicht mal denken, sonst bekommt man eine schwarze Seele. Tante Lou sagt, man muß auf sein Herz und seine Seele aufpassen, weil die wichtiger sind als alles andere. Die hat gut reden.

Ein alter Mann kommt mir entgegen. Ich halte ihm meine Büchse hin.

»Was soll denn das?« fragt er.

»Für das Müttergenesungswerk«, sage ich und erkläre ihm die Sache mit den armen Müttern, die sich unbedingt mal erholen müssen, und daß Frau Elly Heuss-Knapp, die Frau unseres Bundespräsidenten, ihnen dabei helfen wird. Allerdings nur, wenn genügend Menschen mit gutem Herzen etwas spenden. Die Mütter würden dann in spezielle Heime kommen, ohne die Sorge um ihre vielen Kinder. Ich spreche langsam und deutlich und stottere überhaupt nicht, obwohl ich das alles doch zum ersten Mal erzähle.

»Ich habe auch immer gearbeitet«, sagt der Mann mürrisch. »Und erholt habe ich mich nur ein einziges Mal, im Krankenhaus, als ich an meinem Leistenbruch operiert worden bin. Laß mich doch mit so was in Ruhe.«

Ich lasse ihn in Ruhe. Aber nach ein paar Schritten drehe ich mich um und schreie ihm nach: »Denken Sie doch mal an Ihre eigene Mutter! Was die immer für Sie gewaschen und gekocht hat! Und dabei waren Sie bestimmt ein ganz ekelhaftes Kind!«

Er hebt drohend die Faust. Ich drücke die Büchse fester an mich und renne die ganze Strecke bis zum Bahnhof. Atemlos komme ich an. Am Bahnhofsplatz sind nicht so viele Leute, wie ich gedacht habe. Aber im Moment ist mir das egal. Ich gehe in die Halle hinein und bleibe vor der Tafel mit den Abfahrtszeiten der Züge stehen. Dabei weiß ich auswendig, wann samstags Züge zu Tante Lou fahren. Um 14.27 Uhr und um 19.48 Uhr. Es gibt auch noch einen um 17.15 Uhr, aber der fährt nur werktags außer Samstag.

Als ich aus dem Bahnhofsgebäude komme, hat sich der Himmel plötzlich bezogen. Drüben biegen Claudia und die Neue aus der Fünften um die Ecke. Beide schlenkern ihre roten Sammelbüchsen. Neben ihnen geht Susanne, ohne Büchse. Wie hat sie es geschafft, aus dem Heim zu kommen, ohne daß sie sich zum Sammeln gemeldet hat? Und warum geht sie überhaupt mit? Vermutlich hat sie nur die günstige Gelegenheit für

einen zusätzlichen Ausgang genutzt. Wenn sie erwischt wird, bekommt sie wieder Pfortendienst. Na ja, das geht mich alles nichts an.

Aber treffen möchte ich sie nicht. Deshalb laufe ich schnell die Wilhelmstraße hinauf bis zur großen Kreuzung. Dort gibt es ein paar Läden. Auf der einen Seite der Straße eine Bäckerei und eine Metzgerei, und gegenüber, in einem halb zerbombten Haus, ein Kleidergeschäft. Vor der Metzgerei riecht es verlockend nach Wurst. Ich stelle mich neben den Eingang und halte den Leuten meine Büchse unter die Nase. »Für das Müttergenesungswerk«, sage ich. »Für die vielen Mütter, die dringend eine Erholung brauchen und einfach kein Geld haben. Die sich keine Ferien leisten können. Denken Sie doch nur an Ihre eigene Mutter.«

Eine Frau sagt: »Da brauche ich nur an mich selbst zu denken, ich kann mir auch keine Ferien leisten.« Trotzdem zieht sie ihr Portemonnaie heraus und steckt mir einen Groschen in die Büchse. Das Geldstück scheppert laut. Mein erstes Geld! Ich sage so freundlich »Danke«, wie ich kann. Sie hat nämlich bestimmt nichts mehr vom Müttergenesungswerk, sie ist zu alt für kleine Kinder.

Mir wird schlecht von dem Geruch nach Wurst. Schlecht vor Hunger. Warum muß immer Duro die letzten Kartoffeln kriegen? Die ist doch sowieso viel dicker als ich. Ich lehne mich an die Hauswand und versuche mir einzubilden, daß es hier nicht nach Wurst riecht, sondern nach gerösteter Grießsuppe. Die kann ich nämlich nicht ausstehen. Wenn ich geröstete Grießsuppe bloß rieche, vergeht mir sofort der Appetit. Seltsamerweise fällt mir jetzt absolut nicht ein, wie geröstete Grießsuppe riecht. Zum Glück ißt Inge geröstete Grießsuppe besonders gern und tauscht jedesmal meinen Teller Suppe gegen eine halbe Portion Margarine vom nächsten Frühstück.

Eigentlich sollte ich weggehen und mir einen anderen Platz suchen, aber ich kann es nicht. Der Wurstgeruch hält mich fest, als hätte er Hände. In Büchern steht manchmal, jemand wäre gefesselt von etwas. Ich — ich bin gefesselt von dem Geruch der Wurst. Drinnen in der Metzgerei höre ich die Stimme der Verkäuferin: »Was darf's denn sein?« Sie hat eine unangenehme Stimme, ziemlich schrill und durchdringend. Jedenfalls ist nur sie zu hören, während ich die Antworten der Kunden nicht verstehe. Die sind nur ein Murmeln. »Was darf's denn sein?«

Ein Kasseler Rippchen, würde ich sagen, und zwar schön groß und dick. Kasseler Rippchen habe ich erst einmal in meinem Leben gegessen. Und damals konnte ich es noch nicht mal richtig genießen, das war nämlich auf der Fahrt vom Sanatorium zum Kinderheim Hildegardis, mit der Frau von der Fürsorge. Ich hatte solche Angst vor dem Heim, daß ich fast nichts runterbrachte. Aber den Namen habe ich mir gemerkt. Ob Nichtheimkinder oft Kasseler Rippchen bekommen? Keine Ahnung, ich weiß nicht, wie sie leben. »Das Kind kennt keine normalen Familienverhältnisse«, hat die Frau von der Fürsorge zum Richter gesagt.

Geldstücke fallen in meine Büchse. Allmählich klingt das Scheppern schon dumpfer, der Boden der Büchse muß jetzt bedeckt sein. Viele Leute geben mir was. Ich habe inzwischen den Trick raus. Ich ziehe meine Backen ein bißchen zwischen die Zähne, reiße die Augen weit auf und schiebe die Schultern etwas höher. Man muß richtig armselig und bedauernswert aussehen, damit die Leute Mitleid bekommen. Dann geben sie eher was. Besonders Mütter mit hübsch angezogenen Kindern werfen schnell eine oder zwei Münzen in meine Büchse, dann ziehen sie ihre Kinder von mir weg, als könnten die sich bei mir anstecken. Früher habe ich auch manchmal gebettelt, wenn ich Hunger hatte, aber da haben mich die Leute oft weggejagt. Jetzt kann mich keiner wegjagen, jetzt habe ich die Büchse in der Hand. Ich tue ein gutes Werk. Schaut nur her, ihr anderen! Ihr könntet euch ein Beispiel an mir nehmen!

Der Platz neben der Metzgerei ist gut, weil sehr viele Leute Fleisch und Wurst kaufen. Immer wieder höre ich die Frau hinter der Theke fragen: »Was darf's denn sein? Darf's sonst noch was sein?«

Wir im Heim bekommen nur sonntags Fleisch, meist Suppenfleisch, und ganz selten mal Braten mit Soße. Zwei- oder dreimal in der Woche gibt es irgendeinen Eintopf, Kohl, Linsen oder Bohnen mit ein paar Brocken Speck, wenn man Glück hat, mittwochs abends für jede drei Rädchen Wurst, meist Zervelatwurst; einmal gibt es zum Mittagessen harte Eier mit Senfsoße, oft donnerstags oder freitags, und ansonsten immer nur Kartoffelgemüse, Reisbrei, Grießbrei, Nudeln. Viele im Heim sagen, Frau Schmuck, unsere Köchin, würde das Fleisch selbst essen, das eigentlich für uns bestimmt ist. Kann sein, sie ist wirklich sehr dick, und die meisten von uns sind ziemlich dünn. Aber ich glaube es trotzdem nicht, Frau Schmuck ist nämlich ganz nett,

und wenn man Küchendienst machen muß, weil man was angestellt hat, gibt sie einem jedesmal etwas zu essen.

»Eine Spende für das Müttergenesungswerk«, rufe ich und halte die Büchse hoch.

Schon wieder wirft mir eine Frau Geld in den Schlitz, bevor sie in die Metzgerei geht. Trotzdem werde ich mir morgen einen anderen Platz suchen, weil mich der Geruch ganz verrückt macht.

Als das Haus auf der anderen Straßenseite schon einen langen Schatten wirft, so lang, daß er vor mir über die Bordsteinkante kriecht, frage ich einen Mann, der mir gerade etwas in die Büchse geworfen hat, wieviel Uhr es ist. »Kurz nach halb fünf«, sagt er.

Ich gehe in die Metzgerei hinein. Der Fußboden ist gekachelt, abwechselnd rotmeliert und gelbmeliert. Die Frau mit der lauten, schrillen Stimme ist dick und grauhaarig und hat eine kleine Warze am linken Nasenflügel. Ihre weiße Schürze über dem blaugestreiften Kleid hat rötliche Flecken an beiden Seiten, da, wo sie sich immer die Hände abwischt. Blutflecken vom Fleischschneiden. »Was darf's denn sein?« fragt sie. Genau auf die Art, wie ich es mindestens hundertmal gehört habe. Aber diesmal meint sie mich.

Ich halte ihr die Büchse hin und sage mein Sprüchlein auf. Dabei kann ich die Augen nicht von der Glastheke lassen. Fleischwurst, Salami, Leber- und Blutwurst, Zervelat, Schwartenmagen und andere Würste, deren Namen ich noch nicht mal kenne. Würste, Würste, Würste. Und sogar Schinken.

Die Frau beugt sich über die Theke und steckt etwas in meine Büchse. »Möchtest du ein Stück Wurst?« fragt sie.

Ich kann nur nicken, ich bekomme kein Wort heraus.

»Von welcher möchtest du denn am liebsten?« fragt sie.

Ich erschrecke. Was soll das? Warum gibt sie mir nicht einfach ein Stück? Will sie mich auf den Arm nehmen? Meint sie es etwa nicht ernst, das mit der Wurst? Ich merke, wie mir die Tränen in die Augen steigen.

»Laß nur, Kind«, sagt sie, und ihre Stimme ist auf einmal viel tiefer und sehr sanft. Sie hält mir ein großes Stück Fleischwurst hin. Mindestens zehn Zentimeter lang. »Hier«, sagt sie. »Woher bist du denn? Vom Heim?« Ihre Stimme wird immer sanfter.

Ich nicke und packe die Wurst. Plötzlich habe ich so viel Spucke im Mund, daß ich noch nicht mal »Danke« sagen kann. Die Frau schaut mich ganz freundlich an. »Komm doch morgen wieder vorbei«, sagt sie mit dieser anderen Stimme, ihrer zweiten. Und dann kann ich endlich »Danke« sagen, und »Auf Wiedersehen«.

Auf dem Heimweg lutsche ich sehr langsam die Fleischwurst aus der Pelle. So langsam, daß ich noch einen Umweg machen muß, am Güterbahnhof vorbei, der nicht weit hinter unserm Sportplatz anfängt. »Fünf Minuten im Garten Eden sind besser als ein ganzes Leben in der Hölle«, sagt Tante Lou, wenn sie etwas besonders Gutes ißt. Und dann, schon vor unserem Tor, stecke ich auch noch die Darpelle in den Mund, kaue sie gründlich und schlucke sie runter, bevor ich auf die Klingel drücke.

Die Büchse stelle ich auf meinen Nachttisch, neben mein Lieblingsbuch, »Huckleberry Finns Abenteuer«. Ich leihe es mir jedesmal wieder aus, manchmal lese ich es dann gar nicht, aber ich mag es, wenn es neben meinem Bett liegt. Vielleicht sage ich mal zu der Frau von der Bücherei, ich hätte es verloren. Möglicherweise passiert ein Wunder, und sie sagt: »Das ist nicht so schlimm, Kind, da kaufen wir einfach ein neues.« Und wenn ich das Buch bezahlen muß, dann kann ich ja immer noch so tun, als hätte ich es plötzlich wiedergefunden. Mal sehen.

Ich setze mich an den Tisch und fange mit den Hausaufgaben an.

Elisabeth geht an mir vorbei zu meinem Nachttisch und hebt, ohne zu fragen, meine Büchse hoch. Sie verzieht neidisch das Gesicht, als sie die Hand prüfend hin und her bewegt. »Deine ist schwerer«, sagt sie. »Kein Wunder.«

Diesmal sagt sie nichts von Zigeunern. Obwohl es mir jetzt nicht so viel ausmachen würde. Immerhin habe ich ein großes Stück Fleischwurst im Bauch. Davon sage ich natürlich kein Wort. Ich bin doch nicht blöd! Damit Elisabeth morgen ebenfalls zu meiner Metzgersfrau geht?

Eigentlich könnte ich es auch in der Bäckerei probieren. Wer weiß, ob ich nicht noch ein Brötchen zur Wurst bekomme. Könnte doch sein.

3. Wer arm ist, braucht keine Angst vor Dieben zu haben

Es hat schon längst zum Schlafengehen gegongt. Ich nehme meine Tagesdecke vom Bett. Sie gehört wirklich mir. Sonst gehört mir kaum etwas. Von früher habe ich nur noch meinen alten Schulranzen, der schon so abgewetzt ist, daß an vielen Stellen die nackte Pappe herausschaut, und das Taschenmesser, das mir Arnulf geschenkt hat.

»Mach dir nichts draus«, würde Tante Lou sagen. »Wer arm ist, braucht keine Angst vor Dieben zu haben.« Das stimmt aber nicht, glaube ich. Gerade ein Armer muß doch Angst haben, daß ihm das wenige, was er hat, gestohlen werden könnte. Einem Reichen kann es egal sein, ob man ihm etwas von dem klaut, was er sowieso im Überfluß hat. Ein Reicher braucht nur mit dem Finger zu schnippen, und schon hat er alles, was er möchte. Ich wäre todtraurig, wenn mir jemand meine Tagesdecke wegnehmen würde. Ein Reicher hat vielleicht auch nur eine einzige, aber er könnte sich jederzeit eine neue kaufen. Ich nicht. Ich habe kein Geld.

Auch für Tante Lou war es damals nicht einfach, meine Decke zu bezahlen. Damals, als ich gerade ins Heim gekommen bin, ins Hildegardis. Gleich beim ersten Mal, als ich sie besuchen durfte, hat sie gesagt: »Ich kaufe dir eine schöne Decke, damit dein Bett hübsch aussieht und du mich nicht vergißt.« Den zweiten Grund hat sie natürlich nicht ernst gemeint. Nie würde ich Tante Lou vergessen können oder vergessen wollen, das weiß sie genau.

Wir sind zum Laden von Herrlings gegangen, und die Verkäuferin hat gesagt, daß diese Decken Tagesdecken heißen. Meine ist rotbraun mit winzigen Blümchen. »Ein unempfindliches Muster«, hat Tante Lou gesagt, »da sieht man den Dreck nicht so.« Es gab auch noch eine gelbe, eine dotterblumengelbe, die hätte ich eigentlich lieber gehabt. Aber da war nichts zu machen, schließlich hat ja Tante Lou die Decke bezahlt. Der Stärkere hat immer recht, das wußte ich schon damals, obwohl ich noch ziemlich dumm war.

Deshalb ist meine Tagesdecke rotbraun mit kleinen, ockerfarbenen Blumen und winzigen grünen Blättchen, die aber so klein sind, daß man die grüne Farbe kaum erkennt. Das Muster ist wirklich unempfindlich. Aber ich passe auch auf und lege mich nie mit Schuhen aufs Bett. Wirklich nie. Am liebsten würde ich sogar den Rock

ausziehen, damit nur ja kein Schmutz an meine Decke kommt, doch dafür ist es bei uns meist nicht warm genug. Und außerdem ist meine Turnhose oft dreckiger als mein Rock. Ich falte die Decke ordentlich zusammen und hänge sie über die Lehne meines Stuhls.

Dorothea, die im Bett neben meinem schläft, kramt in ihrer Schatzkiste. Das ist ein Holzkästchen, in dem sie ihre geheimen Sachen aufbewahrt. Niemand weiß genau, was da alles drin ist, höchstens vielleicht Elisabeth, ihre Freundin. Dorothea zeigt uns ab und zu mal was, zum Beispiel eine Bernsteinkugel oder eine Briefmarke oder einen Ring, dann legt sie das Ding aber sofort wieder zurück. Und heimlich nachschauen geht nicht. Die Schatzkiste hat ein Schloß, und Dorothea trägt den Schlüssel immer an einer Kordel um den Hals.

»Meinst du, du gewinnst den Preis?« fragt sie. »Ich wüßte gerne, was für ein Preis es ist.«

Ich zucke mit den Schultern. Ich hoffe, daß ich den Preis gewinne, ich gebe mir ja auch große Mühe. Aber das würde ich nie laut sagen. Ich kann mir gut vorstellen, wie sie mich verspotten, wenn es dann doch nichts wird. Nein, ich sage nichts. Aber den Preis will ich bekommen, auch wenn ich nicht weiß, was er ist. Vielleicht Schokolade? Ein Buch? Oder Wasserfarben? Vielleicht auch ein Wunderknäuel. Jutta hat eines von ihrer Oma zum Geburtstag bekommen. Es ist ein Wollknäuel mit Stricknadeln, und wenn man die ganze Wolle verstrickt hat, findet man innen ein Geschenk. Jutta hat aber nicht gestrickt, sie hat das Knäuel einfach abgewickelt. Ein Fünfmarkstück war drin. Sie hat sich sehr gefreut und ist am Sonntag drauf ins Kino gegangen, in »Das doppelte Lottchen«. Sie hat uns hinterher den ganzen Film erzählt. Die Mädchen, die die Hauptrollen gespielt haben, sind Zwillinge. »Und eine von ihnen heißt auch Jutta«, hat Jutta stolz gesagt.

Dorothea klappt ihre Schatzkiste zu und schließt sie ab. Dann hebt sie meine Büchse hoch und schüttelt sie. Es scheppert laut.

»Ruhe!« ruft Elisabeth. Sie liegt in ihrem Bett am Fenster, ein Buch in der Hand und ihre blöde Puppe im Arm. Nie darf jemand anderer diese Puppe anfassen, da paßt sie genau auf. Ich glaube, ich habe noch nie eine Puppe gehabt, jedenfalls erinnere ich mich

nicht, daß ich je eine gehabt hätte. Neben ihr, mitten auf dem Nachttisch, steht ihre rote Sammelbüchse.

Plötzlich fällt mir etwas ein. Ich will nicht mißtrauisch sein, aber man weiß ja nie. Ich hole mein Taschenmesser aus dem Ranzen, nehme Dorothea meine Sammelbüchse aus der Hand und ritze sorgfältig ein »H« in die rote Farbe. Klein und ganz unten, aber sichtbar. »Damit sie nicht aus Versehen vertauscht wird«, sage ich sehr laut, so laut, daß Elisabeth es bestimmt hört. »Schließlich sehen alle Sammelbüchsen gleich aus.«

»Manchmal bist du ganz schön schlau«, sagt Susanne von ihrem Bett an der Tür aus, und ich halte Dorothea die Büchse wieder hin.

Könnte sein, daß Tante Lou doch recht hat mit den Reichen, die Angst vor Diebstahl haben. Aber die Büchse gehört ja nicht mir, die gehört dem Müttergenesungswerk. Oder der Ortsvorsitzenden, die den Preis gestiftet hat. Ich glaube, der Preis ist Schokolade.

Dorothea stellt die Büchse wieder auf meinen Nachttisch und trägt ihre Schatzkiste zum Schrank. Bevor sie ins Bett zurücksteigt, schüttelt sie noch einmal meine Büchse.

»Ruhe!« brüllt Elisabeth jetzt so laut, daß Jutta im Schlaf zusammenzuckt. »Seid doch still, ich will mein Kapitel noch fertig lesen!«

Jutta schläft schon, wie üblich. Sie geht immer als erste ins Bett und schläft so schnell ein, daß wir längst keine Rücksicht mehr auf sie nehmen. Eigentlich nehmen wir sowieso nie Rücksicht, und bei Jutta gibt es auch keinen Grund dafür. Sie ist alles andere als stark. Sie ist sogar noch kleiner als ich, nur nicht so dünn.

Ich ziehe mich aus und schlüpfe in mein Nachthemd.

Die Tür geht auf. »Ihr seid ja noch gar nicht alle im Bett«, sagt Fräulein Urban, »und dabei hat es schon vor zehn Minuten gegongt. Jetzt aber dalli, wenn ihr keinen Strafpunkt wollt.« Ich mache einen Satz und ziehe mir die Zudecke bis zum Kinn.

»Hast du dich gewaschen, oder bist du schon wieder so ins Bett?« fragt Fräulein Urban.

»Ich kenne doch meine Pappenheimer.«

»Ich war vorhin im Waschraum«, murmele ich. Und ich werde nicht mal rot dabei.

»Dann ist es ja gut«, sagt sie. »Elisabeth, leg das Buch weg. Gute Nacht, Kinder.«

Das Licht geht aus. Erst ist es ganz schwarz im Zimmer, dann gewöhnen sich die Augen daran, und das Schwarz wird zu einem dämmrigen Grau. Wir haben nämlich keine Fensterläden, sondern nur beigefarbene Gardinen, und wenn der Mond scheint, ist es sogar so hell im Zimmer, daß ich die anderen in ihren Betten deutlich erkennen kann.

»Immer an der spannendsten Stelle«, knurrt Elisabeth durch die Dunkelheit. »Ich verstehe wirklich nicht, warum wir keine Nachttischlampen bekommen.«

Keine sagt etwas. Was soll man auf diese blöde Bemerkung auch antworten? Warum sollte jemand Nachttischlampen für uns kaufen? Außerdem kostet Strom Geld. Ich liege im Bett und starre an die Zimmerdecke, wie jeden Abend. Ich kann nämlich erst dann einschlafen, wenn die anderen schlafen, ich weiß auch nicht, warum das so ist. Von Anfang an war das so, und es hat sich nicht geändert.

Ich denke an den Film, den Jutta gesehen hat. Zwei Mädchen treffen sich in einem Ferienheim. Was ist das eigentlich? Wer geht freiwillig in den Ferien in ein Heim? Jutta hat gesagt, es wäre ganz anders als bei uns, und alle Mädchen wären sehr schön angezogen. Kann sein, es ist ja auch nur ein Film. Die beiden Mädchen sehen völlig gleich aus, und dann stellt sich tatsächlich heraus, daß sie Zwillinge sind. Eine lebt beim Vater und die andere bei der Mutter, und natürlich geht alles gut aus, und sie sind am Schluß alle vier wieder zusammen, die Zwillinge und ihre Eltern. Ich stelle mir vor, ich hätte eine Zwillingsschwester, die genauso aussieht wie ich. Aber sie lebt nicht bei irgendeinem Vater, sondern bei ganz reichen, lieben Leuten. Plötzlich bekomme ich eine solche Wut auf sie, daß ich heulen könnte. Ich sehe sie genau vor mir, in einem dotterblumengelben Kleid und mit einer weißen Schleife im Haar. Sie lacht. Sie lacht mich aus. Wut steigt mir in den Kopf und drückt von innen gegen meine Augen. Ich hasse sie, meine Schwester, weil sie es so gut hat.

Jutta hustet im Schlaf, und plötzlich muß ich lachen. Ich habe ja gar keine Schwester!

Susanne ist am Einschlafen, sie wirft sich schon die ganze Zeit hin und her. Erst Kopf und Schultern, dann nur noch den Kopf. Manchmal dauert es ewig, aber manchmal geht es auch sehr schnell. Bald höre ich Elisabeth leise schnarchen. Ihr Schnarchen geht mir auf die Nerven. Dabei kann sie gar nichts dafür, sie hat Polypen. Von Rosemaries Bett ist nichts zu hören, noch nicht mal ein Rascheln.

Und dann fängt Renate an zu weinen. Das ist jeden Abend das Schlimmste, weil ich dann schnell an irgend etwas sehr Schönes denken muß, sonst muß ich auch weinen. Renate weint leise, fast unhörbar, aber je länger sie weint, um so lauter kommt es mir vor. Und um so schwerer fällt es mir, an etwas anderes zu denken. Am liebsten würde ich mich an die Wurst erinnern, aber dann kann ich erst recht nicht einschlafen, weil ich auch noch Hunger bekomme. Abends vor dem Einschlafen an Essen zu denken, ist wirklich das Dümmste, was man machen kann, ich kenne mich da aus.

Also denke ich an Orchideen. Wie sie aussehen, weiß ich nicht, ich kenne sie nur aus Büchern. Aber sie müssen wunderschön sein, weil das Wort so schön Hingt. Orchideen. Orchi-deeee-en. Ich stelle mir vor, daß jeder, der sie sieht, wie verzaubert ist. Bestimmt haben sie große, sanfte Blüten. Nicht glänzend und knallig wie die Blumen, die in manchen Vorgärten wachsen, zum Beispiel Tulpen. Nein, ganz sanft müssen sie sein. Violett, karminrot, purpurfarben. Ich habe Fräulein Urban gefragt, was karminrot ist, und sie hat mir die Farbe in einem Malereibuch mit vielen Bildern gezeigt. Karmin ist ein dunkles Rot, ein ganz warmes. Das Karminrot in dem Buch war glänzend, das kann aber am Papier gelegen haben. Orchideen sind bestimmt nicht glänzend. Sie sind sanft und weich und so empfindlich, daß sie sofort dunkle Stellen bekommen, wenn man sie berührt. Ein bißchen wie Herbstzeitlose, nur viel größer und märchenhafter. So stelle ich sie mir wenigstens vor. Sie wachsen in den Tropen. Wo genau die Tropen sind, weiß ich auch nicht, jedenfalls weit weg.

Elfriede war im letzten Sommer in Italien. Ihre Mutter hatte im vergangenen Jahr nämlich einen Freund mit einem Auto. In Italien wachsen Palmen, hat Elfriede erzählt. Ich habe noch nie eine Palme gesehen. Tante Lou hat gesagt, wenn sie irgendwann mal viel Geld verdient, fahren wir auch nach Italien, wir beide. Und dann hat sie mir genau beschrieben, wie es dort aussieht. Das Meer blaugrün bis zum Horizont, der Strand aus feinem, fast weißem Sand, und hohe, schlanke Palmen unter einem knallblauen Himmel. Und erst die Nächte! Millionen Sterne an einem Himmel wie aus schwarzem Samt. Sie hat alles beschrieben, als wäre sie in Italien aufgewachsen. Dabei war sie auch noch nie dort. Aber sie weiß genau, wie es da aussieht, hat sie gesagt, und irgendwann...

Renate hat aufgehört zu weinen, sie schläft. Nichts ist mehr zu hören im Zimmer, kein Rascheln, nur noch Atmen und Elisabeths leichtes Schnarchen. Wenn ich nur wüßte, ob Rosemarie schläft. Aber bei ihr kann man das nie sicher wissen. Sie hat das Bett mir gegenüber, deshalb kann ich sie auch nicht sehen. Ich halte die Luft an und versuche, ihre Atemzüge zu hören. Sie scheint zu schlafen. Aber vielleicht stellt sie sich auch nur schlafend? Ich warte lieber noch eine Weile.

Dann fange ich an zu zählen. Manchmal weiß ich am nächsten Morgen noch, wie weit ich abends mit dem Zählen gekommen bin, aber meistens habe ich es vergessen.

4. Wer von Palästen träumt, verliert seinen Platz in der Hütte

Ich zähle und zähle, aber es nützt nichts. Ich kann einfach nicht einschlafen. Die Abende und Nächte im Heim sind ganz besonders schlimm. Vor allem, wenn man Schwierigkeiten mit dem Einschlafen hat. Und je mehr ich mich anstrengt, um so wacher werde ich. Deshalb beschließe ich, noch ein bißchen zu meinem Geheimplatz zu gehen. Sofort fühle ich mich wohler. Aber ich warte noch ein paar Minuten, um sicher zu sein, daß wirklich alle schlafen.

An meinem Geheimplatz habe ich auch mein Gedankenbuch versteckt, in das ich alle wichtigen Sätze schreibe, die mir einfallen. Ich bin doch nicht blöd und lasse das Buch hier im Zimmer, damit eine andere es findet. Zum Beispiel Elisabeth. Ich kann mir genau vorstellen, was dann passieren würde. Laut würde sie meine Sätze vorlesen und sich halb krank lachen. »Hört euch das an: ›Die Maus braucht nur den Käse zu sehen, schon tappt sie in die Falle.« Hahaha, die Zigeunerin hält sich wohl für eine Dichterin! Die glaubt wohl, sie ist besonders gescheit! Hahaha!«

Natürlich würde Elisabeth sowieso kein Wort davon verstehen. Zum Glück, sonst würde sie nur noch lauter lachen. Den Satz habe ich nämlich damals aufgeschrieben, als sie absichtlich ein Fünzigpfennigstück im Fach unter ihrem Tisch liegengelassen hat. Sie ist wirklich gemein. Fräulein Urban hat das Geld in meinem Ranzen entdeckt. Es hat nichts genützt, daß ich gesagt habe, ich hätte es auf der Straße gefunden, Elisabeth hatte vorher eine Kerbe in den Rand gefeilt, und Dorothea war dabeigewesen. Warum habe ich das nicht gemerkt? Die Kerbe hätte mir auffallen müssen, ich passe doch sonst immer auf. Ich habe zur Strafe zwei Wochen Küchendienst bekommen, und Elisabeth hat laut gesagt: »Da sieht man's mal wieder, alle Zigeuner klauen.«

Seither bin ich vorsichtiger, viel vorsichtiger. Und deshalb bleibt mein Gedankenbuch, wo es ist, auch wenn ich es manchmal gerne bei mir hätte, um etwas hineinzuschreiben oder auch nur, um ein wenig darin zu blättern.

Den Weg zu meinem Geheimplatz würde ich im Schlaf finden, so oft bin ich ihn schon gegangen. Manchmal nehme ich ein Buch mit, oder auch Papier und einen Bleistift, um Tante Lou einen Brief zu schreiben. Ich schreibe ihr oft abends Briefe, nur wegschicken tue ich sie selten. Ich will nicht, daß sie sich meiner wegen noch mehr Sorgen macht. Es nützt ja nichts, sie kann ohnehin nichts ändern. Höchstens wenn sie heiratet. Aber daran

sollte ich lieber nicht denken, damit bin ich schon einmal reingefallen. Im letzten Winter hatte Tante Lou einen Mann kennengelernt, einen Ingenieur, und sie hat gesagt, der könnte vielleicht der Richtige sein. Aber nach dreimal Tanzengehen war's dann schon wieder aus. Warum, weiß ich nicht, das hat sie mir nicht erzählt, und ich habe nicht gefragt.

Jetzt schlafen bestimmt alle, auch Rosemarie. Ich steige leise aus dem Bett. Vorsichtshalber nehme ich einen Bleistift und mein Rechenheft mit. Das habe ich erst vor kurzem angefangen, deshalb könnte ich leicht die beiden mittleren Blätter herausreißen, falls ich es mir doch noch überlege und Tante Lou schreibe. Im Flur gehe ich dicht an der Wand entlang, denn in der Mitte gibt es viele Stellen, an denen die Bretter knarren. Das hört sich nachts besonders laut an. Auf der großen Uhr ist es kurz vor zehn.

Vorn auf der Diele, die von unserem Flur durch eine Glastür getrennt ist, brennt die Lampe die ganze Nacht hindurch, damit wir kein Licht anmachen müssen, wenn wir zur Toilette gehen. Die paar Schritte über die beleuchtete Diele bis zu dem kurzen Gang, der zum Handarbeitssaal führt, sind der gefährlichste Teil des Weges, weil Fräulein Urban plötzlich aus ihrer Wohnung kommen könnte.

Fräulein Urban wohnt nämlich direkt bei uns im Heim. Sie hat keine Familie, nur eine Freundin, die öfter kommt. Diese Freundin ist immer grau und lila angezogen und hat die Haare zu einem strengen Dutt im Nacken zusammengebunden. Sie wird vom ganzen Heim nur »die lilagraue Ogottogott« genannt, und alle lachen über sie, weil sie eine seltsame Art zu sprechen hat. Als würde sie singen oder gerade ein Gedicht aufsagen. Duro macht oft beim Essen ihr »Ogottogott« nach, vor allem, wenn Inge ihren lila Pullover anhat. »Ogottogott, Inge, siehst du heute aber elegant aus.«

Da bin ich auch schon von der Diele in den Gang eingebogen und mache leise die Tür zum Handarbeitssaal auf. Geschafft. Oder wenigstens fast.

Die Vorhänge zum Handarbeitssaal werden nie zugezogen, und durch die Fenster fällt etwas Licht herein, von den Straßenlaternen hinter dem Schulhof. Deshalb brauche ich keine Angst zu haben, daß ich aus Versehen gegen einen Stuhl oder einen Tisch rumple. Jetzt kann eigentlich nichts mehr passieren. Ich durchquere den Saal und stehe vor der Tür zum Kofferspeicher. Sie ist abgeschlossen, wie immer, aber ich weiß, wo der

Schlüssel ist. Ganz oben in dem Regal, in dem die Kartons mit Scheren, Stricknadeln und Nähzeug stehen, ist eine Pappschachtel, in der liegt der Schlüssel. Wenn man auf einen Stuhl steigt, kommt man leicht dran.

Weil das Schloß und die Türangeln so laut gequietscht haben, habe ich vor einigen Monaten Maschinenöl reingegossen. Das war in einer kleinen Flasche mit einer langen Tülle oben auf dem Verschuß. Auf der Spitze der Tülle war dann noch mal ein kleines Deckelchen zum Abnehmen. Die Flasche habe ich mir abends aus Herrn Breitkopfs Werkstatt geliehen und am nächsten Mittag wieder hingebacht. Er hat es gar nicht gemerkt, glaube ich, jedenfalls hat es keinen Ärger gegeben. Seit ich die Tür gründlich geölt habe, quietscht sie nicht mehr und geht sehr leicht auf und zu.

Ich schließe sie sofort hinter mir mit dem Schlüssel ab. Ich habe nämlich keine Lust, mich erwischen zu lassen. Dann wäre es aus mit meinem Geheimplatz.

Hier auf dem Kofferspeicher ist es dunkel, denn das riesige Dach hat lediglich zwei winzige Klappfensterchen. Die taugen bloß zum Lüften, aber das ist sowieso überflüssig, denn es zieht schon genug durch die Ritzen zwischen den Ziegeln. Tagsüber fällt ein bißchen Licht herein, trotzdem nimmt Fräulein Urban immer eine Taschenlampe mit, wenn sie für eine von uns einen Koffer herausholt. Das Problem mit der Dunkelheit habe ich gelöst. Ich taste mich mit den Händen rechts die Wand entlang, bis ich den Balken gefunden habe, hinter dem mein Schatz unter alten Zeitungen versteckt liegt. Viele Kerzen, genau siebenundzwanzig sind es noch, große und kleine, dünne und dicke, manche nur Stummel, und zwei Schachteln Streichhölzer.

Die Kerzen habe ich letzten Winter aus verschiedenen Adventskränzen und von Weihnachtsbäumen geklaut, aus den Klassenräumen, von Fräulein Urban und von unserem Heimweihnachtsbaum, und die Streichhölzer bei Frau Breitkopf, die immer welche in ihrer Schürzentasche hat, um den Gasherd in der Spülküche anzuzünden. Nach der Arbeit zieht sie immer ihre Schürze aus und hängt sie über einen Stuhl, während sie sich die Haare vor dem Spiegel über dem Waschbecken kämmt. Man muß nur wissen, was man will, dann findet man auch eine Möglichkeit, es zu bekommen. Manchmal jedenfalls. Ich habe sogar eine kleine Taschenlampe. Die lag mal in der Schule im Flur auf einem Fensterbrett, und ich habe sie einfach eingesteckt. Aber leider

sind die Batterien schon lange leer, und für neue habe ich kein Geld, deswegen nützt sie mir jetzt nichts mehr.

Ich zünde eine Kerze an, eine von den dicken. Jetzt brauche ich nicht mehr leise zu sein, hier hört mich so leicht keiner. Höchstens die Mäuse, aber die tun mir nichts, ich höre sie nur manchmal rascheln.

Ganz hinten unter der Dachschräge habe ich mir ein Plätzchen hergerichtet. Ich habe ein paar Koffer aufeinandergestellt, ein bißchen unordentlich, damit das Ganze irgendwie zufällig aussieht und nicht wie extra aufgebaut, um etwas zu verbergen. Hinter der Kofferwand liegt eine alte graue Wolldecke mit zwei braunen Streifen am Rand. Tante Lou hat genauso eine, nur ohne Brandlöcher, und die nennt sie Koldere. Mit Tante Lous Koldere decke ich mich zu, wenn ich bei ihr schlafe. Meine Koldere habe ich im Wäschekeller gefunden. Vermutlich hat sie keiner mehr gewollt, weil sie wirklich alt ist und ein paar kleine Brandlöcher hat. Mir ist das egal. Wenn es warm ist, kann ich auf meiner Koldere sitzen, und wenn es kalt ist, kann ich mich in sie hineinwickeln. Es ist ein schöner Platz, vor allem, wenn eine Kerze brennt. Dann sitze ich wie in einer kleinen Höhle. Nur noch ein Holzpfiler ist zu sehen und die Rückseite der Kofferwand.

Der Kofferspeicher ist wirklich ein wunderbares Versteck. Seit ich auf die Idee gekommen bin, mich hier einzurichten, geht es mir im Heim ein bißchen besser, wenigstens abends nach dem Lichtaus. Schade nur, daß ich tagsüber nicht herkommen kann, aber da würde es bestimmt irgend jemandem auffallen. Außerdem sieht der Kofferspeicher bei Tag doch eher aus wie eine Rumpelkammer.

Ich stelle die Kerze auf die Koldere und hole mein Gedankenbuch aus seinem Versteck unter ein paar alten Ziegelsteinen. Mein Gedankenbuch ist eigentlich ein Poesie-Album. Tante Lou hat es mir letztes Jahr zum Geburtstag geschenkt und gesagt: »Laß alle deine Freundinnen hineinschreiben, Halinka. Später, wenn du eine erwachsene Frau bist, wirst du dich freuen, wenn du darin blätterst und dich an sie erinnerst.«

Seltsam. Wie kommt sie auf die Idee, daß ich Freundinnen haben könnte? Ich habe noch nie eine Freundin gehabt. Ich will auch keine. Wenn man Elisabeth und Dorothea beobachtet, die ja angeblich Freundinnen sind, dann kann einem wirklich die Lust vergehen. Elisabeth läßt Dorothea immer für sich arbeiten, Zimmerdienst, Schrank aufräumen, Pfortendienst, alles. Nur Spüldienst nicht. Dorothea hat nämlich einen

Buckel. Eigentlich sagt man Höcker dazu. Jedenfalls darf sie nicht spülen, denn beim Spülen muß man lange gebückt stehen, manchmal über eine Stunde, und sogar mir tut hinterher der Rücken weh. Einmal hat Elisabeth versucht, mich zum Spüldienst zu überreden. Sie hat mir Bonbons angeboten, aus den Päckchen, die sie alle zwei Wochen von zu Hause bekommt. Seither weiß ich, warum Dorothea alles für Elisabeth macht. Ich nicht, ich habe ihr vor die Füße gespuckt. Voller Verachtung, so habe ich das irgendwo gelesen.

Nein, ich will keine Freundin, und mich später an alle erinnern will ich erst recht nicht. Ich will sie vergessen. Ich mag nicht viele Leute, und mich mögen, glaube ich, noch weniger. Renate finde ich ganz nett, obwohl sie nichts sagt, außer so normale Sachen wie »Wieviel Uhr ist es?« oder »Was gibt es heute zum Mittagessen?« oder »Im Waschraum ist eine Birne durchgebrannt«. Seit Renate da ist, denke ich viel öfter an Orchideen. Ich weiß nicht, warum. Vielleicht, weil sie so bräunlich und sanft aussieht. Sie hat hellbraune Haare, hellbraune Augen und eine hellbraune Haut. Trotzdem verstehe ich es nicht ganz, denn Orchideen sind violett, purpurfarben und karminrot.

Ich greife nach meiner geheimen Riechdose, einer Dose Pelikanol. Der Klebstoff ist noch ziemlich neu, ich habe ihn erst vor zwei Wochen erwischt und dann die alte Dose, die fast nicht mehr gerochen hat, weggeworfen. Langsam schraube ich den Deckel ab und halte die Dose an meine Nase. Ich bin ganz wild darauf, Pelikanol zu riechen. Was für ein Geruch! Ein bißchen nach Marzipan, und ein bißchen nach etwas Fremdem, Geheimnisvollem. Wenn ich Pelikanol rieche, vergesse ich das Heim und alles andere. Ich habe früher gar nicht gewußt, daß es so einen tollen Geruch gibt, bis Fräulein Urban vor Weihnachten mit uns gebastelt hat. Manchmal schmiere ich mir mit dem kleinen Pinsel, der in der Dose ist, noch ein bißchen Pelikanol auf die Handfläche, bevor ich wieder ins Bett gehe. Dann kann ich es noch beim Zählen riechen.

Nein, ich will nicht, daß Renate meine Freundin wird. Warum sollte ich mir unnötig das Leben schwermachen? Was nützt eine Freundin, die nicht stark ist? Ganz klar, so jemand kann einem nur schaden.

Als kleine Schwester würde ich sie allerdings sofort nehmen. Vielleicht könnte ich ihr dann beibringen, wie man nicht mehr weint? Ich habe viel mehr Erfahrung als sie, ich bin ja auch ein halbes Jahr älter als sie. Renate gehört zu den Jüngsten in unserer Klasse.

Jeden Abend im Bett weinen! Wer tut schon so etwas? Obwohl ich manchmal den Verdacht habe, daß sie erst weint, wenn sie glaubt, daß alle außer ihr schlafen. Das könnte gut sein, mir merkt nämlich niemand an, daß ich noch wach bin. Ich kann vollkommen ruhig liegen und gleichmäßig atmen, das habe ich lange genug geübt. Rosemarie kann es übrigens genauso gut wie ich.

Rosemarie wäre eine nützliche Freundin. Sie ist ziemlich groß und stark. Und sie läßt sich nichts gefallen. Sogar Elisabeth traut sich nicht, ihr was zu tun. Sie sieht auch schön aus. Aber sie ist dumm, glaube ich. In der Schule ist sie jedenfalls sehr schlecht. Das macht ihr aber nichts aus, sie erbt sowieso später einmal das Café, dafür braucht sie kein gutes Zeugnis, sagt sie. Ihre Mutter hat ein Café, das die ganze Nacht offen ist, deswegen ist Rosemarie auch hier im Heim. Sie sagt, es wäre ein Café, und Elisabeth sagt, es wäre ein Bordell. Ein Bordell ist ein Haus, in das Männer kommen, weil sie Frauen lieben wollen. Elisabeth sagt dazu ficken. Ich weiß nicht, was das heißen soll. Oder wenigstens nicht genau, nur so ungefähr. Tante Lou hat gesagt, ficken wäre ein schlimmes Wort, und das dürfte ich nicht benutzen. Ich sollte sagen, ein Mann und eine Frau lieben sich. Manchmal ist Tante Lou wie ein Kind, und es gibt Sachen, die versteht sie einfach nicht. Mir macht so schnell niemand was vor, und später, wenn ich erwachsen bin, werde ich auf Tante Lou aufpassen, damit ihr keiner wehtut.

Rosemarie hat rötliche Locken und eine sehr weiße Haut, sie wird auch im Sommer nicht braun. Ich finde, sie ist das schönste Mädchen vom ganzen Heim. Sie weiß, wie hübsch sie aussieht. Zu Hause, im Café ihrer Mutter, laufen ihr alle Männer nach, sagt sie. Sie hat schon Brüste. Ich noch nicht, obwohl meine Brustwarzen in der letzten Zeit etwas dicker geworden sind. Aber sie sind hellrosa und nicht größer als mein kleiner Fingernagel, und ihre sind sehr groß und dunkelbraun.

Rosemarie ist für mich ein Problem. Ein viel größeres Problem als Elisabeth. Elisabeth ist einfach gemein, und von einem Wolf erwartet man nicht, daß er schnurrt. Rosemarie ist nicht gemein, nicht wirklich gemein. Sie ist gleichgültig.

Manchmal wartet sie abends, bis die anderen eingeschlafen sind, dann steht sie plötzlich neben meinem Bett. Ich fühle sie, noch bevor ich sie sehe. Ohne etwas zu sagen, setzt sie sich auf mein Bett, schiebt die Zudecke zur Seite und legt sich neben mich. Ich weiß genau, was sie will, auch wenn ich mich nicht daran erinnern kann, daß sie es mir je

gesagt hätte. Ich weiß nicht mehr, wann es das erste Mal war. Aber ich weiß genau, was sie will.

Sie liegt auf dem Bauch, das Nachthemd hochgeschoben bis zum Hals, und ich streichle ihr den Rücken. Nicht mit der ganzen Hand, sondern mit den Fingerspitzen. Ganz weich und sanft. So hat sie es gerne. Sie sagt kein Wort, aber ich merke an der Art, wie sie sich unter meinen Fingerspitzen bewegt, daß ich es richtig mache. Daß es ihr gefällt. Ihre Haut fühlt sich weich und warm und wunderbar an. Sie ist nicht dick, eigentlich sogar schmal, aber nichts an ihr ist knochig, noch nicht mal ihre Knie. Und sogar ihre Schulterblätter sind weich. Wenn ich mich der Stelle unter ihren Achseln nähere, schiebt sie den Oberarm zur Seite. Ich weiß das, es ist jedesmal so. Ich fahre mit den Fingerspitzen zu der Stelle zwischen Schulterblättern und Achseln, da, wo sie schon winzige, lockige Haare hat. Und dann noch ein bißchen tiefer. Genau dahin, wo ihre Brust anfängt, rund zu werden. Sie sagt nichts. Sie liegt ganz still. Ich weiß nie, was sie denkt. Vielleicht denkt sie gar nichts. Rosemarie, die Dumme. Manchmal werde ich so wütend, daß ich sie am liebsten schlagen würde, aber das tue ich natürlich nicht. Vielleicht ist sie gar nicht so dumm, vielleicht ist das nur ihr Trick, wie sie die anderen in Schach hält.

Aber wenn sie von mir etwas will, warum sagt sie es nicht? Nie sagt sie etwas. Nie, nie, nie. Manchmal umarmt sie mich und drückt sich fest an mich. So liegen wir dann ganz lange. Aber am nächsten Morgen ist es immer so, als wäre nichts gewesen. Als hätte sie sich nicht neben mich gelegt. Und wenn Elisabeth eine blöde Bemerkung über Zigeuner macht, lacht Rosemarie mit.

Manchmal mag ich sie sehr, weil sie so schön ist, jedenfalls schaue ich sie gern an. Und vielleicht könnte sie meine Freundin sein, wenn sie nicht am nächsten Morgen alles vergessen hätte.

Mich streichelt sie übrigens nie. Das ist mir auch ganz recht. Ich habe Angst, sie könnte fragen, woher meine Narben sind. Aber sie tut es ja zum Glück nicht. Sie geht wieder in ihr Bett, und ich bleibe allein zurück. An den Abenden, an denen sie zu mir unter die Decke gekrochen ist, fühle ich mich hinterher wirklich sehr allein. Dann wünsche ich mir eine Freundin. Aber nicht sehr lange. Morgens, beim Aufstehen, schaue ich nicht zu ihrem Bett hinüber, aber wenn ich ihre Stimme höre, fange ich an zu zittern. Das hält

mindestens einen halben Tag an. Nie hat sie etwas Besonderes zu mir gesagt. Sie spricht überhaupt nicht viel. Aber wie hat sie gemerkt, daß ich eine bin, mit der man so etwas machen kann? »Zigeunerinnen«, sagt Elisabeth, »sind alle Huren. Jeder Mann kann sie kaufen, wenn er nur genug bezahlt.«

Noch nie hat Rosemarie mich am Tag angeschaut. Tagsüber bin ich Luft für sie. Manchmal, wenn sie eine ganze Woche oder zwei nicht zu mir gekommen ist, frage ich mich, zu wem sie statt dessen gegangen ist. Obwohl ich genau weiß, daß ich immer als letzte einschlafe, schaue ich dann die anderen Mädchen im Zimmer an und denke: Zu ihnen nicht. Da bin ich ganz sicher. Zu denen geht sie nicht. Aber zu mir ist sie auch schon lange nicht mehr gekommen.

Gestern habe ich sie mit Duro gesehen. Sie haben zusammen auf der Wiese neben dem Sportplatz gesessen und eifrig miteinander geredet. Ausgerechnet Duro, die fette Kuh! Mir ist es egal.

Ich stelle die Pelikanol-Dose zur Seite, schlage mein Gedankenbuch auf und schreibe etwas Wichtiges hinein: »Man sollte sich nie etwas Unmögliches wünschen. Wer von Palästen träumt, verliert seinen Platz in der Hütte.« Dann greife ich wieder nach meiner Dose. Noch ein bißchen riechen, bevor ich ins Bett gehe.

5. Wer eine fette Gans schlachten will, muß sie erst mal gut füttern

Am nächsten Morgen, in der Schule, kann ich überhaupt nicht aufpassen, ich muß dauernd ans Sammeln denken. Ans Sammeln und an den Preis. Irgendwie muß ich die Leute dazu bringen, daß sie mir mehr Geld in die Büchse werfen als den anderen. »Wer eine fette Gans schlachten will, muß sie vorher gut füttern«, sagt Tante Lou. Und ich will eine fette Gans schlachten, ich will den Preis! Unbedingt! Vielleicht ist der Preis ein Buch? Vielleicht ein großer Wasserfarbkasten, wie Rosemarie einen hat? Vierundzwanzig verschiedene Farben sind drin.

Dann habe ich eine grandiose Idee.

In der Pause schleiche ich mich heimlich zum Werkraum und klaue mir aus der Schublade ein Stück Zeichenkohle. Damit werde ich mir schwarze Ringe unter die Augen malen, dann sehe ich noch bedauernswerter aus. Dann müssen die Mütter mit ihren hübsch angezogenen Kindern noch mehr Geld in meine Büchse werfen. Hach! Geschieht ihnen recht. Warum, weiß ich auch nicht, aber recht geschieht es ihnen! Mütter mit hübsch angezogenen Kindern kann ich nicht ausstehen.

In der fünften Stunde bekommen wir das Diktat zurück, das wir letzte Woche geschrieben haben. Ich habe eine Vier, schade. Aber das hätte ich mir denken können. Im Diktat bin ich schlecht. Vielleicht liegt es daran, daß ich zuerst in Polen in die Schule gegangen bin und erst später Deutsch gelernt habe. Vielleicht bin ich auch einfach zu blöd fürs Diktat. Sonst bin ich ganz gut in der Schule, besonders im Aufsatzschreiben und im Rechnen. Ich gebe mir aber auch Mühe, schon weil Tante Lou das will.

Vor dem Mittagessen wird bei uns die Post ausgeteilt. Fräulein Urban hat sie vor sich auf dem Tisch Hegen und ruft die einzelnen auf. Diesmal ist tatsächlich ein Brief für mich dabei, der Brief, auf den ich schon so lange gewartet habe. Von Tante Lou natürlich, von wem sonst? Ein brauner, länglicher Umschlag. Ich mache ein gleichgültiges Gesicht, als ich ihn in Empfang nehme, aber meine Hand zittert.

Die anderen reißen ihre Briefe sofort auf und fangen schon beim Gehen an zu lesen. Das würde ich nie tun. Mein Brief gehört mir, nur mir allein. Man soll mir noch nicht einmal ansehen, wie ich mich freue. Ich halte den Umschlag nur ganz kurz gegen das Fenster.

Aber das Papier ist zu dick, ich kann nicht sehen, was drin ist.

»Na, Halinka, willst du deinen Brief denn nicht aufmachen und lesen?« fragt Fräulein Urban.

Ich gebe ihr keine Antwort. Ich stopfe den Umschlag unter meine rote Bluse, die Tante Lou mir in den Osterferien gekauft hat, und setze mich schnell an meinen Platz. Ich tue so, als wäre nichts Besonderes, aber in mir singt es. Tante Lou, Tante Lou, Tante Lou! Ich habe schon so lange auf diesen Brief gewartet.

Inge hat ein Päckchen bekommen.»Von meiner Mutter«, sagt sie und legt es neben ihren Teller.

Duro fragt sie, warum sie es denn nicht gleich aufmacht, aber so blöd ist Inge nicht. Damit sie Duro etwas abgeben muß? Sie schüttelt nur den Kopf.

Wer weiß, was alles drin ist in dem Päckchen. Bonbons natürlich, in allen Päckchen sind Bonbons. Manchmal auch Schokolade oder ein Buch oder was zum Anziehen. Elisabeth hat neulich einen braunen Nicki bekommen, und dazu ein grünes Nickituch.

Der Brief von Tante Lou raschelt unter meiner Bluse, aber so leise, daß nur ich es höre. Briefe von Tante Lou sind schön. Nicht weil sie lange Briefe schreiben würde, in denen etwas Richtiges drinsteht, eine Geschichte oder so. Das tut sie nicht, weil sie nämlich nicht gut Deutsch schreiben kann, und ich habe mein Polnisch fast vergessen. Aber erstens ist Tante Lou die einzige, die mir schreibt, ich habe sonst niemanden, und außerdem ist in ihren Briefen immer etwas drin. Fast immer jedenfalls. Manchmal ein Fünfmarkschein und manchmal ein Zehner, der ist dann für ein Zugbillet. Diesmal wird ein Zehnmarkschein drin sein, da bin ich sicher. Und dann fahre ich am Wochenende zu ihr. Es ist auch höchste Zeit, ich halte es hier kaum mehr aus.

Alle vier Wochen darf man vom Heim aus nach Hause fahren, und ich war schon so lange nicht mehr bei Tante Lou. In den Pfingstferien ging es nicht, weil die Frau, bei der sie zur Untermiete wohnt, ihren Sohn und ihre Schwiegertochter mit den Kindern zu Besuch hatte. Die Wohnung war zu voll, deshalb hat sie nicht erlaubt, daß ich komme.

Tante Lou hat mich am Pfingstsonntag besucht, und wir sind lange spazierengegangen. Quer durch den Wald bis zum Aussichtslokal. Dort haben wir Limonade getrunken, und

dann sind wir wieder zurückgegangen. Gegen Abend ist Tante Lou weggefahren, und ich bin ganz allein hiergeblieben. Seit fast neun Wochen bin ich jetzt ununterbrochen im Heim, das kommende Wochenende wäre das neunte.

Nach dem Mittagessen gehe ich sofort aufs Klo, verriegle sorgfältig die Tür und reiße den Umschlag auf. Kein Zehnmarkschein, noch nicht mal ein Fünfer. Überhaupt kein Geld, nur ein ziemlich kurzer Brief.

Sie hat zwei Wochen nicht arbeiten können, weil sie Grippe hatte, deshalb kann sie mir noch kein Geld schicken. Jetzt ist sie wieder gesund. »Du mußt noch ein bißchen Geduld haben«, schreibt sie. Aber sie hat mich sehr lieb und schickt mir viele Küsse, und Uncle Sam Silver läßt mich ebenfalls grüßen.

Ein schöner Brief, auch wenn er so kurz ist. Ich muß ein bißchen weinen. Aus Freude oder aus Enttäuschung, das weiß ich selber nicht. Ich wäre so gern zu Tante Lou gefahren.

Draußen klopft jemand an die Klotür. Ich kümmere mich eine Weile nicht darum, ich hasse es, wenn ich mich so beeilen muß. Und erst recht hasse ich es, wenn mir jemand ansieht, daß ich geweint habe. Langsam falte ich das Blatt zusammen, stecke es wieder in den Umschlag und dann den Umschlag in mein Unterhemd. Das ist ein sicherer Platz, mein Rockbund ist eng genug, damit der Umschlag nicht rausrutschen kann. Er fühlt sich kühl an und kratzt ein bißchen.

Wieder wird an die Tür geklopft, oder besser gesagt, gehämmert. So eine blöde Kuh, die da draußen. Sie könnte doch zum anderen Ende vom Flur gehen, dort gibt es zwei Toiletten nebeneinander.

»Ich hab dich sehr lieb«, hat Tante Lou geschrieben. Ganz am Anfang, als ich ins Heim gekommen bin, ins frühere, hat sie »lib« geschrieben, ohne »e«. »Lieb« schreibt man mit »ie«, habe ich geantwortet, und sie hat zurückgeschrieben, das würde sie sich gut merken. »Lieb« sei ein sehr wichtiges Wort, das dürfe man nicht falsch schreiben.

Wieder wird geklopft, und jemand schreit: »Komm endlich raus!«

Natürlich erkenne ich die Stimme sofort. Es ist Elfriede. Wenn ich das gewußt hätte! Mit der würde ich mich nie anlegen, dazu ist sie viel zu groß und zu stark, und vor allem schlägt sie viel zu schnell zu. Warum hat sie denn nicht gleich gesagt, daß sie es

ist? Manchmal vergesse ich immer noch, daß es hier sehr viele gibt, die größer und stärker sind als ich. Im Hildegardis war das was anderes, da war ich eine von den Großen.

Jetzt beeile ich mich wirklich. Als ich die Tür aufmache, ziehe ich den Kopf ein und halte die Hände vors Gesicht. Deshalb trifft mich Elfriede nur einmal auf die linke Backe, da aber richtig.

»Das nächste Mal gehst du sofort raus, wenn jemand anders muß, verstanden?« Da ist sie auch schon im Klo und schiebt noch nicht mal den Riegel vor, so eilig hat sie es. Zum Glück hat sie mich vor lauter Wut nicht richtig angeschaut. Bestimmt hat sie meine verweinten Augen nicht bemerkt.

Ich gehe in den Waschraum und betrachte mich im Spiegel. Meine Augen sind rot, aber das würde im Moment keinem auffallen, denn meine Backe ist noch viel röter und schwillt an. Die Finger zeichnen sich jetzt schon als weiße Streifen ab. Spätestens in einer Stunde ist es wieder vorbei, ich kenne das. Bei mir sieht man jeden Schlag und jeden Kratzer doppelt so deutlich wie bei anderen.

»Das ist eine allergische Reaktion«, hat der Doktor im Sanatorium gesagt. »Deine Haut reagiert extrem empfindlich auf jede Reizung.«

Tante Lou, die dabei war, hat meine Hand gestreichelt und gesagt: »Ihre Seele auch.«

Der Arzt hat sie angeschaut, als wäre sie übergeschnappt. Mir war es peinlich. Mir ist es immer ein bißchen peinlich, wenn Tante Lou vor fremden Leuten so etwas sagt. Aber wenn wir alleine sind, höre ich ihr gerne zu. Sie sagt so schöne Sachen.

Manchmal ist so eine allergische Reaktion auch nützlich. Letztes Jahr hat mir ein Vertretungslehrer, der mich nicht kannte, eine Ohrfeige gegeben, ich weiß schon nicht mehr, warum. Jedenfalls ist meine Backe dick angeschwollen und rot geworden, und bestimmt hat man auch alle Finger gesehen. Er hat mich ganz entsetzt angestarrt, dann hat er mich hinaufgebracht ins Heim, ins Krankenzimmer, und gesagt, ich soll mich hinlegen und ausruhen. Natürlich habe ich mich den ganzen Vormittag ausgeruht, ich wäre ja blöd, wenn ich es nicht getan hätte. Mittags hat mir der Krankendienst etwas zu essen gebracht, deshalb bin ich bis zum Abend im Bett liegegeblieben und habe gelesen. Vor dem Abendessen ist dann Fräulein Urban gekommen und hat mich

hinunter ge jagt in den Speisesaal. Sie kennt meine allergische Reaktion und nimmt sie nicht besonders ernst. Kann ich ja auch verstehen.

Ich wasche mir die Augen mit kaltem Wasser, bis man fast nichts mehr sieht vom Weinen, dann gehe ich in unser Zimmer. Nur Elisabeth, Susanne und Renate sind da. Elisabeth liegt auf dem Bett und zieht mal wieder ihre Puppe um. Renate schaut mich erschrocken an, und Susanne fragt, wer das getan hat. »Elfriede«, sage ich und lege mich auf mein Bett. Meine Backe brennt, meine Augen brennen, und mein Bauch tut weh. Vielleicht werde ich krank.

Ich bin oft krank. Ich habe irgendeine Krankheit, für die Doktor Zuleger, unser Heimarzt, keinen Namen weiß. Das hat er jedenfalls gesagt. Ich muß dann brechen, der Bauch tut mir weh, der Kopf, einfach alles. Und ich bin so müde, daß ich dauernd schlafe. Ich schlafe und weine. Nach zwei, drei Tagen habe ich dann genug geschlafen und geweint, und alles ist wieder normal. Früher, im Hildegardis, war es noch viel schlimmer als hier. »Du wirst älter«, hat Doktor Zuleger gesagt, »und irgendwann ist es dann vorbei.« Hoffentlich hat er recht!

Ich drücke das Gesicht in meine Tagesdecke. Das nächste Mal, wenn ich bei Tante Lou bin, werde ich sie bitten, daß sie mir wieder ein bißchen von ihrem Parfüm mitgibt, und das tu ich dann auf meine Decke, damit sie nach ihr riecht. »Du hast eine Nase wie ein Fuchs und Augen wie ein Adler«, hat Tante Lou einmal zu mir gesagt. »Du wirst dich schon durchschlagen.« Ich war ein bißchen stolz, als sie das gesagt hat.

Aber es stimmt, ich habe wirklich eine gute Nase. Übrigens, etwas ist seltsam. Alles, was man sieht oder hört, kann man leicht behalten, aber Gerüche nicht. Nur wenn man etwas Bestimmtes wieder riecht, erinnert man sich plötzlich daran, daß man den Geruch kennt, und versteht gar nicht mehr, wie man ihn vergessen konnte.

Als ich höre, wie Elisabeth ihre Büchse nimmt und zur Tür geht, weiß ich, daß es kurz vor halb drei sein muß, Elisabeth hat nämlich eine eigene Armbanduhr. Ich warte, bis die Tür hinter ihr zugefallen ist, dann stehe ich auf. Mit der geklauten Zeichenkohle gehe ich wieder in den Waschraum, zum Spiegel. Von der Ohrfeige ist schon nichts mehr zu sehen. Ich male mir wunderschöne schwarze Ringe unter die Augen. Dann wische ich mit meinem Rockzipfel wieder ein bißchen Farbe weg, weil mir die Ringe doch etwas zu schwarz geraten sind. Jetzt habe ich schwarze Streifen auf der rechten

Backe. Ich wische und male und male und wische, bis ich endlich zufrieden bin. Wenn ich das Gesicht ganz nah an den Spiegel halte, erkenne ich natürlich die beiden Kohlestriche, aber wenn ich zwei, drei Schritte zurücktrete, sieht es ganz echt aus. Ein armseliges Mädchen mit tiefen Ringen unter den Augen. Ich muß nur aufpassen und den Kopf senken, wenn jemand nah vor mir steht. Aber von weitem wirkt es prima.

Dann hole ich meine Büchse und renne los. Die Tür zum Aufenthaltsraum ist offen. Im Vorbeigehen sehe ich, daß Herr Sauer heute Aufsicht hat. Der kümmert sich nie um was. »Hauptsache, der Krach hält sich in Grenzen«, sagt er immer, »alles andere ist mir egal.« Und so benimmt er sich auch. Wenn eine von uns etwas vorhat — heimlich abhauen, wenn eigentlich kein Ausgang ist, oder so was — , dann wartet sie, bis Herr Sauer Dienst hat.

Alle Lehrer müssen abwechselnd nachmittags im Heim Aufsicht machen. Am schlimmsten ist Frau Knieser. Die schleicht, wenn sie da ist, ständig im Flur herum und lauert nur darauf, daß sie uns bei irgendwas Verbotenem ertappt. Aber Frau Knieser hat nur selten Aufsicht, weil sie eine kranke Mutter zu Hause hat, die sie pflegen muß. Vielleicht sagt sie das auch nur, weil sie nicht gerne bei uns Dienst macht. Man könne sich nicht auf uns verlassen, sagt sie. Lieber würde sie einen Sack voll Flöhe hüten.

Ich würde auch nicht gerne Dienst im Heim machen. Alles lieber als das. Ich würde freiwillig kein Heim betreten.

6. Wenn das Glück kommt, muß man ihm einen Stuhl hinstellen

Herr Breilkopf schließt mir die Tür auf. »Du bist spät«, sagt er, »die anderen sind schon alle weg.«

Was geht ihn das an? Soll er sich doch um seinen eigenen Kram kümmern. Immer muß hier jemand meckern, und nichts kann man machen, ohne daß jemand was dazu sagt. Ich ärgere mich so, daß ich drauf und dran bin, ihm eine freche Antwort zu geben. Gerade noch rechtzeitig fallen mir die Kohlestriche ein, und ich schleiche wortlos und mit gesenktem Kopf an ihm vorbei. Ich muß wirklich aufpassen. Zum Glück ist der Himmel heute bedeckt, bei Sonne würde man meinen Trick viel leichter bemerken.

Zwei Häuser weiter bleibe ich verblüfft am Zaun stehen. Der Hund ist draußen, zum ersten Mal. Ich verstehe es nicht. Er ist überhaupt nicht groß und schwarz und ein bißchen unheimlich. Ganz im Gegenteil. Er geht mir höchstens bis zum Knie und ist hellbraun. So kann man sich irren. Nie könnte ich zu dem einfach »Faß!« sagen, und schon würde er alle beißen. Vor dem da hätte niemand Angst. Vielleicht haben die Leute zwei Hunde? Dieses Hündchen da und noch einen richtigen? Der da kommt sogar zum Zaun und wedelt freundlich mit dem Schwanz. Ich halte ihm meine Hand hin, und er leckt sie mit seiner langen, feuchten Zunge. Ein nettes Schoßhündchen, da kann man nichts sagen. Trotzdem gehe ich enttäuscht weiter.

Mein Platz vor der Metzgerei ist frei. Aus dem Laden kommt die schrille Stimme: »Was darf's denn sein?« Ich lehne mich an die Wand neben dem Eingang.

Mein Trick mit dem bedauernswerten Aussehen klappt. Er klappt wirklich über Erwarten gut. Gleich die zweite Frau sagt »Wart mal« und wühlt in ihrer Einkaufstasche. Ich halte den Kopf gesenkt, damit sie die Zeichenkohle nicht erkennt. Sie drückt etwas zwischen meine Finger und die Sammelbüchse. Die ist nämlich inzwischen so schwer, daß ich sie nicht dauernd am Griff halten kann.

Eine Tafel Schokolade. Eine ganze Tafel Vollmilchschokolade! Ich muß mir große Mühe geben, weiter ein gleichgültiges Gesicht zu machen. Am liebsten wäre ich in die Luft gesprungen vor Freude. Am liebsten hätte ich die Frau umarmt. Eine ganze Tafel

Schokolade! Das ist doch schon so was wie ein Preis! Und dann wirft sie sogar noch Geld in meine Sammelbüchse.

Ich schaue der Frau nach. Sie ist richtig dick und hat einen braunen Rock und eine weiße Bluse an. Die Bluse spannt über dem Rücken, man sieht deutlich, wie ihr Büstenhalter einschneidet. Dicke Speckwülste hat sie. Da dreht sie sich noch einmal zu mir um. Jetzt ist sie so weit weg, daß sie die Kohlestriche unter meinen Augen bestimmt nicht mehr erkennen kann. Ich drücke mit der linken Hand die Büchse an den Bauch, mit der rechten, in der ich die Schokolade halte, winke ich ihr zu und rufe »Vergelt's Gott«, wie die alten Frauen sagen. Sie lacht und winkt zurück.

Schnell schiebe ich die Tafel Schokolade in die Tasche meiner grünen Windjacke und schaue mich nach meinem nächsten Opfer um.

Die Leute sind selber schuld, wenn sie so blöd sind. Huckleberry Finn hätte die Idee mit der Zeichenkohle gut gefallen, da bin ich sicher, aber draufgekommen wäre er bestimmt nicht. Der hat ja auch nie sammeln müssen, der hat einen richtigen Schatz gefunden. Und wie gescheit er das Geld vor seinem Vater gerettet hat! Der hätte doch auf der Stelle alles versoffen.

Eine alte Frau kommt aus der Bäckerei, jetzt ist keine Kundin mehr drin. Eine gute Gelegenheit, sich ein Brötchen zu besorgen.

Schnell drücke ich die Tür auf. Eine ziemlich mollige jüngere Frau sitzt auf einem Stuhl hinter der Theke. Sie sieht gemütlich aus. Sie hat die Arme aufgestützt, und vor ihr, gleich neben der Kasse, steht ein großes Glas mit Waffeln. Die Schaumfüllungen sind rosa, gelb und hellgrün, genau wie in der Bäckerei neben dem Haus, in dem meine Mutter wohnt. Oder gewohnt hat. Vielleicht ist sie ja umgezogen, ich weiß es nicht. Auf der anderen Seite der Theke steht eine große Schale mit aufgehäuften Kaffeestückchen, Schnecken und Hörnchen. Sie sind mit einem weißen Zuckerguß überzogen, und am Rand, wo der Zuckerguß ganz dünn wird, kann ich deutlich dunkle Hügelchen erkennen. Rosinen.

In dem Laden riecht es wunderbar nach Brot und Kuchen. Draußen habe ich das gar nicht gemerkt. Aber erstens ist die Ladentür immer zu, im Gegensatz zur Metzgerei nebenan, und zweitens überdeckt der starke Räuchergeruch von Wurst den viel

sanfteren Brotgeruch. Wenigstens bei meiner Nase ist das so, für die riecht nichts stärker als Wurst.

»Was willst du?« fragt die Frau hinter der Theke und steht auf.

Ich hebe meine Büchse und strecke sie ihr entgegen.

Sie winkt ab. »Bei uns hat gestern schon jemand an der Wohnungstür gesammelt, und zweimal spenden tu ich nicht.«

An ihrer Stimme merke ich, daß ich mich geirrt habe. Sie ist nicht gemütlich. Aber so schnell gebe ich nicht auf. Ich bleibe stehen und starre an ihr vorbei zu den Regalen an der Rückwand des Ladens. Brote in allen Größen, und ein Fach mit Brötchen. Wasserwecken und Milchbrötchen, die in der Mitte eingekerbt sind.

Die Frau folgt meinem Blick und verzieht ärgerlich das Gesicht. »Ist noch was?« fragt sie. »Geh jetzt. Ich will nicht, daß du hier im Laden sammelst und meine Kunden belästigst.«

Innerlich murmele ich einen Fluch, laut traue ich mich nichts zu sagen. Dann gehe ich wieder hinaus. Ohne Brötchen und ohne Waffelbruch. Am liebsten hätte ich allerdings ein Kaffeestückchen gehabt, mit Rosinen und mit weißem Zuckerguß. Aber es hilft nichts. Wer ein kaltes Herz hat, ballt eher die Faust in der Tasche, als daß er etwas gibt. Soll sie doch an ihrem Geiz ersticken!

Meine Enttäuschung hält aber nicht lange vor. Wie könnte sie auch! Ich habe doch eine ganze Tafel Schokolade in der Tasche, und außerdem stehe ich vor der Metzgerei von der Frau mit den zwei Stimmen. »Komm doch morgen wieder vorbei«, hat sie gesagt, und es hat sich angehört, als meine sie es ernst.

Mit Schokolade in der Tasche ist der Geruch nach Wurst fast erträglich. Trotzdem schaffe ich es nicht, so lange zu warten wie gestern, das wäre auch nicht sehr gescheit.

»Wenn das Glück kommt, muß man ihm einen Stuhl hinstellen«, sagt Tante Lou immer. Als der Schatten vom Haus gegenüber gerade erst bis zur Straßenmitte reicht, warte ich ab, bis keine Kunden mehr im Laden sind, dann gehe ich hinein.

Ich halte der Frau meine Büchse hin, genau wie gestern, und senke dabei vorsichtshalber den Kopf. Die Theke ist nicht sehr breit, und ich weiß nicht, ob sie die

Kohle unter meinen Augen erkennen kann oder nicht. Außerdem wirkt ein gesenkter Kopf bescheiden, und alle Leute haben bescheidene Kinder lieber als unverschämte.

»Da bist du ja wieder«, sagt sie, diesmal sofort mit ihrer Zweitstimme, der sanften, und hält mir etwas hin. Ein Wiener Würstchen, stelle ich mit einem schrägen Blick nach oben fest. Nein, zwei. Ich schnappe sie so schnell, wie es mit gesenktem Kopf eben geht. Heute kann ich sofort »Danke« sagen. Man gewöhnt sich an alles, sogar an was Gutes. Noch einmal erscheint ihre Hand, diesmal mit einer Münze, einem Markstück, das sie in den Schlitz meiner Sammelbüchse steckt. Eine ganze Mark! Ich wünsche ihr aus vollem Herzen ein langes und gesundes Leben, sie muß wirklich ein guter Mensch sein.

Dann stehe ich wieder vor dem Laden. Zwischen einem gütigen Spender und dem nächsten nehme ich manchmal einen kleinen Bissen von einem Würstchen. Eines habe ich schon fast aufgegessen, das geht zu schnell, ich muß sparsamer damit umgehen. Ich werde zweimal Münzenklappern abwarten, bis ich mir wieder einen Bissen gönne. Es ist wie ein Spiel und macht mir Spaß. Was für ein schöner Tag.

Im Haus gegenüber, im Stockwerk über dem Kleidergeschäft, hat sich eine alte Frau ans offene Fenster gesetzt. Sie stützt sich mit den Ellenbogen aufs Fensterbrett und schaut zu mir herüber. Ihre Wangen sind eingefallen, bestimmt hat sie keine Zähne mehr. Das erinnert mich daran, daß ich meine Backen wieder einziehen muß. Noch ein Grund mehr, nicht so schnell in die Wurst zu beißen, ich werde jedesmal vier Spender abwarten.

Die erste ist eine Frau mit einem Hut auf dem Kopf, so einem kleinen, weißen Ding mit einer blaugrünen schillernden Feder. Eine Dame. Ihre Nägel sind knallrot lackiert. Sie wirft drei Geldstücke in den Schlitz. Ich habe sie nicht gesehen, aber ich glaube, es waren nur Pfennige, weil sie nicht besonders laut geklimpert haben.

Der nächste ist ein Mann mit einem dicken Bauch und Doppelkinn. Ihm muß ich erst die ganze Geschichte von Frau Heuss-Knapp erzählen, der lieben, gütigen, mildtätigen Frau unseres Bundespräsidenten, die das Müttergenesungswerk gegründet hat. Er hört sich alles an und stellt sogar noch Fragen.

»Sind die Amis beteiligt?«

Ich habe keine Ahnung, ob die Amerikaner beteiligt sind, aber so, wie er das Wort »Amis« ausgesprochen hat, sage ich schnell: »Nein.«

»Die Kommunisten?« fragt er, und sein Doppelkinn bibbert beim Sprechen. »Hat es was mit den Kommunisten zu tun?«

»Nein«, sage ich, obwohl ich keine Ahnung habe, wer außer Frau Heuss-Knapp sonst noch damit zu tun hat. »Es ist eine ganz und gar deutsche Sache.«

Jetzt wäre es gut, wenn ich lange blonde Zöpfe hätte und nicht so schwarze Strähnen. Aber er scheint sich nicht daran zu stören. Er wirft zwei Geldstücke in die Büchse, und ich bilde mir ein, sie hätten silbrig geklungen. Große Geldstücke klingen anders als Pfennige, das weiß ich inzwischen genau, auch wenn die Leute das Geld oft so halten, daß ich nicht sehen kann, was sie reinschmeißen. Schade, daß die Büchse nicht aus Glas ist. Das wäre viel spannender. Außerdem könnte man sie auch mal aus Versehen fallen lassen. Natürlich nicht hier auf der Straße, wo sich dann jeder was von dem Geld aufheben könnte.

Die dritte ist wieder eine Dame mit einem sehr ordentlich gekleideten Kind, einem Jungen. Obwohl der nicht viel kleiner ist als ich, führt sie ihn noch an der Hand. Das macht mich ganz verrückt. Ich will ja gar nicht, daß mich jemand an der Hand hält, auf offener Straße, meine ich, und trotzdem kommen mir jedesmal die Tränen vor Wut, wenn ich so etwas sehe. Besonders schlimm ist es, wenn es sich um ein Kind handelt, das zwischen einer Mutter und einem Vater geht und von allen beiden an der Hand gehalten wird. Solche Kinder könnte ich umbringen. Oder die Mütter oder die Väter, da bin ich mir nicht sicher. Ich weiß nur, daß mich so etwas fuchsteufelswild macht.

Unauffällig streiche ich mit der Hand über meine Bluse. Der Brief raschelt leise, und wenn ich mich bewege, kann ich ihn auch auf der Haut spüren. Dann mache ich für einen Moment die Augen zu und stelle mir Tante Lous Gesicht vor. Meine Wut vergeht. Wenn ich an Tante Lou denke, kann ich einfach nicht wütend bleiben. Aber ich darf nicht zu lange an sie denken, sonst...

Ich mache die Augen wieder auf. Sie brennen noch ein bißchen, aber das kann auch an der Sonne liegen, die plötzlich zwischen zwei Wolken auftaucht und mich blendet.

Die nächste Spenderin ist zum Glück keine Frau mit Kind, sondern eine mit zwei Einkaufstaschen, die sie geduldig abstellt. Natürlich gibt sie mir was. Ich sehe heute so bedauernswert aus, daß mir niemand widerstehen kann. Ich bin nicht zu schlagen, heute kriege ich alles, was ich will. Nur keine zehn Mark, damit ich zu Tante Lou fahren kann.

Auf einmal ist die Tafel Schokolade nicht mehr so wichtig. »Wenn es im Herzen bitter ist, hilft im Mund kein Zucker.« Auch das ist ein Spruch von Tante Lou.

Ich zwingen mich, nicht mehr an sie zu denken, nur noch an das Sammeln. Dabei geht es mir nicht um das Müttergenesungswerk. Warum sollte ich für fremde Mütter sammeln? Mir geht es um den Preis, den will ich haben. Ich nehme einen großen Bissen von der zweiten Wurst. Aber auch die schmeckt mir nicht mehr so gut wie vorher. Und die Sonne ist auch wieder hinter den Wolken verschwunden.

Gegen fünf ist meine Büchse sehr, sehr schwer. Sie muß wirklich fast voll sein. Wenn ich sie schüttele, rasselt es nur dumpf, und wenn jemand ein Geldstück hinein wirft, ist der Aufprall sofort zu hören. Richtig scheppern tut es schon lange nicht mehr. Bestimmt ist sehr viel Geld drin. Ich darf gar nicht erst anfangen mir vorzustellen, was man alles damit machen könnte. Ich sollte lieber an den Preis denken. Der ist mir, glaube ich, sicher.

Doch inzwischen frage ich mich, ob ich ihn wirklich will, auch wenn er vielleicht ein Buch ist. Bestimmt ist er ein Buch, was sollte er sonst sein? Bei uns kriegt immer das Mädchen, das in der Abschlußklasse das beste Zeugnis hat, ein Buch, hat Duro erzählt. Meistens ein Konversationslexikon oder die Sagen des klassischen Altertums. Ein Buch wäre kein schlechter Preis.

Aber mir geht Tante Lous Spruch von der fetten Gans einfach nicht aus dem Kopf. Immer wieder muß ich daran denken, auch wenn ich es eigentlich nicht will. Ich bin so versunken, daß ich vom Heimweg überhaupt nichts mitbekomme. Plötzlich stehe ich vor dem Tor.

Oben gehe ich zuerst in den Waschraum und wasche mir die Zeichenkohle weg. Ich will auf keinen Fall, daß eine andere meinen Trick mitbekommt. Das Sammeln ist jetzt zwar vorbei, aber wer weiß, ob ich ihn nicht irgendwann noch einmal brauchen kann.

